

Seminário sobre agitação e propaganda

APOSTILA 3

Lenin

Todos os textos, exceto o que está indicado o nome do autor, são de V. I. Lenin

Janeiro/fevereiro de 2020

Sumário

Que Fazer?	3
As lições da insurreição de Moscou	25
Sobre a questão da dialética.....	29
Teses de Abril – <i>Um texto escandaloso para os reformistas de ontem e de hoje</i> Francesco Ricci	32
Teses de Abril	37
A propósito das palavras de ordem.....	40
O marxismo e a insurreição	45
O Estado e a revolução	48
Esquerdismo, doença infantil do comunismo	56

Que fazer?

1903 (extratos)

Dogmatismo e “liberdade de crítica

a) Que significa a “liberdade de crítica”?

A “liberdade de crítica” é, sem dúvida alguma, a palavra de ordem atualmente mais em voga, aquela que aparece com mais frequência nas discussões entre socialistas e democratas de todos os países. [...]

Com efeito, não é segredo para ninguém que na social-democracia internacional¹ contemporânea se formaram duas tendências cuja luta ora se reaviva e irrompe em chamadas, ora se abranda e arde lentamente sob as cinzas de imponentes “resoluções de tréguas”. Em que consiste a “nova” tendência que assume uma atitude “crítica” frente ao marxismo “velho, dogmático”, disse-o Bernstein e mostrou-o Millerand com suficiente transparência. A social-democracia deve transformar-se de partido da revolução social num partido democrático de reformas sociais. [...] Bernstein nega a possibilidade de se conferir fundamento científico ao socialismo e de demonstrar, do ponto de vista da concepção materialista da história, a sua necessidade e a sua inevitabilidade; nega a miséria crescente, a proletarização e a exacerbção das contradições capitalistas; declara inconsistente a própria concepção de “objetivo final” e rejeita a ideia de ditadura do proletariado; nega a oposição de princípios entre o liberalismo e o socialismo; nega a teoria da luta de classes, considerando-a inaplicável a uma sociedade democrática, governada segundo a vontade da maioria etc.

¹ A propósito. É um fato talvez único na história do socialismo moderno e, no seu gênero, extremamente consolador, que, pela primeira vez, uma disputa entre tendências diferentes no seio do socialismo se tenha convertido de nacional em internacional. Anteriormente, as discussões entre lassalianos e eisenachianos, entre guesdistas e possibilistas, entre fabianos e sociais-democratas, entre partidários de *A Vontade do Povo* e sociais-democratas eram discussões puramente nacionais, refletiam particularidades nitidamente nacionais, desenvolviam-se, por assim dizer, em planos diferentes. Atualmente (isto é hoje muito óbvio), os fabianos ingleses, os ministerialistas franceses, os bernsteinianos alemães, os críticos russos constituem uma só família, elogiam-se de forma mútua, aprendem uns com os outros e, em comum, levantam-se contra o marxismo “dogmático”. Será que, nesta primeira batalha verdadeiramente internacional contra o oportunismo socialista, a social-democracia revolucionária internacional conseguirá fortalecer-se o suficiente para acabar com a reação política que há tanto tempo impera na Europa? (Nota do autor)

Lassallianos e eisenachianos: dois partidos do movimento operário alemão da década de 60 e princípios da de 70 do século 19 que travaram entre si uma encarniçada luta, sobre as questões da tática e, sobretudo, em relação ao problema mais agudo da vida política da Alemanha daqueles anos: o dos caminhos da sua reunificação.

Lassallianos: partidários e seguidores do socialista pequeno-burguês alemão F. Lassalle, membros da União Geral Operária Alemã, fundada em 1863 no Congresso das Sociedades Operárias, em Leipzig. O primeiro presidente da UGOA foi Lassalle, que formulou o programa e os fundamentos da tática da União. A luta pelo sufrágio universal foi proclamada programa político da UGOA, e a criação das associações operárias de produção, subvencionadas pelo Estado, figurou como o seu programa econômico. Lassalle e os seus partidários apoiavam, na sua ação prática, a política de grande potência de Bismarck. K. Marx e F. Engels criticaram repetidas vezes e de forma severa a teoria, a tática e os princípios de organização do lassallianismo, que consideravam como uma corrente oportunista no movimento operário alemão.

Eisenachianos: membros do Partido Operário Social-Democrata da Alemanha, fundado em 1869, no Congresso de Eisenach, cujos dirigentes eram A. Bebel e W. Liebknecht, que se encontravam sob a influência ideológica de Marx e Engels. No programa eisenachiano, assinalava-se que o Partido Operário Social-Democrata da Alemanha se considerava uma “seção da Associação Internacional dos Trabalhadores e compartilha as suas aspirações”. [...]

Fabianos: membros da Sociedade Fabiana, organização reformista inglesa fundada em 1884, cujo nome vem do chefe militar romano Fábio Máximo (século III antes da nossa era), alcunhado “Cunctator” (o “Contemporizador”) pela sua tática de expectativa, evitando os combates decisivos na guerra com Aníbal. A Sociedade Fabiana compunha-se principalmente de intelectuais burgueses: cientistas, escritores, políticos (tais como S. e B. Webb, B. Shaw, R. MacDonald e outros); negavam a necessidade da luta de classe do proletariado e da revolução socialista, assegurando que a transição do capitalismo para o socialismo só era possível pela via das pequenas reformas e mudanças paulatinas na sociedade. V. I. Lenin definiu a corrente fabiana como “uma tendência do oportunismo extremo”.

Assim, a exigência de uma mudança decisiva da social-democracia revolucionária para o social-reformismo burguês era acompanhada de uma reviravolta, não menos decisiva, para a crítica burguesa de todas as ideias fundamentais do marxismo. E como essa crítica era, há muito tempo, dirigida contra o marxismo da tribuna política e da cátedra universitária, em numerosas publicações e tratados científicos; como toda a nova geração das classes cultas foi educada de forma sistemática durante decênios com base nesta crítica, não é de estranhar que a “nova” tendência “crítica” na social-democracia tenha surgido, de repente, completamente acabada [...]

Prossigamos. Se a crítica teórica de Bernstein e as suas ambições políticas estavam ainda pouco compreensíveis para alguns, os franceses tiveram o cuidado de fazer uma demonstração prática do “novo método”. [...] Em vez de teorizar, os socialistas franceses lançaram diretamente suas mãos à obra; as condições políticas da França, mais desenvolvidas no sentido democrático, permitiram-lhes passar imediatamente ao “bersteinianismo prático” com todas as suas consequências. Millerand deu exemplo brilhante desse bersteinianismo prático. [...] Com efeito, se a social-democracia não é, no fundo, senão um partido de reformas, e deve ter a coragem de o reconhecer abertamente, um socialista não só tem o direito de entrar para um ministério burguês como deve sempre aspirar a isso. [...]

Aqueles que não fecham os olhos de forma deliberada não podem deixar de ver que a nova tendência “crítica” surgida no seio do socialismo não é mais do que uma nova variedade do oportunismo. Se não julgarmos as pessoas pelo uniforme com que elas próprias se vestiram [...] tornar-se-á nítido que a “liberdade de crítica” é a liberdade da tendência oportunista no seio da social-democracia, a liberdade de transformar esta num partido democrático de reformas, a liberdade de introduzir no socialismo ideias burguesas e elementos burgueses.

[...]

Pequeno grupo compacto, seguimos por um caminho escarpado e difícil [...]. Estamos rodeados de inimigos [...] temos de marchar quase sempre debaixo do seu fogo. Estamos unidos por uma decisão livremente tomada, precisamente para lutar contra os inimigos e não cair no pântano vizinho, cujos habitantes, desde o início, nos censuram por nos termos separado num grupo à parte e por termos escolhido o caminho da luta e não o da conciliação. E eis que alguns de nós começam a gritar: “Vamos para o pântano!” E quando procuramos envergonhá-los replicam: “Que gente tão atrasada sois! Como é que não tendes vergonha de nos negar a liberdade de vos convidar a seguir um caminho melhor!” Oh!, sim, senhores, sois livres não só de nos convidar, mas também de ir aonde melhor vos parecer, até para o pântano; até pensamos que o vosso verdadeiro lugar é precisamente o pântano e estamos dispostos a ajudar-vos [...] a irem para lá. Mas nesse caso largai-nos a mão, [...] nós também somos “livres” para ir aonde melhor nos aprouver. Livres para combater não só o pântano como os que se desviam para o pântano!

b) Os novos defensores da “liberdade de crítica

É esta palavra de ordem (“liberdade de crítica”) que a *Rabótcheie Dielo* (nº 10), órgão da “União dos Sociais-Democratas Russos” no estrangeiro, formulou nestes últimos tempos, não como postulado teórico, mas como reivindicação política, como resposta à pergunta: “É possível a união das organizações social-democratas que atuam no estrangeiro?": “Para uma união sólida, é indispensável a liberdade de crítica” (p. 36).

Dessa declaração, decorrem duas conclusões bem definidas: 1) a *Rabótcheie Dielo* assume a defesa da tendência oportunista na social-democracia internacional em geral; 2) a

Rabótcheie Dielo exige a liberdade do oportunismo no seio da social-democracia russa. Examinemos essas conclusões.

O que “acima de tudo” desagrada a *Rabótcheie Dielo* é a “tendência do *Iskra* e da *Zariá*² para prognosticar a ruptura entre a Montanha e a Gironda³ na social-democracia internacional”⁴. “Em geral – escreve B. Kritchévski, diretor da *Rabótcheie Dielo* –, falar-se em Montanha e Gironda nas fileiras da social-democracia parece-nos uma analogia histórica superficial, estranha na pena de um marxista: a Montanha e a Gironda não representavam dois temperamentos ou correntes intelectuais diferentes como poderá parecer aos historiadores-ideólogos, mas camadas de classes diferentes: a média burguesia, por um lado, a pequena burguesia e o proletariado, por outro. Mas, no movimento socialista contemporâneo, não há choques de interesses de classe; em *todas* (sublinhado por B. Kritchévski) as suas variedades, incluindo os bernsteinianos mais declarados, coloca-se inteiramente no campo dos interesses de classe do proletariado, da sua luta de classe pela libertação política e econômica” (pp. 32-33).

Afirmção ousada! Não ouviu B. Kritchévski falar do fato, observado há muito tempo, de que foi precisamente a participação ampla da camada dos “academicos” no movimento socialista dos últimos anos que assegurou uma tão rápida difusão do bernsteinianismo? Mas, antes de mais, em que fundamenta o autor a sua opinião de que os “bersteinianos mais declarados” se colocam no campo da luta de classe pela libertação política e econômica do proletariado? Ninguém o sabe. Essa defesa resoluta dos bernsteinianos mais declarados não é comprovada por nenhum argumento [...]. O autor, pelo visto, entende que, repetindo o que de si próprio dizem os bernsteinianos mais declarados, deixa de ser necessário apresentar provas da sua afirmação. [...]

Para explicar a unidade do partido socialista alemão e a fragmentação do francês não há necessidade de buscar as particularidades da história de um ou de outro país; de comparar as condições do semiabsolutismo militar e do parlamentarismo republicano; de examinar as consequências da Comuna e as da lei de exceção contra os socialistas; de comparar a situação e o desenvolvimento econômico; de recordar que o “crescimento sem par da social-democracia alemã” foi acompanhado por uma luta sem paralelo na história do socialismo, não só contra os erros teóricos (Mühlberger, Dühring⁵, os socialistas de cátedra⁶), mas também contra os erros

² *Zariá* (Aurora): revista político-científica marxista, editada em 1901-1902 em Stuttgart pela redação do *Iskra*. A revista *Zariá* criticou o revisionismo internacional e russo e defendeu os fundamentos teóricos do marxismo.

³ Montanha e Gironda: denominação de dois grupos políticos da burguesia durante a revolução burguesa francesa de fins do século 18. Chamava-se Montanha – jacobinos – os representantes mais decididos da burguesia, a classe revolucionária daquele tempo, que defendia a necessidade de destruir o absolutismo e o feudalismo. Os girondinos, ao contrário dos jacobinos, vacilaram entre a revolução e a contrarrevolução e seguiram a via do compromisso com a monarquia. Lenin chamou Gironda socialista à corrente oportunista da social-democracia e Montanha, jacobinos proletários, aos sociais-democratas revolucionários. Depois da cisão do POSDR em bolcheviques e mencheviques, Lenin sublinhou repetidas vezes que os mencheviques representavam a corrente girondina no movimento operário.

⁴ A comparação das duas correntes existentes no seio do proletariado revolucionário (a revolucionária e a oportunista) com as duas correntes da burguesia revolucionária do século 18 (a jacobina – “Montanha” – e a girondina) foi feita no artigo de fundo do número 2 do *Iskra* (fevereiro de 1901).

⁵ Quando Engels atacou Dühring, muitos representantes da social-democracia alemã inclinavam-se para as opiniões deste último e acusaram Engels, inclusive em público, num congresso do partido, de aspereza, de intolerância, de polêmica imprópria de camaradas etc. Most e os seus camaradas propuseram (no congresso de 1877) eliminar do Vorwärts os artigos de Engels [...], e Vahlteich declarou que a publicação desses artigos tinha prejudicado muito o partido, [...] Vorwärts (Avante): diário, órgão central do Partido Social-Democrata da Alemanha.

⁶ Socialistas de cátedra (Kathedersozialisten): representantes de uma das correntes da economia política burguesa dos anos 70-80 do século 19, que, do alto das cátedras universitárias, defendia o reformismo liberal burguês, fazendo-o passar por socialismo. Eles pretendiam que o Estado burguês estava “acima das classes”. Na Rússia, os “marxistas legais” difundiam os pontos de vista dos socialistas de cátedra.

táticos (Lassalle) etc. Tudo isso é supérfluo! Os franceses querelam entre si porque são intolerantes; os alemães estão unidos porque são bons rapazes. E note-se que, por meio desta incomparável profundidade de pensamento, “recusa-se” um fato que deita por terra a defesa dos bernsteinianos: só pela experiência histórica se pode resolver, de forma definitiva e sem voltar atrás, o problema de saber se se colocam no campo da luta de classe do proletariado. [...]

[...] A *Rabótcheie Dielo*, como já vimos, apresenta à social-democracia russa a reivindicação da “liberdade de crítica” e defende o bernsteinianismo. Pelo visto, deve ter-se convencido de que os nossos “críticos” e os nossos bernsteinianos tinham sido injustamente ofendidos. Mas quais? Por quem, onde e quando? Em que consistiu a injustiça? Sobre isso, *Rabótcheie Dielo* guarda silêncio; nem uma única vez menciona um crítico ou um bernsteiniano russo! Só nos resta escolher uma de duas hipóteses. Ou a parte injustamente ofendida é a própria *Rabótcheie Dielo* (confirma-o o fato dos dois artigos do nº 10 se referirem apenas a ofensas dirigidas pela *Zariá* e pelo *Iskra* à *Rabótcheie Dielo*). [...] Ou foram terceiros os ofendidos. Quais podem ser então os motivos para não os mencionar?

Assim, vemos que a *Rabótcheie Dielo* continua a jogar às escondidas [...] note-se esta primeira aplicação prática da tão famosa “liberdade de crítica” [...]. Num país, um grupo de oportunistas atua sob uma bandeira separada; noutro, desdenhando a teoria, seguiram na prática a política dos radicais socialistas; num terceiro, alguns membros do partido revolucionário evadiram-se para o campo do oportunismo e procuram alcançar os seus objetivos [...] valendo-se de uma corrupção gradual, imperceptível e, se se pode usar esta expressão, não punível do seu partido; num quarto país, esses mesmos trânsfugas empregam idênticos processos nas trevas da escravatura política, com uma relação completamente original entre a atividade “legal” e a “ilegal” etc. Mas falar da liberdade de crítica e do bernsteinianismo como uma condição para a união dos sociais-democratas russos, sem analisar em que é que se manifestou e que frutos particulares deu o bernsteinianismo russo, significa falar para não dizer nada. Tentemos nós próprios então dizer [...] o que não quis dizer (ou talvez não tenha sabido sequer compreender) a *Rabótcheie Dielo*.

[...]

c) A crítica na Rússia

A particularidade fundamental da Rússia [...] consiste em que já o *próprio* começo do movimento operário espontâneo, por um lado, e a viragem da opinião pública avançada para o marxismo, por outro, se distinguiram pela união de elementos notoriamente heterogêneos, sob uma bandeira comum e para lutar contra o inimigo comum (contra concepções políticas e sociais caducas.) Referimo-nos à lua-de-mel do “marxismo legal”. Foi em geral um fenómeno extraordinariamente original, em cuja possibilidade ninguém teria podido sequer acreditar na década de [18]80 ou início de [18]90. Num país autocrático, com uma imprensa subjugada, numa época de reação política que reprimia as mínimas manifestações de descontentamento político e de protesto, a teoria do marxismo revolucionário abriu caminho subitamente na literatura *visada pela censura* [...]. O governo tinha-se habituado a não considerar como perigosa senão a teoria de *A Vontade do Povo* (revolucionária), sem que notasse, como vulgarmente acontece, a sua evolução interna, regozijando-se com *toda* a crítica dirigida contra ela. Antes de o governo se aperceber, antes de o pesado exército de censores e gendarmes ter tido tempo de dar com o novo inimigo e cair sobre ele, passou não pouco tempo (na nossa medida russa). [...] as obras marxistas eram editadas umas atrás das outras, fundavam-se jornais e revistas

marxistas, toda a gente se tornava marxista, os marxistas eram lisonjeados, adulados, os editores estavam entusiasmados com a venda rápida das obras marxistas. É compreensível que entre os marxistas principiantes, rodeados por essa atmosfera, tenha havido mais de um “escritor envaidecido”⁷...

Hoje pode-se falar desse período como do passado. Ninguém ignora que o florescimento efêmero do marxismo à superfície da nossa literatura teve sua origem na aliança entre elementos extremos com elementos muito moderados. No fundo, estes últimos eram democratas burgueses, e esta conclusão (comprovada pela evolução “crítica” ulterior que sofreram) impunha-se a certas pessoas já na época em que a “aliança” estava ainda intacta⁸.

Mas, nesse caso, não serão os sociais-democratas revolucionários, que fizeram essa aliança com os futuros “críticos”, os maiores responsáveis pela “confusão” subsequente? Essa pergunta, seguida de uma resposta afirmativa, ouve-se, por vezes, na boca de pessoas que veem as coisas de maneira demasiado retilínea. Mas essas pessoas não têm razão. Só podem reconstituir as alianças temporárias, mesmo com elementos inseguros, aqueles que não têm confiança em si próprios; e nenhum partido político poderia existir sem essas alianças. Ora, a união com os marxistas legais foi uma espécie de primeira aliança política realizada pela social-democracia russa. Graças a ela foi possível obter uma vitória assombrosamente rápida sobre o populismo, bem como uma difusão ampla das ideias marxistas (embora sob uma forma vulgarizada). Além disso, a aliança não foi concluída completamente sem “condições”.

[...]

A ruptura não se deve ao fato de os “aliados” se terem revelado democratas burgueses. Pelo contrário, os representantes dessa última tendência são aliados naturais e desejáveis da social-democracia sempre que se trate de tarefas democráticas, tarefas que a situação atual da Rússia coloca em primeiro lugar. Mas é condição indispensável para esta aliança que os socialistas tenham plena possibilidade de revelar à classe operária a oposição hostil entre os seus interesses e os interesses da burguesia. Mas o bernsteinianismo e a tendência “crítica”, para a qual evoluiu em geral a maior parte dos marxistas legais, eliminavam essa possibilidade [...], proclamando que é absurda a ideia da revolução social e da ditadura do proletariado, reduzindo o movimento operário e a luta de classes a um *tradeunionismo* estreito e à luta “realista” por reformas [...]. Era exatamente o mesmo que se a democracia burguesa negasse o direito do socialismo à independência e, por consequência, o seu direito à existência; na prática, isso significava tender a converter o nascente movimento operário em apêndice dos liberais.

Naturalmente, nestas condições, a ruptura se tornou necessária. Mas a particularidade “original” da Rússia se manifestou em que essa ruptura significou apenas a eliminação dos sociais-democratas da literatura “legal” [...]. Nela se entrincheiraram os “ex-marxistas”, que se tinham agrupado “sob o signo da crítica” e que obtiveram quase o monopólio para “demolir” o marxismo. As palavras de ordem “Contra a ortodoxia!” e “Viva a liberdade de crítica!” (repetidas agora pela *Rabótcheie Dielo*) tornaram-se imediatamente palavras muito em voga [...]. Aos sociais-democratas incumbia então uma tarefa já difícil em si [...] de combater a nova corrente. E essa corrente não se limitou ao terreno da literatura. A viragem para a “crítica” foi acompanhada de um movimento em sentido contrário: a propensão dos sociais-democratas práticos para o “economicismo”.

⁷ “Um escritor envaidecido”: título de um conto de Máximo Gorki.

⁸ Aludimos ao artigo de K. Tulin contra Struve (ver V. I. Lenin, *Obras Completas*, tomo I, pp. 347-534 - NdoE). (V. I. Lenin refere-se ao Marxismo na Literatura Burguesa), publicado em 1895 e reeditado em 1907 na coletânea de artigos e ao prefácio para a coletânea de Lenin Em Doze Anos.)

Esse interessante assunto, como surgiu e se estreitou a ligação e interdependência entre a crítica legal e o “economicismo” ilegal, poderia servir de tema para um artigo especial. Aqui, basta-nos assinalar a existência incontestável dessa ligação. O famoso *Credo* adquiriu uma celebridade tão merecida precisamente por ter formulado abertamente essa ligação e ter revelado de forma involuntária a tendência política fundamental do “economicismo”: que os operários travem a luta econômica (ou mais exatamente: a luta *tradeunionista*, porque esta abrange também a política operária específica) e que a intelectualidade marxista se funda com os liberais para a “luta” política. [...] Essa declaração foi uma arma tão excelente contra o “economicismo” que, se o *Credo* não tivesse existido, valeria a pena tê-lo inventado.

O *Credo* não foi inventado, mas publicado sem o consentimento e talvez mesmo contra a vontade dos seus autores. [...] Referimos este episódio porque revela um traço muito curioso do nosso “economicismo”: o medo da publicidade. [...]

Este medo da crítica que manifestam os adeptos da liberdade de crítica não pode ser explicado apenas como astúcia [...]. Não, a maioria dos “economicistas”, com absoluta sinceridade, vê com maus olhos [...] todas as controvérsias teóricas, divergências de fração, amplas questões políticas, projetos de organizar os revolucionários, etc. “Seria melhor deixar tudo isso à gente do estrangeiro!”, disse-me um dia um dos “economicistas” bastante consequentes, exprimindo assim essa opinião muito difundida (e puramente *tradeunionista*): o que incumbe a nós é o movimento operário, as organizações operárias aqui na nossa localidade, o resto são invenções de doutrinários, uma “superestimação da ideologia” [...].

Agora cabe perguntar: dadas essas particularidades da “crítica” russa e do bernsteinianismo russo, em que deveria consistir a tarefa dos que de fato, e não somente em palavras, queriam ser adversários do oportunismo? Primeiro, era preciso pensar em retomar o trabalho teórico que, mal tendo começado na época do marxismo legal, agora tinha voltado a recair sobre os militantes ilegais: sem um trabalho desses, não era possível um crescimento eficaz do movimento. Em segundo lugar, era necessário empreender uma luta ativa contra a “crítica” legal, que corrompia os espíritos. Em terceiro lugar, havia que atuar de forma enérgica contra a dispersão e as vacilações no movimento prático, denunciando e refutando qualquer tentativa de rebaixar, de forma consciente ou inconsciente, nosso programa e nossa tática.

[...]

d) Engels sobre a importância da luta teórica

“Dogmatismo, doutrinário”, “ossificação do partido, castigo inevitável do espartilhamento violento do pensamento”, tais são os inimigos contra os quais arremetem de forma cavalheiresca os campeões da “liberdade de crítica” na *Rabótcheie Dielo*. Muito nos agrada que essa questão tenha sido posta na ordem do dia; somente propomos completá-la com outra: e quem são os juízes?

Temos diante de nós dois anúncios de edições literárias. Um é o “Programa do Órgão Periódico da União dos Sociais-Democratas Russos, *Rabótcheie Dielo*” [...]. O outro é o “Anúncio sobre o Recomeço das Publicações do Grupo “Emancipação do Trabalho”⁹. Ambos datam

⁹ Emancipação do Trabalho: primeiro grupo marxista russo fundado por G. Plekhanov na Suíça, em 1883. O grupo executou um grande trabalho de propaganda do marxismo na Rússia e aplicou um sério golpe no populismo, que constituía o principal obstáculo ideológico no caminho da difusão do marxismo e do desenvolvimento do movimento social-democrata na Rússia. Os dois projetos de programa dos sociais-democratas russos (de 1883 e de 1885), escritos por Plekhanov e publicados pelo grupo Emancipação do Trabalho, foram um passo importante na preparação e na formação do Partido Social-Democrata da Rússia. O grupo tinha estabelecido laços com o movimento operário internacional e [...] durante sua existência, representou

de 1899, quando a “crise do marxismo” estava, há muito tempo, na ordem do dia. Pois bem, em vão procuraríamos na primeira obra uma alusão a esse fenômeno e uma exposição evidente da atitude que, perante ele, o novo órgão pensa tomar. Nem esse programa nem os suplementos ao mesmo [...], mencionam o trabalho teórico ou os seus objetivos imediatos no momento presente. Durante todo este tempo, a redação da *Rabótcheie Dielo* deixava de lado as questões teóricas, embora elas preocupassem os sociais-democratas do mundo inteiro.

O outro anúncio, pelo contrário, assinala logo de início que, durante estes últimos anos, se tem observado um interesse menor pela teoria e reclama com insistência “uma atenção vigilante para o aspecto teórico do movimento revolucionário do proletariado” e exorta a “criticar de forma implacável as tendências bernsteinianas e outras tendências antirrevolucionárias” no nosso movimento. Os números da *Zariá* publicados mostram como esse programa foi cumprido.

Vemos, pois, que as frases altissonantes contra a ossificação do pensamento etc. dissimulam o desinteresse e a impotência no desenvolvimento do pensamento teórico. O exemplo dos sociais-democratas russos ilustra com particular evidência um fenômeno europeu geral [...]: a famosa liberdade de crítica não implica a substituição de uma teoria por outra, mas a liberdade de prescindir de toda a teoria coerente e refletida, significa ecletismo e falta de princípios. Quem conhece, por pouco que seja, a situação real do nosso movimento não pode deixar de ver que a ampla difusão do marxismo foi acompanhada por certo rebaixamento do nível teórico. Muitas pessoas, muito pouco preparadas quanto à teoria e inclusive sem preparação alguma, aderiram ao movimento pelos seus êxitos práticos e pelo seu significado prático. Por isso, pode-se julgar que falta de tato a *Rabótcheie Dielo* manifesta ao lançar, com ar triunfante, esta frase de Marx: “Cada passo do movimento efetivo é mais importante do que uma dúzia de programas.”¹⁰ Repetir essas palavras numa época de dissensões teóricas é exatamente o mesmo que exclamar ao passar um cortejo fúnebre: “Oxalá tenhais sempre algo que levar.” Além disso, essas palavras de Marx foram tiradas da sua carta sobre o programa de Gotha¹¹, na qual *condena de forma categórica* o ecletismo na formulação dos princípios: já que é necessário unir-se – escrevia Marx aos dirigentes do partido –, fazei acordos para atingir os objetivos práticos do movimento, mas não vos permitais o tráfico com os princípios, nem façais “concessões” teóricas. Esse era o pensamento de Marx, e eis que há entre nós pessoas que, em seu nome, procuram diminuir a importância da teoria!

Sem teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário. Nunca se insistirá demais nessa ideia numa altura em que a retórica do oportunismo em voga aparece acompanhada de uma atração pelas formas mais estreitas da atividade prática. E para a social-democracia russa a importância da teoria é ainda maior por três razões [...]: primeiro, porque o nosso partido apenas começou a formar-se, a elaborar a sua fisionomia e está muito longe de ter ajustado contas com as outras tendências do pensamento revolucionário que

a social-democracia russa em todos os congressos da Internacional. Ao mesmo tempo, [...] caiu em sérios erros: superestimava o papel da burguesia liberal e subestimava o espírito revolucionário do campesinato [...]. Estes erros foram o germe dos futuros pontos de vista mencheviques de Plekhanov e outros membros do grupo. Lenin assinalou que o grupo Emancipação do Trabalho “apenas lançou os fundamentos teóricos da social-democracia e deu o primeiro passo ao encontro do movimento operário” (V. I. Lenin, *A luta ideológica no movimento operário*). [...]

¹⁰ Ver MARX, Karl. “Carta a W. Bracke” (5 de maio de 1875). Em: *Crítica do Programa de Gotha*.

¹¹ Programa de Gotha: programa do Partido Operário Socialista da Alemanha, aprovado em 1875, no Congresso de Gotha, no qual se unificaram os dois partidos socialistas alemães [...]: eisenachianos (dirigidos por Bebel e Liebknecht, influenciados ideologicamente por Marx e Engels) e lassallianos. O programa era oportunista [...]. Marx e Engels submeteram o programa de Gotha a uma crítica demolidora, considerando-o um grande passo atrás [...].

ameaçam desviar o movimento do caminho correto. Pelo contrário, estes últimos tempos distinguiram-se precisamente (como Axelrod já há muito tinha predito aos “economicistas”¹²) por uma reanimação das tendências revolucionárias não sociais-democratas. Nessas condições, um erro “sem importância” à primeira vista pode levar às mais deploráveis consequências e é preciso ser míope para considerar como inoportunas ou supérfluas as discussões de fração e a delimitação rigorosa dos matizes. Da consolidação deste ou daquele “matiz”, pode depender o futuro da social-democracia russa por longos anos.

Em segundo lugar, o movimento social-democrata é, pela sua própria natureza, internacional. Isso não significa apenas que devemos combater o chauvinismo nacional. Significa também que um movimento incipiente num país jovem só pode desenvolver-se com êxito desde que aplique a experiência de outros países. E para isso não basta [...] copiar as resoluções: para isso, é preciso saber assumir uma atitude crítica perante essa experiência e comprová-la por si próprio. Quem imaginar o gigantesco crescimento e a ramificação do movimento operário contemporâneo compreenderá que reserva de forças teóricas e de experiência política (assim como revolucionária) é necessária para o cumprimento dessa tarefa.

[...] De momento, queremos simplesmente indicar que *só um partido guiado por uma teoria de vanguarda pode desempenhar o papel de combatente de vanguarda.* [...]

Citaremos as observações feitas por Engels em 1874 sobre a importância que a teoria tem no movimento social-democrata. Engels reconhece na grande luta da social-democracia não duas formas (a política e a econômica) – como se faz entre nós –, mas três, colocando ao seu lado a luta teórica. As suas recomendações ao movimento operário alemão, já robustecido em termos práticos e políticos, são tão instrutivas do ponto de vista dos problemas e das discussões atuais que o leitor, esperamos, não levará a mal que transcrevamos uma longa passagem do prefácio do livro *Der deutsche Bauernkrieg*¹³, que há muito se tornou uma raridade bibliográfica:

Os operários alemães têm duas vantagens essenciais sobre os operários do resto da Europa. A primeira é que pertencem ao povo mais teórico da Europa e conservaram em si esse sentido teórico quase já completamente perdido pelas chamadas classes “cultas” da Alemanha. Sem a filosofia alemã que o precedeu, sobretudo sem a filosofia de Hegel, o socialismo científico alemão, o único socialismo científico que alguma vez existiu, nunca se teria constituído. Se os operários não tivessem tido esse sentido teórico, esse socialismo científico nunca se teria tornado, tanto quanto se tornou hoje, carne da sua carne, sangue do seu sangue. E que essa vantagem é imensa demonstramos, por um lado, a indiferença por toda a teoria, que é uma das principais razões de que o movimento operário inglês avance tão lentamente, apesar da excelente organização dos diferentes ofícios, e, por outro, demonstramos a perturbação e a confusão semeadas pelo proudhonismo, na sua forma inicial, entre os franceses e os belgas, e, na sua forma caricatural, que lhe deu Bakunin, entre os espanhóis e os italianos.

A segunda vantagem consiste no fato de os alemães terem sido quase os últimos a se integrarem ao movimento operário. Do mesmo modo como o socialismo teórico alemão nunca esquecerá que assenta nos ombros de Saint-Simon, Fourier e Owen – três pensadores que, apesar de todo o caráter fantasista e de todo o utopismo das suas doutrinas, contam-se entre os maiores cérebros de todos os tempos [...], também o movimento operário da Alemanha nunca deve esquecer que se desenvolveu sobre os ombros do movimento inglês e francês, que teve a possibilidade de tirar partido da sua experiência custosa, de evitar no presente os erros que então, na maior parte dos casos, não era possível evitar. Onde estaríamos agora sem o precedente das *tradeunions* inglesas e da luta política dos operários franceses sem esse impulso colossal que deu especialmente a Comuna de Paris?

¹² Trata-se da brochura de P. B. Axelrod, *A propósito das tarefas atuais e da tática dos social-democratas russos*, Genebra, 1898.

¹³ *A Guerra Camponesa na Alemanha*. Leipzig: Editorial Cooperativa, 3ª ed., 1875. (NdoE)

Há que fazer justiça aos operários alemães por terem aproveitado, com rara inteligência, as vantagens da sua situação. Pela primeira vez desde que o movimento operário existe, a luta é conduzida de forma metódica nas suas três direções, coordenadas e ligadas entre si: teórica, política e econômico-prática (resistência aos capitalistas). É nesse ataque, concêntrico por assim dizer, que reside precisamente a força e a invencibilidade do movimento alemão.

[...]

A espontaneidade das massas e a consciência da social-democracia

[...] parece que até agora ninguém ainda duvidara de que a força do movimento contemporâneo consistisse no despertar das massas (e principalmente do proletariado industrial), e a sua debilidade, na falta de consciência e de espírito de iniciativa dos dirigentes revolucionários.

Contudo, nestes últimos tempos, foi feita uma descoberta que ameaça subverter todas as ideias até agora dominantes sobre esse ponto. Essa descoberta foi feita pela *Rabótcheie Dielo*, que, polemizando com o *Iskra* e a *Zariá*, não se limitou a objeções particulares, mas tentou reduzir o “desacordo geral” à sua raiz mais profunda: à “apreciação diferente da importância relativa do elemento espontâneo e do elemento ‘metódico’ consciente.” A *Rabótcheie Dielo* nos acusa de “*subestimar a importância do elemento objetivo ou espontâneo do desenvolvimento*”¹⁴. A isso responderemos: se a polémica do *Iskra* e da *Zariá* não tivesse qualquer outro resultado do que levar a *Rabótcheie Dielo* a descobrir esse “desacordo geral”, esse resultado, só por si, dar-nos-ia grande satisfação, a tal ponto é significativa essa tese, a tal ponto ilustra de forma transparente toda a essência das atuais divergências teóricas e políticas entre os sociais-democratas russos.

Por isso mesmo a questão das relações entre o consciente e o espontâneo apresenta um imenso interesse geral, e é preciso analisá-la com todo o pormenor.

a) Começo do ascenso espontâneo

No capítulo anterior, sublinhámos a atração *geral* da juventude instruída russa pela teoria do marxismo em meados dos anos [18]90. Também as greves operárias adquiriram, por aquela época, depois da famosa guerra industrial de 1896¹⁵, em Petersburgo, um caráter geral. A sua extensão por toda a Rússia testemunhava de forma nítida como era profundo o movimento popular que tornava a renascer, e, já que falamos do “elemento espontâneo”, é com certeza esse movimento grevista que deve ser considerado, em primeiro lugar, como espontâneo. Mas há espontaneidade e espontaneidade. Também houve greves na Rússia durante as décadas de [18]70 e de [18]60 [...], greves acompanhadas da destruição “espontânea” de máquinas, etc. Comparadas com estes “motins”, as greves da década de [18]90 poderiam mesmo ser qualificadas como “conscientes” [...]. Isso nos mostra que, no fundo, o “elemento espontâneo” não é mais do que a forma embrionária do consciente. E os motins primitivos refletiam já certo despertar do consciente. [...] [os operários] começavam... não direi a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência coletiva e rompiam com a submissão servil às autoridades. Mas isso, contudo, era mais uma manifestação de desespero e de vingança do

¹⁴ *Rabótcheie Dielo*, nº 10, setembro de 1901, pp. 17-18. Grifado no original.

¹⁵ Lenin, falando da “famosa guerra industrial de 1896, em Petersburgo”, refere-se à greve de massas dos operários têxteis em 1896. A greve foi dirigida pela União de Luta pela Emancipação da Classe Operária [...]. A União de Luta imprimiu e difundiu as principais reivindicações dos operários: redução da jornada para dez horas e meia, aumento dos salários [...]. As greves de Petersburgo contribuíram para desenvolver o movimento grevista em toda a Rússia e obrigaram o governo tsarista a acelerar a revisão das leis fabris e a promulgar uma nova lei reduzindo a jornada de trabalho.

que uma *luta*. As greves dos anos [18]90 nos oferecem muitos mais lampejos de consciência: formulam-se reivindicações precisas, calcula-se o momento mais favorável com antecedência, discutem-se casos e exemplos de outras localidades etc. Se os motins eram simplesmente a revolta de oprimidos, as greves sistemáticas representavam já embriões [...] da luta de classes. Em si mesmas, essas greves eram luta *tradeunionista*, não eram ainda luta social-democrata; assinalavam o despertar do antagonismo entre os operários e os patrões, mas os operários não tinham, nem podiam ter, a consciência da oposição irreconciliável entre os seus interesses e todo o regime político e social existente, isto é, não tinham consciência social-democrata. [...]

Dissemos que os operários *nem sequer* podiam ter consciência social-democrata. Essa só podia ser introduzida de fora. A história de todos os países testemunha que a classe operária, apenas com as suas próprias forças, só é capaz de desenvolver uma consciência *tradeunionista*, ou seja, a convicção de que é necessário agrupar-se em sindicatos, lutar contra os patrões, exigir do governo estas ou aquelas leis necessárias aos operários etc.¹⁶ Por seu lado, a doutrina do socialismo nasceu de teorias filosóficas, históricas e econômicas elaboradas por representantes instruídos das classes possuidoras, por intelectuais. Os próprios fundadores do socialismo científico moderno, Marx e Engels, pertenciam, pela sua situação social, à intelectualidade burguesa. Da mesma maneira, na Rússia, a doutrina teórica da social-democracia surgiu de forma completamente independente do ascenso espontâneo do movimento operário; surgiu como resultado natural e inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. Na época, isto é, em meados dos anos [18]90, essa doutrina não só constituía já um programa completamente formado do grupo Emancipação do Trabalho, como tinha conquistado a maioria da juventude revolucionária da Rússia.

Assim, existiam, ao mesmo tempo, o despertar espontâneo das massas operárias, despertar para a vida consciente e para a luta consciente, e uma juventude revolucionária que, armada com a teoria social-democrata, orientava-se com todas as suas forças para os operários. Além disso, importa sobretudo deixar bem estipulado o fato, com frequência esquecido [...], de que os *primeiros* sociais-democratas deste período, *ocupando-se com ardor da agitação econômica* (e tendo bem presentes nesse sentido as indicações realmente úteis do folheto *Sobre a Agitação*¹⁷, então ainda manuscrito), longe de a considerarem como sua única tarefa, pelo contrário, desde o começo estabeleciam para a social-democracia russa as mais amplas tarefas históricas, em geral, e a de derrubar a autocracia, em particular. Assim, por exemplo, o grupo dos sociais-democratas de Petersburgo que fundou a União de Luta pela Emancipação da Classe Operária¹⁸, redigiu, já em fins de 1895, o primeiro número de um jornal intitulado

¹⁶ O *tradeunionismo* não exclui de modo algum toda a “política”, como por vezes se pensa. As *trade unions* conduziram sempre certa agitação e luta políticas (mas não social-democratas). No capítulo seguinte, exporemos a diferença entre a política *tradeunionista* e a política social-democrata. (Nota do autor)

¹⁷ A brochura *Sobre a Agitação* foi escrita em 1894. Nela, sintetizava-se a experiência do trabalho social-democrata em Vilno. Continua, além do mais, os apelos para que se renunciasse à propaganda em círculos restritos e se passasse à agitação de massas entre os operários com base nas suas necessidades e reivindicações cotidianas. No entanto, o exagero do papel e significado da luta puramente econômica, em prejuízo da agitação política exigindo os direitos e liberdades de caráter democrático geral, foi o germe do futuro “economicismo”.

¹⁸ A União de Luta pela Emancipação da Classe Operária, organizada por Lenin no outono de 1895, agrupava uns vinte círculos operários marxistas de Petersburgo. [...] Na noite de 8 para 9 de dezembro de 1895, foi detida grande parte dos militantes da União, entre os quais, Lenin. Foi também confiscado o primeiro número do jornal *Rabótcheie Dielo*. Na prisão, Lenin continuou a dirigir a atividade da União [...]. Além disso, escreveu a brochura *Sobre as greves e o projeto e explicação do programa do Partido Social-Democrata*. A importância da União de Luta pela Emancipação da Classe Operária [...] consistiu em que a União, segundo Lenin, foi o germe do partido revolucionário que se apoiava no movimento operário e dirigiu a luta de classe do proletariado. [...] Mas a prolongada ausência dos fundadores da União de Luta, sobretudo de Lenin, deportados

Rabótcheie Dielo. Pronto para ser impresso, este número foi apreendido pelos gendarmes[...]. Assim, o primeiro número do *Rabótcheie Dielo* do primeiro período não teve a sorte de ver a luz do dia. O editorial deste jornal esboçava os objetivos históricos da classe operária da Rússia, pondo em primeiro plano a conquista da liberdade política. Seguia-se o artigo “Em que pensam os nossos ministros?” [...]

Mas o que era um meio mal tornou-se num verdadeiro mal quando esta consciência começou a obscurecer-se (e é de notar que era muito viva nos militantes dos grupos antes mencionados), quando apareceram pessoas – e mesmo órgãos social-democratas – dispostas a erigir os defeitos em virtudes, e que tentaram até dar um fundamento teórico à sua submissão servil e ao seu culto da espontaneidade. É tempo de fazer o balanço desta tendência, caracterizada de forma muito inexata pela palavra “economicismo”, termo demasiado estreito para exprimir o seu conteúdo.

b) Culto da espontaneidade o *Rabótchaia Misl*

[...]

O aparecimento do *Rabótchaia Misl* trouxe o “economicismo” para a luz do dia [...]. Este editorial¹⁹ exprime *todo o espírito* do *Rabótchaia Misl* e do “economicismo” em geral, vale a pena analisá-lo.

[...] Proclamou-se que “a base econômica do movimento é obscurecida pela aspiração constante de não esquecer o ideal político”, que o lema do movimento operário deve ser “luta pela situação econômica”(!) ou, melhor ainda, “os operários para os operários”; declarou-se que as caixas de greve “valem mais para o movimento do que uma centena de outras organizações” [...]. Frases como: é preciso colocar em primeiro não a “nata” dos operários, mas o operário “médio”, o da massa; ou como: “A política segue sempre docilmente a economia”²⁰ etc. etc., entraram na moda e adquiriram uma influência irresistível sobre a massa da juventude atraída para o movimento, juventude que na maioria dos casos não conhecia mais do que fragmentos do marxismo na sua exposição legal.

Isso era suprimir por completo a consciência pela espontaneidade, pela espontaneidade dos “sociais-democratas” [...]; pela espontaneidade dos operários que se deixavam arrastar pelo argumento de que um aumento de um copeque por rublo valia mais do que todo o socialismo e toda a política, de que deviam “lutar sabendo que o faziam, não para gerações futuras, mas para eles próprios e para os seus próprios filhos” (editorial do nº 1 do *Rabótchaia Misl*). Frases deste gênero foram sempre a arma preferida dos burgueses da Europa ocidental, que, no seu ódio ao socialismo, procuravam [...] transplantar para os seus países o *tradeunionismo* inglês [...].

[...] já na primeira manifestação literária do “economicismo”, podemos observar um fenômeno extraordinariamente original e característico para a compreensão de todas as divergências entre os sociais-democratas contemporâneos: os partidários do “movimento puramente operário”, os adeptos da ligação mais estreita e mais “orgânica” (expressão da

para a Sibéria, facilitou a política oportunista dos “jovens”, “economistas”, que, pelo jornal *Rabótchaia Misl*, introduziam as ideias do *tradeunionismo* e do bernsteinianismo.

¹⁹ Refere-se ao editorial do primeiro número de *Rabótchaia Misl*.

²⁰ Do mesmo editorial do primeiro número do *Rabótchaia Misl*. Pode-se julgar, por aqui, a preparação teórica destes “V. V. da social-democracia russa”, que repetiam essa grosseira vulgarização do “materialismo econômico” enquanto, nas suas publicações, os marxistas faziam guerra ao verdadeiro Sr. V. V., há muito alcunhado “mestre em assuntos reacionários” por conceber desse mesmo modo a relação entre a política e a economia.

Rabótcheie Dielo) com a luta proletária, os adversários de todos os intelectuais não operários (ainda que sejam intelectuais socialistas) veem-se obrigados, para defender a sua posição, a recorrer aos argumentos dos “*tradeunionistas puros*” burgueses. Isso nos mostra que, desde o seu aparecimento, o *Rabótchaia Misl* tinha começado – de forma inconsciente – a realizar o programa do *Credo*. Isso mostra [...] que *tudo o que seja* inclinar-se perante a espontaneidade do movimento operário, tudo o que seja diminuir o papel do “elemento consciente”, o papel da social-democracia, significa – independentemente da vontade de quem o faz – fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários. Todos aqueles que falam de “superestimação da ideologia”²¹, de exagero do papel do elemento consciente²², etc., imaginam que o movimento puramente operário é, por si próprio, capaz de elaborar, e que irá elaborar, uma ideologia independente desde que os operários “arranquem o seu destino das mãos dos dirigentes”. Mas isso é um profundo erro. [...] citaremos as seguintes palavras profundamente justas e importantes de K. Kautsky a propósito do projeto do novo programa do Partido Social-Democrata Austríaco²³:

“Muitos dos nossos críticos revisionistas entendem ter Marx afirmado que o desenvolvimento econômico e a luta de classes, além de criarem condições para a produção socialista, engendram diretamente a *consciência* (grifado por K. K.) da sua necessidade. E eis que esses críticos objetam que a Inglaterra, país de maior desenvolvimento capitalista, é mais alheio do que qualquer outro país a essa consciência. O projeto afirma: ‘Quanto mais o proletariado aumenta em consequência do desenvolvimento capitalista, tanto mais se vê obrigado a lutar contra o capitalismo e tanto mais capacitado está para o fazer. O proletariado adquire a consciência’ da possibilidade e da necessidade do socialismo. Nessa ordem de ideias, a consciência socialista aparece como resultado necessário e direto da luta de classe do proletariado. Mas isso é completamente falso. Como doutrina, é evidente que o socialismo tem as suas raízes nas relações econômicas atuais [...]. Deste modo, a consciência socialista é algo introduzido de fora [...], na luta de classe do proletariado, e não algo que surgiu espontaneamente [...] De acordo com isso, já o velho programa de Heinfeld dizia, com toda a razão, que a tarefa da social-democracia é levar ao proletariado (literalmente: encher o proletariado) a *consciência* da sua situação e da sua missão. Não haveria necessidade de o fazer se essa consciência derivasse automaticamente da luta de classes. [...]

Uma vez que nem sequer se pode falar de uma ideologia independente elaborada pelas próprias massas operárias no decurso do seu movimento²⁴, o problema põe-se *unicamente assim*: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio termo (porque a humanidade não elaborou nenhuma “terceira” ideologia: além disso, em geral, na sociedade dilacerada pelas contradições de classe, não pode nunca existir uma ideologia à margem das classes ou acima das classes). Por isso, *tudo o que seja* rebaixar a ideologia socialista, *tudo o que seja afastar-se* dela significa fortalecer a ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade. Mas o desenvolvimento *espontâneo* do movimento operário marcha precisamente para a sua subordinação à ideologia burguesa, *marcha precisamente pelo caminho do programa do Credo*, porque o movimento operário espontâneo é *tradeunionismo* [...] e o *tradeunionismo* implica precisamente na escravização ideológica dos operários pela burguesia. Por isso, a nossa tarefa, a tarefa da social-democracia, consiste em *combater a espontaneidade*, em fazer com que o movimento operário *se desvie* desta tendência espontânea do *tradeunionismo* de se acolher

²¹ Carta dos “economicistas”, *Iskra*, nº 12.

²² *Rabótcheie Dielo*, nº 10.

²³ *Neue Zeit*, 1901-1902, XX, I, nº 3, p. 79. O projeto da comissão de que fala K. Kautsky foi aprovado pelo Congresso de Viena sob uma forma um pouco modificada. (Nota do autor)

²⁴ Isso não significa, naturalmente, que os operários não participem nessa elaboração. Mas não participam como operários, participam como teóricos do socialismo, como os Proudhon e os Weitling; noutros termos, só participam no momento e na medida em que consigam dominar, em maior ou menor grau, a ciência da sua época e fazê-la progredir. E para que os operários o consigam com maior frequência, é preciso esforçar-se o máximo possível para elevar o nível de consciência dos operários em geral [...].

debaixo da asa da burguesia e em atraí-lo para debaixo da asa da social-democracia revolucionária. A frase dos autores da carta “economicista” publicada no nº 12 do *Iskra*, de que nenhum esforço dos ideólogos mais inspirados poderá desviar o movimento operário do caminho determinado pela ação recíproca entre os elementos materiais e o meio material, *equivale exatamente*, portanto, a renunciar ao socialismo, e se esses autores fossem capazes de meditar sobre o que dizem, de meditar até as últimas consequências, com coragem e de forma lógica, [...] não teriam outro remédio senão “cruzar os seus braços inúteis sobre o peito vazio” e... ceder o campo de ação aos senhores Struve e Prokopovitch, que arrastam o movimento operário “pela linha da menor resistência”, isto é, pela linha do *tradeunionismo* burguês [...]

[...]

Mas por que razão – perguntará o leitor – o movimento espontâneo, o movimento pela linha da menor resistência, conduz precisamente à supremacia da ideologia burguesa? Pela simples razão de que a ideologia burguesa é muito mais antiga pela sua origem do que a ideologia socialista, de que está mais completamente elaborada e possui meios de difusão *incomparavelmente* mais numerosos²⁵. E quanto mais jovem é o movimento socialista num país, tanto mais enérgica deve ser, por isso mesmo, a luta contra todas as tentativas de consolidar a ideologia não socialista, tanto mais resolutamente se deve prevenir os operários contra os maus conselheiros que gritam contra o “exagero do elemento consciente” etc. [...]

[...] O *Rabótchaia Misl* não repudia completamente a luta política. [...] considera só que a “política segue sempre docilmente a economia” (enquanto a *Rabótcheie Dielo* apresenta uma variante dessa tese, afirmando que “na Rússia, mais que em qualquer outro país, a luta econômica está *inseparavelmente* ligada à luta política”). Essas teses do *Rabótchaia Misl* e do *Rabótcheie Dielo* são completamente falsas *se por política se entende a política social-democrata*. Com muita frequência, a luta econômica dos operários, como já vimos, está ligada [...] à política burguesa, clerical etc. As teses da *Rabótcheie Dielo* são justas se por política entendermos a política *tradeunionista*, isto é, a aspiração comum aos operários a conseguir do Estado estas ou aquelas medidas para remediar os males inerentes à sua situação, mas que não acabam com a submissão do trabalho ao capital. [...]

e) O Grupo de Autoemancipação²⁶ e a *Rabótcheie Dielo*

[...]

Mas a *Rabótcheie Dielo* não só “defendia” os “economicistas”, como ela própria caía nos seus principais erros. Isso devia-se ao modo ambíguo de interpretar a seguinte tese do seu próprio programa: “O movimento operário de massas (grifado por R. D.) que surgiu nestes últimos anos constitui, na nossa opinião, um fenômeno da maior importância da vida russa, chamado principalmente a determinar as tarefas (grifado por mim) e o caráter da atividade literária da União.” Não há dúvida de que o movimento de massas é um fenômeno da maior importância. Mas a questão está em saber como interpretar a “determinação das tarefas” por

²⁵ Diz-se com frequência: a classe operária tende espontaneamente para o socialismo. Isso é perfeitamente justo no sentido de que a teoria socialista, com mais profundidade e exatidão do que qualquer outra, determina as causas dos males de que padece a classe operária e é precisamente por isso que os operários a assimilam com tanta facilidade, desde que essa teoria não retroceda ela mesma perante a espontaneidade [...]. A classe operária tende espontaneamente para o socialismo, mas a ideologia burguesa, a mais difundida (e constantemente ressuscitada sob as formas mais diversas), é, contudo, aquela que mais se impõe espontaneamente aos operários. (Nota do autor)

²⁶ Grupo de Autoemancipação da Classe Operária: pequeno grupo de “economicistas” constituído em Petersburgo no outono de 1898, que existiu somente durante alguns meses. O grupo lançou um apelo no qual expunha os seus objetivos e editou os seus estatutos e algumas proclamações aos operários.

esse movimento de massas. Pode ser interpretada de duas maneiras: ou no sentido do culto da espontaneidade desse movimento, isto é, reduzindo o papel da social-democracia ao de simples servidor do movimento operário como tal (assim o entendem o *Rabótchaia Misl*, o Grupo de Autoemancipação e os outros “economicistas”), ou no sentido de que o movimento de massas nos coloca *novas* tarefas teóricas, políticas e de organização, muito mais complexas do que aquelas com que podíamos nos contentar no período antes do aparecimento do movimento de massas. [...]

[...] Não nos deteremos, por exemplo, a analisar o caso curioso de a *Rabótcheie Dielo* ver uma “contradição flagrante” entre a tese:

A social-democracia não se ata as mãos, não limita a sua atividade a qualquer plano preconcebido ou a um processo de luta política preestabelecido, antes admite como bons todos os meios de luta que correspondam às forças de que o partido dispõe, etc. (*Iskra*, nº 1)²⁷

e a tese:

Se não existe uma organização forte, experiente em travar a luta política em qualquer circunstância e em qualquer período, não se pode sequer falar de um plano de atividade sistemático, baseado em princípios firmes e aplicado com rigor, único plano que merece o nome de tática” (*Iskra*, nº 4).²⁸

Confundir a admissão *em princípio* de todos os meios de luta, de todos os planos e processos, desde que sejam convenientes, com a exigência de nos guiarmos *num momento político determinado* por um plano aplicado com rigor, quando se quer falar de tática, equivale a confundir o fato de a medicina reconhecer todos os sistemas de tratamento com a exigência de ter de seguir um sistema determinado no tratamento de uma doença. Mas do que se trata é de que a própria *R. D.*, que sofre da doença que chamamos de culto à espontaneidade, não quer reconhecer nenhum “sistema de tratamento” para curar essa doença. [...] À pergunta: “Para onde ir?”, este órgão dirigente responde: O movimento é um processo de mudança de distância entre o ponto de partida e os pontos seguintes do movimento. Este pensamento, de uma incomparável profundidade [...] representa [...] o mesmo programa que *R. M.* [...] exprimiu nestes termos: é desejável a luta que é possível e é possível a que se trava neste minuto. É essa precisamente a tendência do oportunismo ilimitado, que se adapta de forma passiva à espontaneidade. [...]

[...] Quando a Alemanha viveu uma das maiores viradas históricas – formação do Império, abertura do Reichstag, concessão do sufrágio universal – Liebknecht tinha um plano da política e da ação social-democrata em geral e Schweitzer tinha outro. Quando a lei de exceção se abateu sobre os socialistas alemães, Most e Hasselmann, dispostos a exortar pura e simplesmente à violência e ao terror, tinham um plano, outro tinham Höchberg, Schramm e (em parte) Bernstein, que se puseram a pregar aos sociais-democratas, dizendo-lhes que com a sua insensata violência e o seu revolucionarismo tinham provocado essa lei, e que deviam

²⁷ [...] “Qual é o social-democrata que ignora que, de acordo com a doutrina de Marx e Engels, os interesses econômicos das diferentes classes desempenham um papel decisivo na história e que, portanto (sublinhado por mim), a luta do proletariado pelos seus interesses econômicos deve, em particular, ter uma importância primordial para o seu desenvolvimento como classe e para a sua luta de libertação?” [...] Do fato de os interesses econômicos desempenharem um papel decisivo não se segue de maneira alguma que a luta econômica (= sindical) tenha uma importância primordial, porque os interesses mais essenciais, “decisivos”, das classes só podem ser satisfeitos, em geral, por transformações políticas radicais; em particular, o interesse econômico fundamental do proletariado só pode ser satisfeito por meio de uma revolução política que substitua a ditadura burguesa pela ditadura do proletariado. [...]. (Nota do autor). Ver V. I. Lenin, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, tomo 4, p. 376.

²⁸ Ibidem, tomo 5, pp. 6-7. (NdoE)

agora obter o perdão com uma conduta exemplar; existia, ainda, um terceiro plano, o daqueles que vinham preparando, e realizaram, a publicação de um órgão ilegal²⁹. Quando se lança um olhar retrospectivo, muitos anos depois de ter terminado a luta pela escolha de um caminho e depois de a história ter pronunciado o seu veredito sobre a conveniência do caminho escolhido, não é difícil, é óbvio, manifestar profundidade de pensamento, declarando que as tarefas do partido crescem ao mesmo tempo que este. Mas, num momento de confusão, quando os “críticos” e “economicistas” russos rebaixam a social-democracia ao nível do *tradeunionismo* e os terroristas preconizam com ardor a adoção de uma “tática-plano” que repete os antigos erros, limitar-se a pensamentos profundos desse tipo é passar a si próprio um “certificado de indigência”. Num momento em que a muitos sociais-democratas russos faltam, precisamente, iniciativa e energia, falta “amplitude na propaganda, na agitação e na organização políticas”³⁰, faltam “planos” para uma organização mais ampla do trabalho revolucionário; num momento desses, dizer que “a tática-plano está em contradição com o espírito fundamental do marxismo”, é não só aviltar a teoria marxista mas, na prática, *arrastar o partido para trás*.

“O social-democrata revolucionário tem como tarefa – ensina-nos mais à frente a *Rabótcheie Dielo* – apenas acelerar com o seu trabalho consciente o desenvolvimento objetivo e não o suprimir ou substituí-lo por planos subjetivos. O *Iskra*, em teoria, sabe tudo isso. Mas a enorme importância que o marxismo atribui, com razão, ao trabalho revolucionário consciente, leva-o, na prática, em consequência da sua concepção doutrinária da tática, a *minimizar a importância do elemento objetivo ou espontâneo do desenvolvimento*” (p. 18).

Eis-nos, novamente, perante uma confusão teórica extraordinária. Gostaríamos de perguntar ao nosso filósofo: em que se pode traduzir a “minimização” do desenvolvimento objetivo por parte do autor de planos subjetivos? Pelo visto, em perder de vista que esse desenvolvimento objetivo cria ou consolida, destrói ou enfraquece estas ou aquelas classes, camadas, grupos, estas ou aquelas nações, grupos de nações etc., determinando assim um ou outro agrupamento político internacional de forças, uma ou outra posição dos partidos revolucionários etc. Mas o erro de tal autor não consistirá então em minimizar o elemento espontâneo, mas em minimizar, pelo contrário, o elemento *consciente*, uma vez que o que lhe faltará será a “consciência” necessária para uma justa compreensão do desenvolvimento objetivo. Por isso, só o simples fato de falar de “apreciação da importância *relativa*” (grifado pela *Rabótcheie Dielo*) do espontâneo e do consciente revela uma total falta de “consciência”. Se alguns “elementos espontâneos do desenvolvimento” são, em geral, acessíveis à consciência humana, a apreciação errada desses elementos equivalerá a “minimizar o elemento consciente”. E se são inacessíveis à consciência, não os conhecemos e não podemos falar deles. De que fala então B. Kritchévski? Se ele considera errados os “planos subjetivos” do *Iskra* (e ele os declara errados), deveria mostrar precisamente quais os fatos objetivos que não são tidos em conta por esses planos e acusar o *Iskra* por essa razão de *falta de consciência*, “de minimizar o elemento consciente”, para usar a sua linguagem. Mas se ele, descontente com os planos subjetivos, não tem outro argumento que não seja invocar a “minimização do elemento espontâneo” (!!), a única coisa que demonstra com isso é que: 1) em teoria, compreende o marxismo [...]; 2) na prática, dá-se por satisfeito com os “elementos espontâneos de desenvolvimento” que arrastaram os nossos

²⁹ Trata-se do jornal *Der Sozialdemokrat*: Órgão central do Partido Social-Democrata da Alemanha na época da lei de exceção contra os socialistas. A direção ideológica de Engels garantia a orientação marxista. Depois de a lei de exceção ser abolida, o jornal deixou de ser publicado, e o *Vorwärts* passou outra vez a ser o órgão central do partido.

³⁰ Do editorial do nº 1 do *Iskra* (Ver V. I. Lenin, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, tomo 4, p. 374. (NdoE)

marxistas legais para o bernsteinianismo e os nossos sociais-democratas para o “economicismo” e mostra uma “grande indignação” contra aqueles que decidiram *desviar* [...] a social-democracia russa do caminho do desenvolvimento “espontâneo”. [...]

[...] a sabedoria dos “modernos socialistas” [...] diz: para participar no nascimento espontâneo de um novo sistema social a ninguém faltará inteligência. Também nós pensamos que a ninguém faltará inteligência para isso. Para participar dessa maneira basta *deixar-se arrastar* pelo “economicismo” quando reina o “economicismo”, e pelo terrorismo quando surge o terrorismo. [...] A *Rabótcheie Dielo* chega, inclusive, a generalizar esse grande preceito da sabedoria humana, acusando o *Iskra* e a *Zariá* de “opor ao movimento o seu programa, como um espírito planando sobre o caos disforme” (p. 29). Mas qual é o papel da social-democracia, senão o de ser o “espírito” que não só plana sobre o movimento espontâneo, mas *eleva* esse último ao *nível do “seu programa”*? Não é, com certeza, o de se arrastar *na cauda* do movimento, coisa inútil no melhor dos casos e, no pior, extremamente nociva para o movimento. Mas a *Rabótcheie Dielo* não só segue essa “tática-processo”, como até a erige em princípio, pelo que seria mais correto chamar a essa tendência caudismo (da palavra cauda) em vez de oportunismo. [...]

[...] Quanto mais poderoso for o ascenso espontâneo das massas, [...] incomparavelmente maior será a rapidez com que aumenta a necessidade de uma elevada consciência, quer no trabalho teórico, quer no político e de organização da social-democracia.

O ascenso espontâneo das massas na Rússia foi (e continua a ser) tão rápido [...]. os revolucionários atrasaram-se em relação a este ascenso tanto nas suas “teorias” como na sua atividade [...].

Política tradeunionista e política social-democrata

[...]

a) A agitação política e a sua restrição pelos economicistas

Ninguém ignora que a luta econômica³¹ dos operários russos se expandiu em vasta escala e se fortaleceu paralela ao aparecimento da “literatura” das denúncias econômicas (referentes às fábricas e às profissões). [...] Entre os operários mais atrasados desenvolveu-se uma verdadeira paixão “por aparecer em letra de forma”, paixão nobre por essa forma embrionária de guerra contra toda a ordem social [...]. As denúncias, como sempre acontece, ganhavam força pelo simples fato de aparecerem [...]. Mais de uma vez, bastou o aparecimento de uma folha volante para que as reivindicações fossem satisfeitas total ou parcialmente. Em suma, as denúncias econômicas (das fábricas) foram e continuam a ser uma alavanca importante da luta econômica. E conservarão essa importância enquanto subsistir o capitalismo, que gera necessariamente a autodefesa dos operários. [...]

A esmagadora maioria dos sociais-democratas russos esteve nestes últimos tempos absorvida quase por inteiro por esse trabalho de organização das denúncias nas fábricas. Basta recordar o caso do *Rabótchaia Misl* para ver até que ponto chegou essa absorção e como se tinha chegado a esquecer que essa atividade *por si só* não era ainda, no fundo, social-democrata [...]. Essas denúncias podiam converter-se (com a condição de serem utilizadas num

³¹ A fim de evitar interpretações erradas fazemos notar que, [...] entendemos sempre por luta econômica (segundo o uso estabelecido entre nós), a “luta econômica prática” que Engels, na citação apresentada mais atrás, chamou “resistência aos capitalistas” e que, nos países livres, se chama luta profissional, sindical

certo grau pela organização dos revolucionários) em ponto de partida e elemento integrante da atividade social-democrata; mas também podiam conduzir (e com o culto da espontaneidade tinham forçosamente de conduzir) à luta “exclusivamente sindical” e a um movimento operário não social-democrata. A social-democracia dirige a luta da classe operária não só para obter condições vantajosas de venda da força de trabalho, mas para que seja destruído o regime social que obriga os não possuidores a venderem-se aos ricos. A social-democracia representa a classe operária não só na sua relação com um dado grupo de patrões, mas também nas suas relações com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Compreende-se, portanto, que os sociais-democratas não só não possam circunscrever-se à luta econômica, como nem sequer possam admitir que a organização das denúncias econômicas constitua a sua atividade predominante. [...]

Cabe perguntar: em que deve consistir a educação política? É possível limitá-la à propaganda da ideia de que a classe operária é hostil à autocracia? Naturalmente não. Não basta *explicar* a opressão política da qual são objeto os operários (tal como não bastava *explicar-lhes* o antagonismo entre seus interesses e os dos patrões). É necessário fazer agitação a propósito de cada manifestação *concreta dessa* opressão (como foi para manifestações de opressão econômica). [...]

Dir-se-ia que a coisa está evidente. Mas o que precisamente se verifica é que só em palavras “todos” estão de acordo quanto à necessidade de desenvolver a consciência política *em todos os seus aspectos*. O que se verifica é que, por exemplo, a *Rabótcheie Dielo* não só não empreendeu o trabalho de organizar denúncias políticas [...]. Ouvi: “A luta política da classe operária é apenas” (precisamente, não é apenas) “a forma mais desenvolvida, mais ampla e mais efetiva da luta econômica” (programa da *Rabótcheie Dielo*, R. D., nº 1, p. 3). “Presentemente, aos sociais-democratas coloca-se a tarefa de imprimir à própria luta econômica, dentro do possível, um caráter político” (Martinov, no nº 10, p. 42). “A luta econômica é o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas na luta política ativa” (resolução do Congresso da União³² e “emendas”; *Dois Congressos*, pp. 11 e 17). A *Rabótcheie Dielo*, como o leitor vê, desde o seu aparecimento até às últimas “instruções à redação”, está impregnada dessas teses que em conjunto exprimem, evidentemente, uma mesma concepção da agitação e da luta políticas. Analisai, pois, essa concepção do ponto de vista do critério dominante entre todos os “economicistas” de que a agitação política deve *seguir* a agitação econômica. Será certo que a luta econômica é em geral³³ “o meio mais amplamente aplicável” para integrar as massas à luta política? Isso é falso de ponta a ponta. Medidas não menos “amplamente aplicáveis” para tal “integração” são *todas* e quaisquer manifestações da opressão policial e dos desmandos da autocracia e de modo algum apenas as manifestações ligadas à luta econômica. [...] todas essas manifestações de opressão, assim como milhares de manifestações idênticas, que não têm ligação direta com a luta “econômica”, hão de representar, em geral, meios e motivos menos “amplamente aplicáveis” à agitação política, para integrar as massas à luta política? Antes pelo contrário: no conjunto total dos casos cotidianos em que o operário sofre (e as pessoas que lhe são próximas) privação de direitos, arbitrariedade e violência, é indiscutível que os casos de opressão policial precisamente no terreno da luta sindical não constituem senão uma pequena minoria. Para quê então restringir de antemão a amplitude

³² Trata-se da União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro.

³³ Dizemos “em geral”, porque a *Rabótcheie Dielo* trata dos princípios e das tarefas gerais de todo o partido. Certamente, na prática, dão-se casos em que a política deve seguir a economia, mas só os “economicistas” podem dizer isso numa resolução para toda Rússia. No capítulo seguinte, assinalaremos que a tática dos “políticos” [...], longe de desconhecer as tarefas *tradeunionistas* da social-democracia, é a única que assegura a sua realização consequente. (Nota do Autor)

da agitação política declarando como “mais amplamente aplicável” só um dos meios, ao lado do qual, para um social-democrata, se devem colocar outros que, falando em geral, não são menos “amplamente aplicáveis”?

[...]

[...] Reivindicar medidas concretas não é por acaso reivindicar reformas sociais? [...]

A social-democracia revolucionária sempre incluiu e continua incluindo no quadro das suas atividades a luta pelas reformas. Mas usa a agitação “econômica” não só para exigir do governo toda a espécie de medidas, mas também [...] para exigir que deixe de ser um governo autocrático. [...] subordina, como a parte ao todo, a luta pelas reformas à luta revolucionária pela liberdade e o socialismo. Martinov, pelo contrário, ressuscita sob uma forma diferente a teoria dos estágios [...].

b) De como Martinov aprofundou Plekhanov

[...]

“Depois de Plekhanov ter escrito o opúsculo citado (*Sobre as tarefas dos socialistas na luta contra a fome na Rússia*), muita água correu sob as pontes – diz Lomónossov-Martinov. – [...] se quiséssemos apresentar uma fundamentação teórica desse tipo, ver-nos-íamos, sem dúvida, obrigados a aprofundar de forma considerável os princípios táticos que, em seu tempo, foram desenvolvidos por Plekhanov... [...]

[...] Até agora, pensávamos (com Plekhanov e com todos os chefes do movimento operário internacional) que um propagandista, se tratar por exemplo da questão do desemprego, deve explicar a natureza capitalista das crises, assinalar a causa da inevitabilidade das mesmas na sociedade atual, indicar a necessidade de transformar a sociedade capitalista em socialista etc. Em suma, deve dar “muitas ideias”, tantas que todas essas ideias, no seu conjunto, só poderão ser assimiladas no momento por poucas (relativamente) pessoas. Pelo contrário, ao tratar do mesmo problema, o agitador tomará um exemplo, o mais flagrante e mais conhecido do seu auditório – por exemplo, o caso de uma família de desempregados morta de inanição, a miséria crescente etc. – e, aproveitando esse fato conhecido por todos, fará todos os esforços para inculcar nas “massas” *uma só ideia*: a ideia do absurdo da contradição entre o aumento da riqueza e o aumento da miséria; procurará *despertar nas massas* o descontentamento, a indignação contra esta flagrante injustiça, deixando ao propagandista o cuidado de dar uma explicação completa dessa contradição. [...] Ao propagandista exigem-se qualidades diferentes das do agitador. Diremos que Kautsky e Lafargue, por exemplo, são propagandistas, enquanto Bebel e Guesde são agitadores. Estabelecer um terceiro terreno ou uma terceira função da atividade prática, incluindo nessa função o “apelo dirigido às massas para certas ações concretas” é o maior dos disparates, porque o “apelo”, como ato isolado, ou é um complemento natural e inevitável do tratado teórico, da brochura de propaganda e do discurso de agitação, ou constitui simplesmente uma função nitidamente executiva. [...] tomemos, por exemplo, a luta atual dos sociais-democratas alemães contra os direitos alfandegários sobre os cereais. Os teóricos escrevem estudos de investigação sobre a política aduaneira [...]; o propagandista faz o mesmo nas revistas e o agitador nos seus discursos públicos. A “ação concreta” das massas consiste, neste caso, na assinatura de uma petição dirigida ao Reichstag exigindo que não sejam aumentados os direitos alfandegários sobre os cereais. O apelo para esta ação parte indiretamente dos teóricos, dos propagandistas e dos agitadores, e diretamente dos operários que percorrem as fábricas e as casas particulares com as listas

de adesão à petição. Segundo a “terminologia de Martinov”, resultaria que Kautsky e Bebel são ambos propagandistas, e os portadores das listas de adesão são agitadores. Não é assim?

[...]

Para que terá “inventado” o nosso Lomonósov essa confusão? Para demonstrar que o *Iskra*, “da mesma maneira que Plekhanov há já uns quinze anos, apenas considera um aspecto da questão” (39). “Segundo o *Iskra*, pelo menos por agora, as tarefas de propaganda relegam para segundo plano as de agitação” (52). Se traduzirmos essa última frase da linguagem de Martinov para linguagem humana corrente [...] teremos o seguinte: segundo o *Iskra*, as tarefas de propaganda e de agitação política relegam para segundo plano a tarefa de “apresentar ao governo reivindicações concretas de medidas legislativas e administrativas” que “prometem certos resultados tangíveis” (por outras palavras, reivindicações de reformas sociais[...]) Que o leitor compare com esta tese a seguinte tirada:

O que nos espanta nestes programas (os programas dos sociais-democratas), é que eles coloquem sempre em primeiro plano as vantagens da atividade dos operários no Parlamento (inexistente no nosso país) e passem completamente por alto (em consequência do seu niilismo revolucionário) a importância da participação dos operários nas assembleias legislativas dos industriais, existentes no nosso país, para a discussão de assuntos fabris... [...]

[...]

c) As denúncias políticas e a “educação da atividade revolucionária”

Ao lançar contra o *Iskra* a sua “teoria” da “elevação da atividade da massa operária”, Martinov revelou, na realidade, a sua tendência para rebaixar essa atividade, uma vez que declarou que o meio preferível, de particular importância, “mais amplamente aplicável” para a despertar, e o campo dessa atividade era a própria luta econômica [...]. Na realidade, só se pode “elear a atividade da massa operária” desde que *não nos circunscrevamos* à “agitação política no terreno econômico”. E uma das condições essenciais para essa extensão indispensável da agitação política é organizar denúncias políticas que abarquem *todos os terrenos*. A consciência política e a atividade revolucionária das massas *não podem* ser educadas senão com base nestas denúncias. Por isso, a atividade desse gênero constitui uma das mais importantes funções de toda a social-democracia internacional, porque mesmo a liberdade política não elimina de modo algum essas denúncias [...] A consciência da classe operária não pode ser uma verdadeira consciência política se os operários não estão habituados a reagir contra todos os casos de arbitrariedade e opressão, de violências e abusos de toda a espécie, quaisquer que sejam as classes afetadas; e a reagir, além disso, do ponto de vista social-democrata e não de qualquer outro. A consciência das massas operárias não pode ser uma verdadeira consciência de classe se os operários não aprenderem, com base em fatos e acontecimentos políticos concretos e, além disso, necessariamente de atualidade, a observar *cada uma* das outras classes sociais *em todas* as manifestações da sua vida [...]. Quem dirigir a atenção, o espírito de observação e a consciência da classe operária exclusivamente, ou mesmo apenas principalmente, para si própria, não é um social-democrata, porque o conhecimento de si por parte da classe operária está ligado de forma inseparável a uma visível compreensão não só dos conceitos teóricos... ou melhor: não tanto dos conceitos teóricos, como das ideias elaboradas com base na experiência da vida política sobre as relações entre todas as classes da sociedade atual. [...] E não é nos livros que se pode obter essa “ideia visível”: só a podem dar quadros vivos, denúncias em cima dos acontecimentos, de tudo que sucede num dado momento à nossa volta, do que todos e cada um falam ou, pelo menos, murmuram, do que se manifesta

em determinados acontecimentos, números, sentenças judiciais etc. etc. Essas denúncias políticas que abarcam todos os aspectos da vida são uma condição indispensável e fundamental para educar a atividade revolucionária das massas.

Por que o operário russo manifesta ainda pouca atividade revolucionária perante a violência brutal com que a polícia trata o povo [...]? Será porque a “luta econômica” não o “leva” a isso, porque isso lhe “promete” poucos “resultados tangíveis”, lhe oferece poucos resultados “positivos”? Não, semelhante juízo, repetimos, não é senão uma tentativa de lançar as culpas sobre os outros, de lançar o seu próprio filisteísmo (bersteinianismo) sobre a massa operária. Devemos atribuir a culpa a nós próprios, ao nosso atraso em relação ao movimento das massas, a não termos sabido ainda organizar denúncias amplas o suficiente, convincentes e rápidas contra todas essas infâmias. [...] Até agora fizemos muito pouco, quase nada, para *lançar* entre as massas operárias denúncias sobre todos os assuntos e de atualidade. Muitos de nós nem sequer têm ainda consciência dessa sua *obrigação* e arrastam-se espontaneamente atrás da “cinzenta luta cotidiana” nos limites estreitos da vida fabril. Nessas condições, dizer: “O *Iskra* tem tendência a subestimar a importância da marcha ascendente da cinzenta luta cotidiana, em comparação com a propaganda de ideias brilhantes e acabadas” (Martinov, p. 61) – significa arrastar o partido para trás, significa defender e glorificar o nosso despreparo, o nosso atraso.

Quanto ao apelo dirigido às massas para a ação, surgirá por si mesmo desde que haja uma enérgica agitação política [...]. Apanhar alguém em flagrante delito e estigmatizá-lo imediatamente perante todos e em toda a parte tem mais efeito do que qualquer “apelo” [...]. Não se pode apelar para uma ação – no sentido concreto da palavra e não no sentido geral – senão no próprio lugar da ação; só pode exortar os outros à ação aquele que se lança à ação. A nós, publicistas social-democratas, compete-nos aprofundar, alargar e intensificar as denúncias políticas e a agitação política.

A propósito dos “apelos”. O *único órgão* que antes dos acontecimentos da Primavera³⁴ *apelou* para a intervenção ativa dos operários numa questão que não *prometia* absolutamente nenhum *resultado tangível* aos operários, como era a do recrutamento militar dos estudantes, *foi o “Iskra”*. Imediatamente depois da publicação da ordem de 11 de janeiro sobre “a incorporação de 183 estudantes nas fileiras do exército”, o *Iskra* publicou um artigo sobre esse fato [...]³⁵, e antes de começar qualquer manifestação *apelou* abertamente “para o operário vir em ajuda do estudante”, apelou para que o “povo” respondesse ao insolente desafio do governo. [...] como explicar o fato notável de Martinov, que tanto fala de “apelos”, que até destaca os “apelos” como uma forma particular de atividade, não ter mencionado esse apelo? [...]

Os nossos “economicistas”, entre eles a *Rabótcheie Dielo*, tiveram êxito porque macaquearam a mentalidade dos operários atrasados. Mas o operário social-democrata, o operário revolucionário [...]. Esse operário dirá aos seus conselheiros do *Rabótchaia Misl* e da *Rabótcheie Dielo*: Atarefais-vos em vão intervindo com demasiado zelo nos assuntos que nós próprios resolvemos e esquivando-vos ao cumprimento das vossas verdadeiras obrigações. Porque não é muito inteligente dizer, que a tarefa dos sociais-democratas é imprimir à própria luta econômica um caráter político; isso não é mais do que o começo, não é a tarefa principal dos sociais-democratas [...]. Essa “luta econômica dos operários contra os patrões e o governo”, que ostentais como uma nova América que tivésseis descoberto, fazem-na, em muitos

³⁴ Ações revolucionárias de massas dos estudantes e operários – manifestações políticas, comícios e greves – em fevereiro e março de 1901 em Petersburgo, Moscou, Kiev, Carcóvia, Kazan, Tomsk e outras cidades da Rússia.

³⁵ Ver V. I. Lenin, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, tomo 4, pp. 391-396. (NdoE)

lugares perdidos da Rússia, os próprios operários, que ouviram falar de greves, mas ignoram provavelmente tudo sobre o socialismo. [...]

[...]

e) A classe operária como combatente de vanguarda pela democracia

Já vimos que a realização da mais ampla agitação política e, por consequência, a organização de denúncias políticas em todos os aspectos, constituem uma tarefa absolutamente necessária, a tarefa *mais imperiosamente* necessária da atividade, sempre que esta atividade seja social-democrata de verdade. Mas chegámos a essa conclusão partindo *unicamente* da necessidade premente que a classe operária tem de conhecimentos políticos e de educação política. Pois bem, essa maneira de pôr o problema seria demasiado restrita, ignoraria as tarefas democráticas gerais de toda a social-democracia em geral e da social-democracia russa atual em particular. Para explicar essa tese da forma mais concreta possível, abordaremos o problema do ponto de vista mais “familiar” ao “economicista”, isto é, do ponto de vista prático. “Todos estão de acordo” que é necessário desenvolver a consciência política da classe operária. Pergunta-se, *como fazê-lo* e o que é necessário para fazê-lo? A luta econômica “leva” os operários a pensar somente nos problemas relacionados com a atitude do governo em relação à classe operária; por isso, *por mais que nos esforcemos* na tarefa de “imprimir à própria luta econômica um caráter político”, *nunca poderemos*, dentro dos limites de tal tarefa, desenvolver a consciência política dos operários (até o grau de consciência política social-democrata) porque *esses próprios limites são estreitos*. A fórmula de Martinov é-nos preciosa não como prova do confusivismo do seu autor, mas porque exprime com relevo o erro fundamental de todos os “economicistas”, a saber: a convicção de que se pode desenvolver a consciência política de classe dos operários a partir de dentro, por assim dizer, da sua luta econômica, isto é, tomando unicamente (ou, pelo menos, principalmente) essa luta como ponto de partida, baseando-se unicamente (ou, pelo menos, principalmente) nessa luta. Essa opinião é falsa [...].

A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões. A única esfera em que se pode obter esses conhecimentos é na esfera das relações de todas as classes e camadas com o Estado e o governo, na esfera das relações de todas as classes entre si. Por isso, à pergunta: “que fazer para levar conhecimentos políticos aos operários?”, não se pode dar a resposta com que se contentam, na maioria dos casos, os militantes dedicados ao trabalho prático, sem falar dos que pendem para o “economicismo”, ou seja: “Há que ir aos operários.” Para levar aos operários conhecimentos políticos, os sociais-democratas devem ir a todas as classes da população, devem enviar para toda a parte destacamentos do seu exército.

[...]

[...] o ideal do social-democrata não deve ser o secretário de *trade union*, mas o *tribuno popular* [...]. Comparai, por exemplo, homens como Robert Knight (secretário e dirigente da União dos operários caldeireiros, um dos mais poderosos sindicatos de Inglaterra) e Wilhelm Liebknecht e apliquemos a eles os contrastes enumerados por Martinov na exposição das suas divergências com o *Iskra*. Vereis – começo a folhear o artigo de Martinov – que R. Knight “exortou muito mais as massas a ações concretas determinadas” (39) e que Liebknecht se ocupou mais a “abordar, de um ponto de vista revolucionário, todo o regime atual ou as suas manifestações parciais” (38-39); que R. Knight “formulou as reivindicações imediatas do proletariado e indicou os meios de as satisfazer” (41) e que Liebknecht, sem

deixar de fazer isso, não renunciou a “dirigir ao mesmo tempo a enérgica atividade dos diferentes setores oposicionistas”, a “ditar-lhes um programa positivo de ação”³⁶ (41); que R. Knight se esforçou precisamente para “imprimir, na medida do possível, à própria luta econômica um caráter político” (42) e que soube na perfeição “formular ao governo reivindicações concretas que prometiam certos resultados tangíveis” (43), enquanto Liebknecht se ocupou muito mais, “de forma unilateral”, em “denunciar os abusos” (40); que R. Knight deu muito mais importância “à marcha progressiva da cinzenta luta cotidiana” (61) e Liebknecht à “propaganda de ideias brilhantes e acabadas” (61); que Liebknecht fez do jornal que dirigia, precisamente, um “órgão da oposição revolucionária que denuncia o estado de coisas reinante no nosso país e, sobretudo, o estado de coisas político, na medida em que se opõe aos interesses das mais diversas camadas da população” (63), enquanto R. Knight “trabalhou pela causa operária, em estreita ligação orgânica com a luta proletária” (63) – se se entender por “estreita ligação orgânica” esse culto da espontaneidade [...] – e “restringiu a sua esfera de influência”, naturalmente persuadido, como Martinov, que “desse modo se acentuava essa influência”. [...]

[...]

f) Mais uma vez “caluniadores”, mais uma vez “mistificadores”

[...]

A *Rabótcheie Dielo*, tal como os autores da carta “economicista” do nº 12 do *Iskra*, deveria ter “pensado na razão que levou os acontecimentos da Primavera a provocar uma tão considerável reanimação das tendências revolucionárias não sociais-democratas, em vez de reforçar a autoridade e o prestígio da social-democracia”. A razão consiste em não termos estado à altura da nossa missão, em a atividade das massas operárias ter sido mais elevada que a nossa, em não termos tido dirigentes e organizadores revolucionários preparados o bastante, que conhecessem o estado de espírito de todos os setores da oposição e soubessem colocar-se à cabeça do movimento, transformar uma manifestação espontânea numa manifestação política, imprimir-lhe um caráter político mais amplo etc. Nessas condições, os revolucionários não sociais-democratas mais dinâmicos e mais enérgicos continuarão inevitavelmente a se aproveitar do nosso atraso, e os operários, por maior que seja a abnegação e energia com que lutem com a polícia e a tropa, por muito revolucionária que seja sua atuação, não poderão ser mais do que uma força que apoia os revolucionários, serão retaguarda da democracia burguesa e não vanguarda social-democrata.

[...]

³⁶ Assim, durante a guerra franco-prussiana, Liebknecht ditou um programa de ação para toda a democracia, como o tinham feito, numa escala ainda maior, Marx e Engels em 1848. (Nota do autor)

As lições da insurreição de Moscou

(29 de agosto de 1906)³⁷

O livro *Moscou em Dezembro de 1905* (M. 1906) não podia ter saído com maior oportunidade. Uma tarefa vital do partido operário é assimilar a experiência da insurreição de dezembro. É de lamentar que este livro seja uma barrica de mel com uma colher de alcatrão: o material é extremamente interessante, apesar de incompleto, mas as conclusões são incrivelmente superficiais, incrivelmente vulgares. Dessas conclusões, falaremos à parte³⁸, por agora voltaremos à questão política atual, às lições da insurreição de Moscou.

As formas principais do movimento de dezembro em Moscou foram a greve pacífica e as manifestações. A enorme maioria da massa operária participou de maneira ativa apenas nessas duas formas de luta. Mas a ação de dezembro em Moscou demonstrou que a greve geral, como forma independente e principal de luta, tornou-se obsoleta e que o movimento ultrapassa, com uma força espontânea e irresistível, este quadro estreito e gera a forma suprema da luta, a insurreição.

Todos os partidos revolucionários, todos os sindicatos de Moscou ao declarar a greve, tinham consciência e até mesmo sentiam a inevitabilidade da sua transformação em insurreição. O Soviete dos Deputados Operários decidiu, em 6 de dezembro, “esforçar-se por transformar a greve em insurreição armada”. Mas, de fato, nenhuma das organizações estava preparada para isso, mesmo o Conselho de coligação dos grupos de combate³⁹ falava (*em 9 de Dezembro!*) de insurreição como de algo distante, e a luta de rua passava, sem dúvida, por cima da sua cabeça e sem a sua participação. As organizações *atrasaram-se* em relação ao crescimento e à envergadura do movimento.

A greve ia transformando-se em insurreição, antes de mais, sob a pressão das condições objetivas, criadas depois de outubro⁴⁰. Já não era possível surpreender o governo por meio de uma greve geral, ele já organizara a contrarrevolução, preparada para ações militares. Tanto o curso geral da revolução russa depois de outubro como a sucessão dos acontecimentos em Moscou nas jornadas de dezembro confirmaram de modo admirável uma das profundas teses de Marx: a revolução avança porque cria uma contrarrevolução forte e unida, ou seja, obriga o inimigo a recorrer a meios de defesa cada vez mais extremos e elabora assim meios de ataque cada vez mais poderosos⁴¹.

7 e 8 de dezembro: greve pacífica, manifestações pacíficas de massas.

³⁷ Primeira Edição: *Proletári* nº 2, 29 de agosto de 1906. Tradução: Edições Avante!, com base nas *Obras Completas* de V. I. Lenin, 5ª ed. em russo, tomo 13, pp. 369-377. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1906/08/29.htm#r1>

³⁸ Ver V. I. Lenin, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, tomo 13, pp 388-392. (NdoE)

³⁹ O Conselho de coligação dos grupos de combate surgiu em Moscou em outubro de 1905. Inicialmente criado para uma luta prática contra os centúrias negras, subsistiu até a insurreição de dezembro. A maioria socialista-revolucionária e menchevique do Conselho introduzia a desorganização na sua atividade; nos dias da insurreição armada de dezembro, o Conselho foi a reboque dos acontecimentos revolucionários e não soube desempenhar o papel de estado-maior operacional da insurreição.

⁴⁰ Trata-se da greve política geral que iniciou por decisão do Comitê do POSDR de Moscou. A 7 (20) de outubro eclodiu uma greve na ferrovia Moscou-Kazan. Estendeu-se rapidamente a todos os centros industriais e se transformou numa greve de toda a Rússia. O número de grevistas ultrapassou dois milhões. A greve de outubro se realizou sob a palavra de ordem da derrubada da autocracia, do boicote ativo à Duma de Bulíguine, da convocação da Assembleia Constituinte e do estabelecimento da república democrática.

⁴¹ V. I. Lenin cita uma tese da obra de K. Marx *As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850*.

8 de dezembro à noite: cerco do Aquário⁴².

9 durante o dia: os dragões carregam contra a multidão na Praça Strastnaia. À noite, esmagamento da casa de Fídlér⁴³. A exaltação cresce. A multidão não organizada das ruas começa a erguer de modo completamente espontâneo e de forma ainda insegura as primeiras barricadas.

10: a artilharia abre fogo contra as barricadas e contra a multidão das ruas. A construção de barricadas se torna uma ação decidida, não isolada, mas sem dúvida de massas. Toda a população está nas ruas; toda a cidade se cobre de uma rede de barricadas nos principais centros. Durante vários dias, desenvolve-se uma tenaz luta de guerrilhas entre os grupos de combate e as tropas, luta que esgota os soldados e obriga Dubássov a implorar reforços. Só em 15 de dezembro as forças governamentais conseguem uma preponderância decisiva, e em 17 o regimento Semiónovski⁴⁴ esmaga o bairro de Présnia, último baluarte da insurreição.

Da greve e das manifestações às barricadas isoladas. Das barricadas isoladas à construção em massa de barricadas e à luta de ruas contra as tropas. Por cima da cabeça das organizações, a luta proletária de massas passou da greve à insurreição. É nisso que reside a grande aquisição histórica da revolução russa, alcançada em dezembro de 1905, aquisição alcançada, como todas as precedentes, à custa de sacrifícios imensos. Da greve política geral o movimento elevou-se a um grau superior. Forçou a reação a *ir até o fim* na sua resistência, aproximando assim em proporções gigantescas o momento em que a revolução também irá até o fim no emprego dos meios ofensivos. A reação *não* pode ir *mais além* do que arrasar com artilharia as barricadas, as casas e a multidão das ruas. A revolução pode ainda ir mais além do que os grupos de combate de Moscou, pode ir muito, muito mais além, tanto em amplitude quanto em profundidade. [...]

As mudanças das condições objetivas da luta, que exigiam a passagem da greve à insurreição, sentiu-as o proletariado antes dos seus dirigentes. A prática, como sempre, precedeu a teoria. A greve pacífica e as manifestações logo deixaram de satisfazer os operários, que perguntavam: e depois? – e exigiam ações mais ativas. A diretiva de erguer barricada chegou aos bairros com enorme atraso, quando no centro já se erguia barricadas. Os operários lançaram-se à obra em massa, mas também *isso não os satisfazia*, perguntavam: e depois? – e exigiam ações mais ativas. Nós, dirigentes do proletariado social-democrata, em dezembro, assemelhamo-nos àquele chefe militar que tinha os seus regimentos tão absurdamente dispostos que a maior parte das suas tropas não pôde tomar parte ativa na batalha. As massas operárias procuravam e não encontravam diretivas para ações de massas ativas.

Assim, não há nada mais míope do que o ponto de vista de Plekhanov retomado por todos os oportunistas, de que não se devia começar essa greve inoportuna, de que “não se devia ter pegado em armas”. Pelo contrário, o que era preciso era pegar em armas de forma mais decidida, enérgica e ofensiva, o que era preciso era explicar às massas a impossibilidade de uma

⁴² Em 8 (21) de dezembro de 1905 os soldados e a polícia cercaram o jardim “Aquário” (na praça Sadovo-Triumfálnaia), onde, naquele momento, ocorria um comício muito concorrido. Conseguiu-se evitar o derramamento de sangue graças às ações abnegadas de um grupo de combate operário que assegurava a defesa do comício; os assistentes que tinham armas tiveram a oportunidade de escapar por uma paliçada derrubada, mas os demais participantes do comício que saíram pela porta principal foram revistados e espancados e muitos foram presos.

⁴³ O edifício da escola de Fídlér era um lugar permanente de comícios e reuniões do partido. Na noite de 9 (22) de dezembro de 1905, a casa de Fídlér, foi cercada pela tropa. Depois de os assistentes, entre os quais predominavam os membros dos grupos de combate, terem se recusado a render-se e terem se barricado no local, a tropa submeteu o edifício ao fogo de artilharia e metralhadoras; foram mortas e feridas mais de 30 pessoas e presas 120.

⁴⁴ O regimento Semiónovski da guarda foi enviado em 1905 de Petersburgo a Moscou para esmagar a insurreição dos operários de Moscou.

greve puramente pacífica e a necessidade de uma luta armada intrépida e implacável. E agora devemos, por fim, reconhecer abertamente e proclamar bem alto a insuficiência das greves políticas, devemos fazer agitação nas mais amplas massas pela insurreição armada, sem esconder essa questão por meio de nenhum “grau preliminar”, sem a encobrir com nenhum véu. Esconder das massas a necessidade de uma guerra desesperada, sangrenta e encarniçada, como tarefa imediata da ação próxima, significa enganar-se tanto a si próprio quanto ao povo.

Tal é a primeira lição dos acontecimentos de dezembro. Outra lição diz respeito ao caráter da insurreição, à maneira de a realizar, às condições da passagem das tropas para o lado do povo. Na ala direita do nosso partido, está difundido com força um ponto de vista extremamente unilateral sobre essa passagem. Não se pode, diz-se, lutar contra tropas modernas, é preciso que as tropas se tornem revolucionárias. É evidente que se a revolução não se tornar de massas e não ganhar as próprias tropas, nem se pode falar de uma luta séria. É evidente que o trabalho nas tropas é necessário. Mas não se pode imaginar essa passagem das tropas como um ato simples e isolado, resultante da persuasão, por um lado, e da consciência, por outro. A insurreição de Moscou mostra-nos com evidência como essa concepção é estereotipada e estéril. Na realidade, a vacilação das tropas, que todo o movimento popular de verdade implica inevitavelmente, conduz, quando a luta revolucionária se agudiza, a uma verdadeira *luta pelas tropas*. A insurreição de Moscou nos mostra exatamente a mais implacável e a mais encarniçada luta da reação e da revolução pelas tropas. O próprio Dubassov declarou que, dos 15 mil homens das tropas de Moscou, só 5 mil eram de confiança. O governo procurava conter os vacilantes pelas medidas mais variadas e mais desesperadas: procuravam convencê-los, adulavam-nos, subornavam-nos distribuindo-lhes relógios, dinheiro etc., embebedavam-nos com aguardente, enganavam-nos, aterrorizavam-nos, encerravam-nos nos quartéis, desarmavam-nos e tiravam das suas fileiras à traição e pela violência os soldados considerados como os mais inseguros. E é preciso ter a coragem de reconhecer, de forma franca e aberta, que neste aspecto nós ficámos atrás do governo. Não soubemos utilizar as forças de que dispúnhamos para uma luta tão ativa, audaz, com espírito de iniciativa e de ofensiva pelas tropas vacilantes [...]. Dedicamo-nos e nos dedicaremos ainda mais a “trabalhar” as tropas no terreno ideológico. Mas seremos uns tristes pedantes se esquecermos que no momento da insurreição é necessária também uma luta física pelo exército.

O proletariado de Moscou nos deu nas jornadas de dezembro admiráveis lições de “trabalho” ideológico nas tropas; por exemplo, [...] na Praça Strastnaia quando a multidão cercou os cossacos, misturou-se com eles, confraternizou com eles e persuadiu-os a voltar para trás. [...] Esses exemplos de coragem e de heroísmo devem ficar gravados para sempre na consciência do proletariado.

[...] No momento da insurreição não estivemos à altura da nossa tarefa na luta pelas tropas vacilantes.

Dezembro confirmou com evidência outra profunda tese de Marx esquecida pelos oportunistas, a saber, que a insurreição é uma arte e a principal regra dessa arte é a *ofensiva* ilimitadamente audaz, inquebrantavelmente decidida⁴⁵. Não assimilamos o suficiente essa verdade. Nós próprios não aprendemos o suficiente e não ensinamos suficiente às massas essa arte, essa regra da ofensiva a todo o custo. Temos agora de reparar com toda a energia essa falta. Não basta agrupar-se pela atitude em relação às palavras de ordem políticas, é

⁴⁵ Trata-se da obra *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*, escrita por Engels. Foi publicada em 1851-1852 numa série de artigos no jornal *New York Daily Tribune* com a assinatura de Marx, que queria inicialmente redigir essa obra ele próprio, mas, estando ocupado, passou o trabalho dos artigos a Engels. Só em 1913, devido à publicação da correspondência entre Marx e Engels, tornou-se conhecido que *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha* foi escrito por Engels.

indispensável agrupar-se também pela atitude em relação à insurreição armada. [...] Não é a passividade que nós devemos pregar, não é a simples “espera” do momento em que as tropas “se passarão”; não, nós devemos tocar todos os sinos, proclamando a necessidade de uma ofensiva audaciosa e de um ataque de armas na mão, a necessidade de exterminar ao mesmo tempo os chefes e de lutar do modo mais enérgico pelas tropas vacilantes.

A terceira grande lição que Moscou nos deu se refere à tática e à organização das forças para a insurreição. A tática militar depende do nível da técnica militar – Engels mastigou essa verdade e meteu-a na boca dos marxistas⁴⁶. A técnica militar de hoje não é a mesma que em meados do século 19. [...]

[...]

Desenvolvamos, pois, de forma mais ampla, o nosso trabalho e definamos com mais audácia as nossas tarefas, assimilando as lições das grandes jornadas da revolução russa. Na base do nosso trabalho, está uma apreciação exata dos interesses das classes e das necessidades do desenvolvimento de todo o povo no momento atual. Em torno da palavra de ordem de derrubada do poder tsarista e de convocação da assembleia constituinte por um governo revolucionário, nós agrupamos e agruparemos uma parte cada vez maior do proletariado, do campesinato e das tropas. O desenvolvimento da consciência das massas continua a ser, como sempre, a base e o conteúdo principal de todo o nosso trabalho. Mas não esqueçamos que, nos momentos como o que atravessa a Rússia, a essa tarefa geral, constante e essencial se juntam tarefas particulares, especiais. [...]

Lembremo-nos que se aproxima a grande luta de massas. Será a insurreição armada. Ela deve ser, na medida do possível, simultânea. [...]

⁴⁶ Essa tese foi desenvolvida por Engels em várias obras, nomeadamente na obra *Anti-Dühring*.

Sobre a questão da dialética⁴⁷

(1915)

A essência da dialética está na divisão de um todo e o conhecimento de suas partes contraditórias.⁴⁸ Essa é uma das principais se não a característica principal da dialética. É precisamente como Hegel também formula esta questão.⁴⁹

A justeza desse aspecto do conteúdo da dialética deve ser verificada na história da ciência. Geralmente (como, por exemplo, nas obras de Plekhanov), não se dá atenção suficiente a este aspecto da dialética: a identidade dos contrários é considerada como uma soma de *exemplos* [“por exemplo, as sementes”, “por exemplo, o comunismo primitivo”; o mesmo acontece com Engels. Mas ele faz isso “para fins de divulgação”...], e não como uma *lei do conhecimento* (a lei do mundo objetivo).

Em matemática: os sinais (+) e (-) ou diferencial e integral.

Na mecânica: ação e reação.

Em física: eletricidade positiva e negativa.

Em química: a combinação e a dissociação dos átomos.

Nas ciências sociais: a luta de classes.

A identidade das contradições (talvez fosse mais correto dizer sua “*unidade*”, embora a diferença entre os termos “identidade” e “unidade” não tenha, nesse caso, uma importância essencial e, em algum sentido, ambos os termos são justos), constitui o reconhecimento (descoberta) da existência de tendências contraditórias e mutuamente excludentes e antagônicas em todos os fenômenos e processos da natureza (tanto os do espírito quanto os da sociedade).

⁴⁷ Primeira edição: em 1925, na revista *Bolchevik*. Fonte: *Lenin's Collected Works*, 4th Edition, Moscow, 1976, Volume 38, pp. 357-361. O fragmento “Sobre a questão da dialética” foi escrito por Lenin em Berna, Suíça, em 1915, e encontra-se nos *Cadernos Filosóficos*, entre o resumo do livro de Lassalle acerca da filosofia de Heráclito e o resumo da *Metafísica* de Aristóteles. No entanto, as referências à *Metafísica* que figuram neste fragmento permitem presumir que foi redigido após Lenin ter lido a obra de Aristóteles. O fragmento é, portanto, uma espécie de balanço do trabalho de Lenin sobre os problemas filosóficos em 1914-1915. Os *Cadernos Filosóficos* de Lenin revelam um método de estudo comprovadamente eficaz, estudar escrevendo, cotejando e dialogando com o autor e suas fontes. Foram anotações de grande profundidade filosófica realizadas em plena Primeira Guerra Mundial. Um leitor mais desatento pode vir a pensar que se trata de um capricho diletante dedicar-se a tal estudo em meio a convulsão generalizada na Europa e num momento em que milhares de proletários são enviados para os campos de batalha para serem trucidados pela carnificina da primeira guerra imperialista. Paralelamente à sua atividade militante de organizar os internacionalistas autênticos para construir uma nova internacional, nesse momento Lenin também priorizou o estudo de Hegel. Segundo Lenin, é impossível compreender plenamente *O Capital* de Marx, especialmente o primeiro capítulo, sem estudar e compreender a *Lógica* de Hegel por inteiro. É inegável que esses estudos possibilitaram o salto de qualidade na elaboração militante do mesmo, tornando-o imprescindível (segundo Trotsky) no comando da revolução de outubro dois anos depois. Essa tradução foi elaborada por Humberto Rodrigues a partir do estudo comparado entre a versão inglesa do texto de Lenin publicada no *Marxist Internet Archiv*; da versão castelhana do mesmo site, da revisão da tradução de Moacir Gadotti publicada na revista *Socialismo e Democracia*, nº 4, de outubro/dezembro de 1984 e sobretudo da edição impressa em castelhano dos *Cadernos Filosóficos* de Lenin (Editora Ayuso). Os destaques sublinhados foram feitos por Humberto, os demais destaques no texto: negrito, itálico, caixa alta etc., são do próprio Lenin.

⁴⁸ Ver a citação de Filón em Heráclito, no início da Parte III, “Sobre o conhecimento”, citado por Lassalle em seu texto “Heráclito”. Esta citação é reproduzida na página 336 (Editora Ayuso) dos *Cadernos Filosóficos* de Lenin: “Porque o Uno é composto de dois contrários, de forma que, ao dividi-los em dois, esses contrários aparecem. Por acaso não é esse o princípio que, a partir dos gregos, seu grande e célebre Heráclito colocava como fundamento de sua filosofia e que se entendeu como um novo descobrimento?” ... “Do mesmo modo, o mundo está dividido em duas partes que se contrapõem mutuamente: a terra – em montanhas e planícies; a água – em doce e salgada... E também a atmosfera – em inverno e verão, e além disso, em primavera e outono.” (Nota do tradutor)

⁴⁹ Assim como Heráclito, contra quem Aristóteles em sua obra *Metafísica* choca-se continuamente.

A condição para o conhecimento de todos os processos do universo em seu “automovimento”, em seu desenvolvimento espontâneo, em sua vida real, está na unidade das contradições. As duas concepções fundamentais (as duas possíveis ou as duas historicamente observadas) do desenvolvimento (evolução) são: desenvolvimento no sentido de diminuição e aumento, como repetição, e desenvolvimento no sentido da unidade dos contrários (a divisão da unidade em dois polos mutuamente excludentes e a relação entre eles).

A primeira concepção, o automovimento, sua força *impulsora*, a sua fonte, o seu motivo, ficam obscurecidos (melhor dizendo, a sua força é atribuída a algo externo: Deus, a ideia etc.). A segunda concepção tem como foco principal precisamente o conhecimento da fonte do “*auto*”-movimento.

A primeira concepção é inerte, insípida, ressecada. A segunda é viva. Apenas a segunda dá a chave para o “automovimento” de tudo o que existe; somente a concepção do desenvolvimento no sentido da unidade dos contrários explica os “saltos” que “quebram a continuidade do desenvolvimento”, a “mudança em favor do seu contrário”, a destruição do velho e o surgimento do novo.

A unidade (coincidência, identidade, equivalência) das contradições é condicional, temporária, transitória, relativa. A luta dos contrários, excluindo-se mutuamente, é absoluta, como são absolutos o desenvolvimento e o movimento.

A diferença entre a dialética e o subjetivismo (ceticismo, sofismo etc.) reside, entre outras coisas, em que, para a dialética (objetiva), a diferença entre o relativo e o absoluto é relativa. Para a dialética objetiva existe um absoluto dentro do relativo. Para o subjetivismo e a sofística o relativo é apenas relativo, excluindo o absoluto.⁵⁰

Em *O Capital*, Marx analisa primeiro a relação mais simples, comum, ordinária, cotidiana, fundamental, a mais popular *relação* da sociedade burguesa (mercantil), que se realiza bilhões de vezes na sociedade burguesa (de negócios): a troca de mercadorias. A análise desse fenômeno tão simples (nesta “célula” da sociedade burguesa) revela todas as contradições (ou seja, o germe de todas as contradições) da sociedade moderna. A discussão a seguir nos mostra o desenvolvimento (crescimento e movimento) dessas contradições e da sociedade na soma de suas partes individuais, desde o seu início até ao seu fim.

Esse deve ser o método de exposição (e estudo) da dialética em geral (porque para Marx a dialética da sociedade burguesa é apenas um caso particular da dialética). Que se comece pelo mais simples, comum, cotidiano etc., com QUALQUER proposição: As folhas da árvore são verdes; João é um homem; Capitão é um cachorro etc. Como observou Hegel de forma genial, em todas essas proposições existe dialética. O INDIVIDUAL É o universal⁵¹: Portanto, os contrários (o individual se opõe ao universal) são idênticos, o individual existe apenas através da relação que o conduz o universal. O universal existe apenas no individual e através do individual. Cada elemento individual é (de uma forma ou de outra) universal. Todo universal é (um fragmento, ou um aspecto, ou a essência de) um individual. Todo universal abrange nada menos que todos os individuais. Cada indivíduo compõe de forma incompleta

⁵⁰ Isso significa que, para a dialética objetiva, a sentença “tudo é relativo” também é relativa uma vez que faz parte do “tudo”. Portanto, algo existe de absoluto dentro do relativo, do movimento, no instante, na definição conceitual de um fenômeno e objeto sob determinadas condições temporais. (Nota do tradutor)

⁵¹ Conferir na *Metafísica* de Aristóteles. Trad. Schwegler, vol. II, p 40, parte 3, cap. IV, 8-9... “Porque não se pode sustentar o argumento de que é possível que exista uma casa em abstrato (em geral) além das casas que são visíveis.”

o universo etc. Todo o indivíduo está ligado por milhares de mediações com outros TIPOS de indivíduos (coisas, fenômenos, processos) etc. Aqui já se expressam os elementos, os germes, os conceitos da necessidade, da conexão objetiva na natureza etc. *Aqui já temos o contingente e o necessário, o fenômeno e a essência; quando dizemos: As folhas da árvore são verdes; João é um homem; Capitão é um cachorro etc., nós desconsideramos uma série de atributos contingentes; separamos a essência da aparência e contrapomos uma à outra.*

Assim, em qualquer proposição, podemos (e devemos) explicar como um “núcleo” (ou uma “célula”) contém os germes de todos os elementos da dialética e, com isso, mostrar que a dialética é uma propriedade de todos os conhecimentos humanos em geral. As ciências da natureza nos mostram (e aqui novamente deve ser demonstrado em qualquer simples exemplo) a natureza objetiva com as mesmas qualidades, a transformação do individual no universal, do contingente em necessário⁵², transições, mediações, modulações e a ligação recíproca dos contrários. A dialética é a teoria do conhecimento (de Hegel) do marxismo. Esse é o “aspecto” do assunto (não é “um aspecto”, mas a essência do assunto) ao qual Plekhanov, para não falar de outros marxistas, não deu atenção.



O conhecimento é representado sob a forma de uma série de círculos tanto por Hegel (ver *Lógica*) quanto por Paul Volkmann, o moderno “epistemólogo” da ciência natural e eclético inimigo do hegelianismo (doutrina que Volkmann nunca entendeu!) (ver em *Erkenntnis-theoretische Grundzüge*⁵³).

[...]

A Dialética como conhecimento vivo, multifacetado (com um número de aspectos que crescem eternamente), com uma infinita quantidade de nuances de cada aspecto abordado e aproximações da realidade (com um sistema filosófico que se converte em um todo a partir de cada matiz)⁵⁴ – aqui está um conteúdo imensamente rico em comparação com o materialismo “metafísico”, cuja infelicidade fundamental reside em sua incapacidade de aplicar a dialética à *Bildertheorie*⁵⁵, ao processo e desenvolvimento do conhecimento.

O idealismo filosófico é tão somente um absurdo do ponto de vista do materialismo vulgar, simples e metafísico. Por outro lado, do ponto de vista do materialismo dialético, o idealismo filosófico é um desenvolvimento unilateral, exagerado, überschwengliches (Dietzgen)⁵⁶ de uma das características, aspectos, facetas do conhecimento que se converte assim em um

⁵² A transformação do contingente em necessário inspira a observação de Trotsky de que as revoluções são impossíveis até que se tornam inevitáveis.

⁵³ P. Volkmann, “Fundamentos epistemológicos da ciência e sua relação com a vida intelectual do presente”, Leipzig-Berlim, 1910, p. 35. Ed. Volkmann foi um físico alemão e reitor da Universidade de Königsberg, Prússia.

⁵⁴ Para Hegel, a verdade é o todo. A consciência das múltiplas contradições com sua profusão de aspectos eternamente crescentes. “A consciência percebente é cônica da possibilidade da ilusão, pois na universalidade, que é (seu) princípio, o ser – Outro é para ela, imediatamente: mas enquanto nada, (como) supassumido. Portanto, seu critério de verdade é a igualdade-consigo-mesmo, e seu procedimento é aprender o que é igual a si mesmo. Como ao mesmo tempo o diverso é para ela, a consciência é um correlacionar dos diversos momentos de seu apreender. Mas se nesse confronto surge uma desigualdade, não é assim uma inverdade do objeto – pois ele é igual a si mesmo – mas (inverdade) de perceber. (HEGEL, G.W.F., *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Editora Vozes, 1992, p. 86, §116) (Nota do tradutor)

⁵⁵ *Bildertheorie*: teoria da reflexão.

⁵⁶ *Überschwengliches*: inflação, distensão, efusão.

absoluto, divorciada da matéria, da natureza, divinizado, levado a apoteose. Verdade. Mas o idealismo filosófico é (“mais corretamente” e “além” dele) um caminho para o obscurantismo clerical através DE UM DOS MATIZES do conhecimento infinitamente complexo (dialético) do homem.

O conhecimento humano não é (ou não segue) uma linha reta, mas uma curva que se aproxima infinitamente a uma série de círculos, a uma espiral. Todo fragmento, seção ou segmento de uma curva pode ser convertido (transformado de forma unilateral) em uma reta independente completa que então (como as árvores impedem a visão do bosque) conduz ao pântano, ao obscurantismo clerical (no qual fica ancorada pelos interesses das classes dominantes). O avanço retilíneo e a unilateralidade, a rigidez e a petrificação, o subjetivismo e a cegueira subjetiva: aí estão as raízes epistemológicas do idealismo. E o obscurantismo clerical (= idealismo filosófico), por suposto, tem raízes epistemológicas, ele não deixa de ter fundamento é incontestavelmente uma flor estéril, mas uma flor estéril que cresce na árvore viva do conhecimento humano, vivo, fértil, autêntico, poderoso, onipotente, objetivo, absoluto.

Teses de Abril⁵⁷

Um texto escandaloso para os reformistas de ontem e de hoje

Francesco Ricci

É 3 de abril de 1917 (16 de abril do nosso calendário) quando o chamado “trem blindado” que abriga Lenin, Zinoviev, Krupskaya, Inessa Armand, Radek e outros chega na Estação Finlândia. Para acolhê-lo, há uma delegação do soviete de Petrogrado, liderada pelo menchevique Cheidze, que pronuncia um discurso de boas-vindas. Lenin lhe vira as costas e dirige-se para a multidão. Trotsky escreve: “O discurso que Lenin pronunciou na estação Finlândia sobre o caráter socialista da revolução russa foi uma bomba para muitos líderes do partido [bolchevique, NdR]”.⁵⁸

Quando Lenin termina de falar, há aplausos, mas os líderes bolcheviques presentes têm o olhar perplexo.

Lenin apontou ao mesmo tempo uma mudança de estratégia e a necessidade, para implementar a nova linha, de destruir a influência esmagadora dos mencheviques e dos Socialistas-Revolucionários nos sovietes (os bolcheviques na época eram uma pequena minoria). Casualmente e justamente no dia seguinte, organizara-se uma reunião para avançar em direção à reunificação dos bolcheviques e mencheviques...

⁵⁷ Tradução: Alberto Albiero, 2017. Disponível no site da LIT-QI (<https://litci.org/pt/especiais/especial-revolucao-russa/1917-2017-as-teses-de-abril-de-lenin>)

⁵⁸ Leon Trotsky, *As Lições de Outubro* (edição italiana Prospettiva, 1998, p. 220).

Soukhanov, que assiste, escreve: “Nessa reunião, (...) Lenin parecia a encarnação viva da divisão e todo o significado de seu discurso consistia, principalmente, em enterrar a ideia de unificação.”⁵⁹

Aprendendo a partir da Comuna de Paris

[...] Logo depois de saber da eclosão da revolução de fevereiro, Lenin começa, do exílio na Suíça, uma batalha para mudar radicalmente a estratégia do partido. Em primeiro lugar, em 6 de março envia ao partido este telegrama: “Nossa tática: total desconfiança, nenhum apoio ao novo governo: suspeitar particularmente de Kerensky; armamento do proletariado, única garantia (...) nenhuma aproximação com outros partidos.”⁶⁰

Em março, ele escreve as *Cartas de longe* (o *Pravda* publicará apenas uma, com cortes). No centro dessas cartas e textos fundamentais posteriores, entre os quais se destacam as *Teses de Abril*, das quais trataremos a seguir, há o exemplo da Comuna de Paris, que Lenin voltara a estudar naqueles meses, enquanto estava redigindo o chamado *Caderno azul* (*O marxismo e o Estado*), uma coletânea de citações comentadas de todos os conceitos expressos por Marx e Engels em relação ao tema do Estado, o trabalho que lhe servirá para escrever *O Estado e a revolução*⁶¹.

A revolução que está se desenvolvendo na Rússia, afirma Lenin, é uma revolução socialista. É por isso que o objetivo da revolução é “quebrar o Estado burguês”, assim como fizeram os operários de Paris, e substituí-lo pela ditadura do proletariado. [...]

Quando Lenin tornou-se... “trotskista”

Não é possível apreciar a profundidade da mudança proposta por Lenin se não lembrarmos qual era a posição anterior, sustentada durante anos pelos bolcheviques.

Desde o início do século, havia três concepções diferentes sobre a futura Revolução Russa⁶².

Os mencheviques, em nome de uma suposta “ortodoxia marxista” (na verdade, deturpando Marx e atribuindo-lhe uma concepção evolucionista não dialética da história), julgavam que a Rússia deveria passar por um estágio de desenvolvimento capitalista, de industrialização, antes de poder chegar – após um considerável espaço de tempo – à revolução socialista. Portanto, deveria haver antes uma revolução burguesa, que libertaria o país das correntes do tsarismo, liderada pela burguesia, com o apoio do proletariado como um aliado subordinado e com a socialdemocracia no papel de ala esquerda e de incitação do “frente

⁵⁹ N. Soukhanov, “Le Discours de Lenin du 3 Avril 1917”, publicado em *Cahiers du Mouvement Ouvrier*, nº 27, 2005, direção de J.J. Marie. Nossa tradução do francês ao italiano. Várias passagens do testemunho de Soukhanov são retomadas também por Trotsky em *Stalin* (1940) e, especialmente, na *História da Revolução Russa* (aqui e depois, citamos a edição italiana Mondadori, 1969).

⁶⁰ Citado por Trotsky em *História da Revolução Russa*, vol. I, p. 320. O telegrama, escrito em francês, foi enviado a Estocolmo aos bolcheviques que partiam para a Rússia e foi lido em Petrogrado, em 26 de março, em uma reunião dos membros do CC bolchevique presentes na Rússia.

⁶¹ Para uma análise das *Cartas de longe* e da referência à Comuna de Paris, permitimos remeter-nos ao nosso recente artigo publicado no site da LIT-Q: “1871-1917: Por que os bolcheviques estudaram a Comuna de Paris para fazer a Revolução de Outubro”.

⁶² Reconstruímos este debate, de forma bem mais detalhada do que é possível no espaço deste artigo, em “O que é a teoria da revolução permanente”, publicado em *Trotskismo oggi*, nº 1, setembro de 2011.

democrático” dirigido pelos liberais; depois de séculos de desenvolvimento capitalista, chegaria a hora da revolução socialista.

A posição de Trotsky estava no polo oposto: julgava a burguesia nacional incapaz de atingir os objetivos democráticos e por isso previa uma revolução socialista, liderada pelo proletariado que hegemonizaria os camponeses pobres, a fim de instaurar a ditadura do proletariado e assumir, sem solução de continuidade, as tarefas democráticas e (no quadro internacional, de ampliação da revolução) as tarefas socialistas (a expropriação da grande indústria etc.). Isso seria possível porque o “desenvolvimento desigual e combinado” da sociedade e da revolução internacional permitiria à Rússia (como a outros países subdesenvolvidos) “pular” algumas etapas, rompendo um esquema “evolucionista” em etapas, substituído pela “revolução permanente”.

No meio encontrava-se a posição de Lenin e a dos bolcheviques: revolução burguesa “conduzida até o fim”, mas (dada a incapacidade da burguesia nacional, amarrada por mil laços ao capital estrangeiro) com uma direção nas mãos do proletariado e do campesinato (em uma aliança “algébrica”, para retomar a crítica de Trotsky), para instaurar uma “ditadura democrática dos operários e dos camponeses”, isto é, não é uma ditadura do proletariado, mas uma república dentro dos limites da democracia burguesa, prelúdio de um sucessivo desenvolvimento rápido rumo à revolução socialista (os tempos seriam ditados pela revolução na Europa). Lenin acreditava, portanto, como os mencheviques, em uma revolução burguesa: mas, diferentemente dos mencheviques, pensava em uma outra direção, uma direção dos operários e dos camponeses, independente da burguesia; pensava em um programa, com foco no confisco das terras dos nobres; e pensava em tempos diferentes daqueles previstos pelos mencheviques – não haveria séculos para separar esta primeira revolução da sucessiva revolução socialista.

Mas a revolução de fevereiro foi a confirmação (pelo menos para aqueles que queriam raciocinar) de que a única concepção correta e viável era a de Trotsky. Para garantir o cumprimento dos objetivos democráticos (revolução agrária, redução da jornada de trabalho, paz, a Assembleia Constituinte) era necessário *primeiro* instaurar a ditadura do proletariado (apoiada pelos camponeses pobres), baseada nos soviets: e, portanto, precisava destruir o governo burguês, que representava um obstáculo no caminho do pleno poder dos soviets.

Lenin não hesitou em abandonar a antiga teoria e, para grande escândalo de muitos, começou a defender, nos fatos, a teoria que há mais de dez anos Trotsky havia elaborado. Por isso, Trotsky comenta: “*Não é estranho que as Teses de Abril de Lenin tenham sido condenadas como trotskistas*”.

A redescoberta da dialética do marxismo

Foi justamente observado por vários estudiosos⁶³ que a mudança aprovada por Lenin na estação Finlândia foi preparada, de um ponto de vista teórico, com a imersão no estudo da *Ciência da lógica* de Hegel, que Lenin começou em 1914. Um estudo em que ele sentia a necessidade de explicar a traição da Segunda Internacional na Primeira Guerra Mundial e para compreender a capitulação completa de seus mestres do passado: Plekhanov e Kautsky (este

⁶³ Pensamos em vários estudos de Michael Löwy, incluindo “De la grande logique de Hegel à la gare finlandaise de Petrograd” em *Dialectique et révolution* (Anthropos, 1973), ou ao mais recente e interessante (embora não compartilhemos algumas das conclusões) de Kevin Anderson, *Lenin, Hegel and Western Marxism* (University of Illinois Press, 1995).

último, em paralelo com o desvio burocrático do SPD, estava abandonando progressivamente aquele marxismo do qual tinha sido o “papa vermelho” na Internacional).

Naqueles meses, fechado na biblioteca de Berna, Lenin descobre um outro Marx, descontaminado das incrustações feuerbachianas, um marxismo dialético (o das *Teses sobre Feuerbach*, escrito por Marx em 1845), que nasceu em ruptura com o “antigo materialismo”. Um marxismo baseado na compreensão da dialética sujeito-objeto, desprovido de qualquer concepção causalista, que contrasta com aquele determinismo mecânico, que também o havia em parte influenciado durante um período (pensemos no seu *Materialismo e empiriocriticismo*, de 1909). É a descoberta do verdadeiro Marx, distorcido por seus discípulos e deformado pelo oportunismo da Segunda Internacional: o Marx que afirma “o educador deve ser educado” (a terceira das *Teses sobre Feuerbach*), isto é, as circunstâncias podem ser alteradas pela ação humana, pela luta de classe, pela *práxis revolucionária*. Lenin reencontra o Marx que afirma que é o homem quem faz a história, mesmo em circunstâncias que não determinou. Não há neste Marx nenhuma “lei do desenvolvimento histórico”, que prescreva a cada povo uma evolução linear, nenhum fatalismo.

É a ruptura com o marxismo ossificado de Plekhanov que, não por acaso, diante da Revolução de Outubro, exclamará: “É a violação de todas as leis da história”.

É nesta passagem crucial, condensada nos *Cadernos filosóficos*⁶⁴, que Lenin, erguendo o olhar dos livros de Hegel, apodera-se da dialética que Marx havia absorvido de Hegel e à qual havia conferido um caráter revolucionário. Lenin não deve começar a partir de zero: ele é sempre o único que, desde 1902, com a sua teoria do partido de vanguarda que traz o socialismo “para fora” do choque cotidiano entre as classes, havia implicitamente rejeitado o socialismo entendido como um mero produto do impulso de “leis econômicas”. Em Berna, por assim dizer, ele começa a resolver uma contradição que permanecia no seu pensamento: a contradição entre a concepção do partido e programa.

A batalha de Lenin para “rearmar” o partido

Uma parte majoritária do grupo dirigente bolchevique não entende imediatamente a necessidade da mudança indicada por Lenin.

Kamenev e Stalin, principais dirigentes antes da chegada de Lenin na Rússia, permanecendo ancorados na antiga posição (que, além disso, deformavam ulteriormente à direita), acreditam que os bolcheviques devem fornecer apoio externo ao governo provisório “na medida em que” este implemente determinadas políticas; ou seja, trata-se de fazer “pressão” sobre o governo. Para eles, estamos na primeira fase: a “revolução democrático-burguesa”, enquanto que a socialista poderá desenvolver-se apenas numa segunda fase. Assim, os bolcheviques, antes da chegada de Lenin, alinham-se, de fato, a posições semelhantes às dos mencheviques: até mesmo sobre a questão da guerra, com o *Pravda* dirigido por Stalin e Kamenev, que repudia o derrotismo revolucionário que havia caracterizado o bolchevismo e, com os soviets da região de Moscou, aprova, com o apoio dos bolcheviques, a resolução dos social-patriotas sobre a guerra.

Na Conferência Nacional do partido, que começa em Petrogrado em 27 de março, Stalin apresenta o relatório sobre o governo. No relatório argumenta que o governo provisório está consolidando as conquistas revolucionárias e, portanto, a tarefa dos soviets é de “controlá-

⁶⁴ V. I. Lenin. *Cadernos Filosóficos*. Em: *Obras Completas*, Editori Riuniti, vol. 38, 1966.

lo” e pressioná-lo. Como consequência lógica, Stalin apresenta uma moção para iniciar um processo de unificação com os mencheviques, que é aprovada com 14 votos a favor e 13 contra. Compreende-se porque, uma vez consolidado o poder da burocracia, Stalin censurará a ata desta Conferência (somente a partir dos anos 1960 será publicada).

As Teses de Abril

As *Teses de Abril* são, indiscutivelmente, o texto mais importante escrito nos meses frenéticos da revolução russa. É um texto curto: 10 teses para um total de 5 ou 6 páginas, publicado no *Pravda* em 7 de abril (20, de acordo com nosso calendário).

[...] O antigo programa, resumido na “*ditadura democrática dos operários e dos camponeses*”, é eliminado por Lenin como “*uma fórmula que já não serve para nada*” (será Stalin que a ressuscitará no decorrer da degeneração burocrática das décadas sucessivas, mas esta é uma outra história) [...]

[...]

Para concluir, é interessante perguntar: que posição teria assumido, se tivesse presenciado os fatos, toda aquela esquerda, italiana e mundial, que está comemorando o centésimo aniversário da revolução de outubro? Para nós, a resposta parece certa: uma parte majoritária teria apoiado o governo provisório, participando com seus ministros; uma outra parte (que nós definimos “centrista”, ou seja, semirreformista) teria dado um apoio “crítico” ao governo, prometendo às massas a possibilidade de condicionar o governo com ações nas ruas. Enquanto apenas uma pequena parte da esquerda mundial (certamente a LIT – Quarta Internacional, e quem mais?) agiria de acordo com as indicações daquele telegrama de Lenin: nenhum apoio ao governo, nenhuma aproximação da esquerda que apoia o governo.

Estamos errados? Não, e a confirmação disso vem da simples observação do que fez, nas últimas décadas, toda a esquerda, com exceção de nós. [...] toda esta esquerda, se estivesse presente na revolução de 1917, teria ficado no lado oposto a Lenin?

Assim, as *Teses de Abril* continuam, um século mais tarde, sendo um texto escandaloso para os reformistas. Enquanto Outubro é comemorado como um evento glorioso do passado, esvaziado de seus ensinamentos. Esses ensinamentos que, ao contrário, devemos recuperar, a fim de que a classe operária possa encaminhar-se, com as lutas e a revolução, em direção a um novo outubro.

Teses de Abril

Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução

Lenin
(1917)

Tendo chegado Petrogrado só no dia 3 de abril à noite, é natural que apenas em meu nome e com as reservas devidas à minha insuficiente preparação tenha podido apresentar na assembleia de 4 de abril um relatório sobre as tarefas do proletariado revolucionário.

A única coisa que podia fazer para facilitar-me o trabalho – e aos oponentes de *boa-fé* – era preparar teses escritas. Li-as e entreguei o texto ao camarada Tsereteli. Li-as bem devagar e por duas vezes: primeiro na assembleia dos bolcheviques e depois na de bolcheviques e mencheviques.

Publico estas minhas teses pessoais acompanhadas unicamente de brevíssimas notas explicativas, que no relatório foram desenvolvidas com muito maior amplitude.

Teses

1) Em nossa atitude perante a guerra – que por parte da Rússia continua a ser, sob o governo de Lvov e cia., indiscutivelmente uma guerra imperialista, de rapina – em virtude do caráter capitalista deste governo – é intolerável, por menor que seja, qualquer concessão ao “defensismo revolucionário”.

O proletariado consciente só pode dar consentimento a uma guerra revolucionária, que justifique verdadeiramente o defensismo revolucionário, sob estas condições: a) passagem do poder para as mãos do proletariado e dos setores mais pobres do campesinato a ele aliados; b) renúncia de fato e não só de palavra a qualquer tipo de anexação; c) ruptura de fato com todos os interesses do capital.

Devido à indubitável boa-fé de grandes setores de defensores revolucionários, que veem a guerra apenas como uma necessidade e não para fins de conquistas, e por estarem sendo ludibriados pela burguesia, é necessário explicar de modo minucioso, paciente e perseverante seu erro. Explicar-lhes a ligação indissolúvel entre o capital e a guerra imperialista e demonstrar-lhes que sem derrotar o capital é *impossível* pôr fim à guerra com uma paz verdadeiramente democrática, que não seja imposta pela violência.

Na frente de batalha, organizar a mais ampla propaganda deste ponto de vista sobre o exército.

Confraternização na frente de batalha.

2) A particularidade do momento atual da Rússia é que o país está *passando* do primeiro estágio da revolução – que deu o poder à burguesia pelo fato de o proletariado não ter o nível de consciência e de organização suficientes – ao *segundo estágio*, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e dos setores mais pobres do campesinato.

Essa transição é caracterizada, por um lado, pelo máximo de legalidade (a Rússia é hoje o país com mais liberdade entre todos os países beligerantes); por outro, pela ausência de violência contra as massas, e, por fim, pela confiança inconsciente destas no governo dos capitalistas, o pior inimigo da paz e do socialismo.

Esta especificidade exige de nossa parte habilidade para nos adaptarmos às condições especiais do trabalho do partido entre setores inusitadamente amplos das massas proletárias que acabam de despertar para a vida política.

3) Nenhum apoio ao Governo Provisório. Explicar a completa falsidade de suas promessas, sobretudo sobre a da renúncia das anexações. Desmascarar este governo, que é um governo de capitalistas, em vez de propagar a inadmissível e ilusória “exigência” de que *deixe* de ser imperialista.

4) Reconhecer que, na maior parte dos sovietes de deputados operários, nosso partido está em minoria e, no momento, em minoria reduzida, diante do bloco de todos os elementos pequeno-burgueses e oportunistas, sujeitos à influência da burguesia e que levam essa influência ao proletariado, desde os socialistas-populistas e os socialistas-revolucionários até o Comitê de Organização (Cheidze, Tsereteli etc.) Steklov etc.

Explicar às massas que os sovietes de deputados operários são a única forma possível de governo revolucionário e que, por isso, enquanto este governo deixar-se influenciar pela burguesia, a nossa tarefa consiste em explicar os erros de sua tática de maneira paciente, sistemática e persistente, especialmente adaptadas às necessidades práticas das massas.

Enquanto estivermos em minoria, desenvolveremos um trabalho de crítica e esclarecimento dos erros, defendendo ao mesmo tempo a necessidade de que todo o poder de Estado passe para os sovietes de deputados operários, a fim de que, sobre a base da experiência, as massas se libertem dos seus erros.

5) Não uma república parlamentar – regressar a ela dos sovietes seria dar um passo atrás, mas uma república dos sovietes de deputados operários, trabalhadores agrícolas e camponeses, em todo o país, de baixo para cima.

Supressão da polícia, do exército e da burocracia.⁶⁵

A remuneração de todos os funcionários, elegíveis e exoneráveis em qualquer momento, não deverá exceder o salário médio de um operário qualificado.

6) No programa agrário, transferir todo o controle aos sovietes de deputados de trabalhadores agrícolas.

Confisco de *todas* as terras dos latifúndios. Nacionalização de todas as terras do país, colocando-as à disposição dos sovietes locais de deputados de trabalhadores agrícolas e camponeses. Criação de sovietes de camponeses pobres. Fazer de cada grande porção de terra (com uma extensão entre 100 e 300 decaínas, segundo as condições locais ou outras condições, e segundo a determinação das instituições locais) uma fazenda-modelo sob controle dos deputados trabalhadores agrícolas e por conta da coletividade.

7) Fusão imediata de todos os bancos em um banco nacional único, submetido ao controle do soviete de deputados operários.

8) Nossa tarefa *imediate* não é a “introdução” do socialismo, mas apenas passar imediatamente ao *controle* da produção social e da distribuição dos produtos pelos sovietes de deputados operários.

9) Tarefas do partido:

a) realização imediata de um congresso do partido;

⁶⁵ Isto é, substituição do exército permanente pelo armamento geral dos trabalhadores.

b) modificação do Programa do Partido, principalmente:

b.1) sobre o imperialismo e a guerra imperialista;

b.2) sobre a posição perante o Estado e nossa reivindicação de um “Estado-Comuna”;⁶⁶

b.3) modificação do nosso programa mínimo, que já se tornou antiquado.

c) mudança do nome do partido.⁶⁷

10) Uma nova Internacional.

Iniciativa de criar uma Internacional revolucionária, uma internacional contra os social-chauvinistas e contra o “centro”.⁶⁸

Para que o leitor compreenda por que tive de ressaltar de maneira especial como uma rara exceção o “caso” dos oponentes de boa-fé, convido-lhes a comparar estas teses com a seguinte objeção do senhor Goldenberg: “Lenin hasteou a bandeira da guerra civil no meio da democracia revolucionária” (citado no *Edinstvo* do sr. Plekhanov, nº 5).

Não é uma pérola?

Escrevo, publico e explico: “Dada a indubitável boa-fé de *amplos* setores de *massas* que creem no defensismo revolucionário... dado o seu engodo pela burguesia, faz-se necessário esclarecê-los a respeito de seu erro de maneira *particularmente* minuciosa, *paciente* e *perseverante*.”

E esses senhores burgueses, que se dizem social-democratas, que não pertencem nem aos amplos setores nem aos representantes de massas do defensismo, têm o descaramento de expor minhas ideias da seguinte forma: “Hasteou (!) a bandeira (!) da guerra civil” (sobre isso não há uma só palavra nas teses, não há uma só palavra no relatório) “no seio (!!) da democracia revolucionária...”

Que significa isso? Em que isso difere das provocações da *Russkaya Volia*?

Escrevo, publico e explico: “Os soviets de deputados operários são a única forma possível de governo revolucionário e, portanto, a nossa tarefa deve consistir em explicar os erros de sua tática de modo paciente, sistemático, firme, persistente e adaptado especialmente às necessidades práticas das massas...”

Mas opositores de procedência dúbia expõem minhas ideias como um chamado à “guerra civil no meio da democracia revolucionária”!

Ataquei o governo provisório por *não* marcar um prazo próximo, absolutamente nenhum prazo em geral, para a convocação da Assembleia Constituinte e se limitar a promessas. Demonstrei que *sem* os soviets de deputados operários e soldados não está garantida a convocação da Assembleia Constituinte, e seu êxito é impossível.

⁶⁶ Estado cujo protótipo foi a Comuna de Paris.

⁶⁷ Em lugar de “social-democracia”, cujos líderes oficiais traíram o socialismo no mundo inteiro passando para o lado da burguesia, (o mesmo que os “defensistas” e vacilantes “kautskianos”), devemos denominá-lo Partido Comunista.

⁶⁸ O “centro” na social-democracia internacional é a tendência que vacila entre os chauvinistas (ou “defensistas”) e os internacionalistas, isto é, Kautsky e cia. na Alemanha, Longuet e cia. na França, Cheidze e cia. na Rússia, Turati e cia. na Itália, McDonald e cia. na Inglaterra etc.

E atribuem-me a ideia de que sou contra a convocação imediata da Assembleia Constituinte!

Qualificaria tudo isso de “delírios” se dezenas de anos de luta política não tivessem me ensinado a considerar a boa-fé dos opositores como uma rara exceção.

Em seu jornal, o sr. Plekhanov qualificou meu discurso de “delirante”. Muito bem, sr. Plekhanov! Mas veja quão desajeitado, inábil e pouco perspicaz é você em sua polêmica. Se durante duas horas pronunciei um discurso delirante, como é que centenas de ouvintes aguentaram esse “delírio”? Mais ainda. Para que dedica o seu jornal toda uma coluna a relatar um “delírio”? Inconsistente, muito inconsistente!

É muito mais fácil, naturalmente, gritar, insultar e vociferar do que tentar expor, explicar e recordar *como* raciocinaram Marx e Engels em 1871, 1872 e 1875 sobre as experiências da Comuna de Paris e sobre *qual* Estado que o proletariado necessita.

Provavelmente o ex-marxista Plekhanov não deseja recordar o marxismo.

Citei as palavras de Rosa Luxemburgo, que em 4 de agosto de 1914 denominou a social-democracia *alemã* como “um cadáver malcheiroso”. E os senhores Plekhanov, Goldenberg e cia. sentem-se “ofendidos”... Por quem? Pelos chauvinistas *alemães*, qualificados de chauvinistas!

Enredaram-se os pobres social-chauvinistas russos, socialistas nas palavra e chauvinistas de fato.

A propósito das palavras de ordem

(julho de 1917)

Acontece com demasiada frequência que, quando na história ocorre uma mudança brusca, até os partidos avançados levam um tempo mais ou menos longo para habituar-se à nova situação, repetem palavras de ordem que ontem eram corretas, mas hoje perderam todo o sentido, perderam o sentido tão “subitamente” como “súbita” foi a mudança da história.

Algo semelhante pode repetir-se, ao que parece, com a palavra de ordem da passagem de todo o poder de Estado aos soviets. Essa palavra de ordem foi justa durante um período irrevogavelmente passado da nossa revolução, digamos, de 27 de fevereiro a 4 de julho. Essa palavra de ordem agora visivelmente deixou de ser justa. Sem compreender isso, não se pode compreender nada das questões essenciais da atualidade. Cada palavra de ordem particular deve derivar do conjunto de peculiaridades de uma determinada situação política. E hoje, depois de 4 de julho, a situação política na Rússia distingue-se radicalmente da situação de 27 de fevereiro a 4 de julho.

Durante esse período passado da revolução, reinava no Estado a chamada “dualidade de poderes”, que exprimia tanto material quanto formalmente a situação indefinida e de transição do poder de Estado. Não esqueçamos que a questão do poder é a questão fundamental de qualquer revolução.

Então o poder mantinha-se numa situação de instabilidade. Era compartilhado, por um acordo voluntário entre eles, pelo governo provisório e pelos soviets. Os soviets representam delegações das massas tanto de operários armados quanto de soldados livres, isto é, não submetidos a nenhuma coação exterior sobre o povo – eis em que consistia a *essência* da questão. Eis o que abria e garantia a via pacífica de desenvolvimento de toda a revolução. A palavra de ordem: “passagem de todo o poder para os soviets” era a palavra de ordem do passo imediato, o passo de realização direta nessa via pacífica de desenvolvimento. Era a palavra de ordem do desenvolvimento pacífico da revolução, que de 27 de fevereiro até 4 de julho era possível e, naturalmente, o mais desejável, e que já é absolutamente impossível.

Segundo todas as aparências, nem todos os partidários da palavra de ordem “passagem de todo o poder para os soviets” compreenderam que essa era de fato a palavra de ordem do desenvolvimento pacífico da revolução. Pacífico não apenas no sentido de que ninguém, nenhuma classe, nenhuma força séria, podia então (de 27 de fevereiro até 4 de julho) opor-se e impedir a passagem do poder para os soviets. Isso não é tudo. O desenvolvimento pacífico teria sido então possível também no sentido de que a luta de classes e dos partidos *dentro* dos soviets teria podido, com a passagem oportuna para eles da plenitude do poder de Estado, revestir-se das formas mais pacíficas e mais indolores.

Também a esse último aspecto do problema não se presta a atenção devida. Os soviets, pela sua composição de classe, eram os órgãos do movimento dos operários e dos camponeses, a forma já pronta da sua ditadura. Se tivessem tido a plenitude do poder, ter-se-ia acabado na prática com o principal defeito das camadas pequeno-burguesas, com o seu pecado capital – a confiança nos capitalistas –, que teria sido criticado mediante a experiência das suas próprias medidas. A substituição das classes e partidos que ocupam o poder teria podido realizar-se de forma pacífica, dentro dos soviets, baseada em seu poder único e pleno; a união de todos os partidos soviéticos com as massas teria permanecido sólida e sem falhas. Não se pode perder de vista nem por um instante sequer que só essa ligação estreitíssima e crescendo livremente em extensão e em profundidade dos partidos soviéticos com as massas podia ajudar a acabar pacificamente com as ilusões do espírito de conciliação pequeno-burguês com a burguesia. A passagem do poder para os soviets não mudaria nem poderia mudar a correlação das classes; não mudaria em nada o caráter pequeno-burguês do campesinato. Mas teria dado, no momento oportuno, um grande passo para separar os camponeses da burguesia, para aproximá-los e depois uni-los aos operários.

Assim poderia ter acontecido se o poder tivesse passado oportunamente para os soviets. E isso teria sido o mais fácil, o mais vantajoso para o povo. Tal caminho seria o mais indolor e por isso era preciso lutar por ele com toda a energia. Mas agora esta luta, a luta pela passagem oportuna do poder para os soviets, terminou. A via pacífica do desenvolvimento da revolução foi tornada impossível. Começou a via não pacífica, a mais dolorosa.

A mudança de 4 de julho consiste precisamente em que, depois dessa data, a situação objetiva modificou-se de forma brusca. A situação instável do poder cessou, o poder passou, no ponto decisivo, para as mãos da contrarrevolução. O desenvolvimento dos partidos pequeno-burgueses dos socialistas revolucionários e mencheviques no terreno do espírito de conciliação com os democratas constitucionalistas⁶⁹ contrarrevolucionários levou esses dois partidos pequeno-burgueses a se tornarem de fato participantes e cúmplices dos atos san-

⁶⁹ Democratas constitucionalistas: também chamados de cadetes, eram membros do Partido da Liberdade do Povo ou Partido Constitucional Democrata ou simplesmente Cadete (K. D.). Era o principal partido da burguesia monárquica liberal.

grentos da contrarrevolução. A confiança inconsciente dos pequeno-burgueses nos capitalistas conduziu os primeiros, impulsionados pelo desenvolvimento da luta dos partidos, a apoiar conscientemente os contrarrevolucionários. O ciclo de desenvolvimento das relações entre os partidos terminou. Em 27 de fevereiro, todas as classes se aliaram contra a monarquia. Depois de 4 de julho, a burguesia contrarrevolucionária, de braços dados com os monarquistas e as centúrias negras⁷⁰, ligou a si os socialistas revolucionários e os mencheviques pequeno-burgueses, intimidando-os em parte, e entregou o poder do Estado real nas mãos dos Cavaignac, nas mãos da camarilha militar que fuzila os insubordinados no fronte, que esmaga os bolcheviques em Petrogrado.

A palavra de ordem da passagem do poder para os soviets soaria agora como quixotismo ou troça. Seguir essa palavra de ordem, objetivamente, seria enganar o povo, infundir-lhe a ilusão de que, mesmo *agora*, bastaria aos soviets quererem tomar o poder ou deliberar isso para obtê-lo, de que no soviete ainda se encontram partidos não manchados pela cumplicidade com os verdugos, de que é possível fazer com que aquilo que aconteceu não tenha acontecido.

Seria o mais profundo dos erros pensar que o proletariado revolucionário é capaz – para “se vingar”, digamos assim, dos socialistas revolucionários e mencheviques pelo seu apoio à repressão contra os bolcheviques, aos fuzilamentos no fronte e ao desarmamento dos operários – de se “negar” a apoiá-los contra a contrarrevolução. Tal colocação da questão seria, em primeiro lugar, atribuir concepções pequeno-burguesas de moral ao proletariado (pois, *pelo bem da causa*, o proletariado apoiará sempre não só a pequena burguesia vacilante, mas mesmo a grande burguesia); seria, em segundo lugar – e isto é o principal – uma tentativa pequeno-burguesa de ocultar, por meio da “moralização”, a essência política do problema.

A essência do problema consiste em que hoje já é impossível tomar o poder de forma pacífica. Só é possível obtê-lo vencendo, numa luta decidida, os verdadeiros detentores do poder no momento atual, isto é, a camarilha militar, os Cavaignac, que se apoiam nas tropas reacionárias trazidas para Petrogrado, nos democratas constitucionistas e nos monarquistas.

A essência do problema está em que esses novos detentores do poder só podem ser vencidos pelas massas revolucionárias do povo, para cujo movimento é condição não apenas que sejam dirigidas pelo proletariado, mas também que se afastem dos partidos dos socialistas revolucionários e dos mencheviques, que traíram a causa da revolução.

Quem introduz na política a moral pequeno-burguesa raciocina assim: admitamos que os socialistas revolucionários e os mencheviques cometeram um erro ao apoiar os Cavaignac, que desarmam o proletariado e os regimentos revolucionários; mas é preciso dar-lhes a possibilidade de “corrigir” o erro, “não lhes dificultar” a correção do “erro”; facilitar a vacilação da pequena-burguesia para o lado dos operários. Semelhante raciocínio seria uma ingenuidade pueril ou uma tolice, se não um novo engano dos operários. Pois a vacilação das massas pequeno-burguesas para o lado dos operários consistiria apenas, e precisamente apenas, no afastamento dessas massas dos socialistas revolucionários e dos mencheviques. A correção do erro dos partidos dos socialistas revolucionários e mencheviques só poderia agora consistir em que estes partidos declarassem Tsereteli e Tchernov, Dan e Rakitnikov cúmplices dos verdugos. Somos plena e incondicionalmente partidários de tal “correção do erro”...

⁷⁰ Centúrias negras: gangues monarquistas formadas pela polícia tsarista para lutar contra o movimento revolucionário. Assassinararam revolucionários, atacaram intelectuais progressistas e organizaram perseguições antisemitas.

A questão fundamental da revolução é a questão do poder, dissemos nós. É preciso acrescentar: são exatamente as revoluções que mostram a cada passo como se encobre a questão de *onde* está o verdadeiro poder, mostram-nos a divergência entre o poder formal e o real. Nisso precisamente consiste uma das particularidades principais de qualquer período revolucionário. Em março e abril de 1917 não se sabia se o poder real estava nas mãos do governo ou nas mãos dos soviets.

Porém hoje é especialmente importante que os operários conscientes encarem de forma judiciosa a questão central da revolução: nas mãos de quem está no momento atual o poder de Estado. Reflitam sobre quais são suas manifestações materiais, não tomem as frases por fatos, e a resposta não lhes será difícil.

O Estado – escreveu Friedrich Engels – é constituído, antes de tudo, por destacamentos de homens armados providos de certos meios materiais, tais como as prisões⁷¹. Hoje, são os democratas constitucionalistas e os cossacos reacionários, especialmente trazidos para Petrogrado, os que mantêm na prisão Kamenev e outros, os que fecham o jornal *Pravda*, os que desarmaram os operários e uma determinada parte dos soldados, os que fuzilam uma parte não menos determinada das tropas do exército. Esses verdugos são o poder real. Os Tsereteli e Tchernov são ministros sem poder, ministros fantoches, chefes de partidos que apoiam a política dos verdugos. Isso é um fato. E esse fato não se modifica porque Tsereteli e Tchernov, pessoalmente, talvez “não aprovem” os atos dos verdugos ou porque seus jornais negam timidamente toda relação com esses atos: essa mudança de roupagem política não modifica o fundo do problema.

O fechamento do órgão de 150 mil eleitores de Petrogrado e o assassinato pelos democratas constitucionalistas do operário Voinov (6 de julho) por levar o *Listok Pravdi*⁷² da tipografia não serão atos de verdugos? Não será obra de Cavaignac? Dizem-nos que disse “não são culpados” nem o governo nem os soviets.

Tanto pior para o governo e para os soviets, respondemos nós, porque então isso significa que eles são uns zeros; são fantoches, não têm poder real.

O povo deve, primeiramente e mais que tudo, saber a *verdade* – saber nas mãos de quem se encontra, de fato, o poder do Estado. É preciso dizer ao povo toda a verdade: o poder está nas mãos da camarilha militar dos Cavaignac (de Kerensky, de certos generais, oficiais etc.), apoiados pela burguesia como classe, com o partido dos democratas constitucionalistas à frente e com todos os monarquistas, atuando por meio de todos os jornais das centúrias negras, por meio do *Novoe Vremya*, do *Jivóe Slovo* etc. etc. É preciso derrubar esse poder. Sem isso, todas as frases sobre a luta para liquidar a contrarrevolução são frases ocas, são “enganar-nos a nós mesmos e enganar o povo”.

Esse poder é apoiado hoje tanto pelos ministros Tsereteli e Tchernov como pelos seus partidos: é preciso esclarecer o povo sobre seu papel de verdugos e a inevitabilidade de tal *finale* desses partidos depois dos seus “erros” de 21 de abril, de 5 de maio⁷³, de 9 de junho, de

⁷¹ ENGELS, Friedrich. *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, 1884. (NdaR)

⁷² *Listok “Pravdi”* [Folha do “Pravda”]: um dos nomes do jornal diário bolchevique legal *Pravda*.

⁷³ Em 20 de abril (3 de maio) de 1917, foi publicada nos jornais uma nota do ministro dos Negócios Estrangeiros, Miliukov, aos governos dos países aliados, na qual o governo provisório reafirmava a disposição de observar todos os tratados do governo tsarista e de travar a guerra até a vitória final. A política imperialista do governo provisório provocou a indignação de amplas massas de trabalhadores. Em 21 de abril (4 de maio), os operários de Petrogrado, ao apelo do Partido Bolchevique, saíram às ruas manifestando-se pela paz. Participaram da manifestação mais de 100 mil operários e soldados. Houve também manifestações e comícios de protesto em Moscou, nos Urais, na Ucrânia e em outras regiões do país. A manifestação de abril deu início a uma crise governamental. Sob a pressão das massas, os ministros P. Miliukov e A. Gutchkov [ministro da Guerra,

4 de julho, de aprovarem a política da ofensiva, uma política que em nove décimos determinou a vitória dos Cavaignac em julho.

É preciso reorganizar toda a agitação entre o povo de modo que ela tenha em conta a experiência concreta da atual revolução e principalmente das jornadas de julho, isto é, que mostre abertamente os verdadeiros inimigos do povo, a camarilha militar, os democratas constitucionistas e as centúrias negras e desmascare irrefutavelmente os partidos pequeno-burgueses, os partidos dos socialistas revolucionários e mencheviques, que desempenharam e desempenham o papel de auxiliares dos verdugos.

É preciso reorganizar toda a agitação entre o povo, de modo a esclarecer a completa impossibilidade da obtenção da terra pelos camponeses enquanto não for derrubado o poder da camarilha militar, enquanto não forem desmascarados e privados da confiança popular os partidos dos socialistas revolucionários e dos mencheviques. Em condições “normais” do desenvolvimento capitalista, isso seria um processo muito longo e muito difícil, mas a guerra e o descalabro econômico irão acelerá-lo enormemente. Eles são “aceleradores” que podem equiparar um mês e até uma semana a um ano.

Duas objeções serão formuladas, provavelmente, contra o que foi dito anteriormente: primeiro, que falar hoje de luta decisiva significa estimular as ações isoladas, que favoreceriam apenas a contrarrevolução; segundo, que a derrubada desta significaria a passagem do poder, de qualquer forma, para as mãos dos soviets.

Em resposta à primeira objeção dizemos: os operários na Rússia são já suficientemente conscientes para não se deixarem levar por provocações num momento que é notoriamente desfavorável para eles. Que avançar agora e resistir seria ajudar a contrarrevolução, isso é indubitável. Que a luta decisiva só é possível com uma nova ascensão da revolução nas massas mais profundas, isso também é indubitável. Mas não basta falar em geral da ascensão da revolução, de seu impulso, da ajuda dos operários ocidentais etc., é preciso tirar uma conclusão determinada do nosso passado, é preciso tomar em consideração precisamente nossas lições. E é esta consideração que dá a palavra de ordem da luta decidida contra a contrarrevolução que se apoderou do poder.

A segunda objeção reduz-se também à substituição de verdades concretas por raciocínios demasiadamente gerais. Exceto o proletariado revolucionário, não há nada, nenhuma força, capaz de derrubar a contrarrevolução burguesa. É o proletariado revolucionário que, depois da experiência de julho de 1917, tem de tomar em suas mãos o poder de Estado – sem isso, é impossível a vitória da revolução. O poder nas mãos do proletariado, apoiado pelo campesinato pobre ou pelos semiproletários – eis a única saída, e já respondemos quais são as circunstâncias que podem acelerá-la de forma extraordinária.

Nesta nova revolução, poderão e deverão surgir os soviets, mas não os soviets atuais, não os órgãos de um espírito de conciliação com a burguesia, mas os órgãos de uma luta revolucionária contra ela. É certo que também então seremos pela construção de todo o Estado segundo o modelo dos soviets. Não se trata da questão dos soviets em geral, mas de combater a contrarrevolução atual e a traição dos soviets atuais.

NdaR] foram obrigados a se demitir. Em 5 (18) de maio, foi formado o primeiro governo de coligação, do qual, junto com dez ministros capitalistas, faziam parte dirigentes dos partidos conciliadores – A. Kerensky e V. Tchernov pelos socialistas revolucionários, I. Tsereteli e M. Skobeliev pelos mencheviques, e outros. O governo burguês foi, dessa forma, salvo pelos socialistas revolucionários e mencheviques, que passaram abertamente para o lado da burguesia.

Substituir o concreto pelo abstrato é um dos pecados capitais, um dos pecados mais perigosos numa revolução. Os atuais soviets fracassaram, sofreram uma bancarrota completa por serem dominados pelos partidos dos socialistas revolucionários e dos mencheviques. No momento atual, esses soviets parecem-se com carneiros conduzidos ao matadouro, colocados sob o cutelo e balindo lastimosamente. *Hoje* os soviets são impotentes e estão desamparados perante a contrarrevolução, que triunfou e continua triunfando. A palavra de ordem da entrega do poder aos soviets pode ser compreendida como um “simples” apelo à passagem do poder para os soviets atuais, mas dizer isso, apelar para isso, significaria agora enganar o povo. Não há nada mais perigoso que o engano.

O ciclo de desenvolvimento da luta de classes e dos partidos na Rússia de 27 de fevereiro a 4 de julho terminou. Começa um novo ciclo, no qual entram não as velhas classes, não os velhos partidos, não os velhos soviets, mas classes, partidos e soviets renovados pelo fogo da luta, temperados, instruídos, reconstituídos pelo curso da luta. É preciso olhar não para trás, mas para a frente. É preciso operar não com as velhas, mas com as novas categorias de classe e de partido posteriores a julho. É preciso partir, no começo deste novo ciclo, da triunfante contrarrevolução burguesa, que triunfou porque os socialistas revolucionários e os mencheviques se comprometeram com ela, e que só pode ser vencida pelo proletariado revolucionário. Neste novo ciclo haverá ainda, naturalmente, etapas muito diversas até a volta definitiva da contrarrevolução e até a derrota definitiva (sem luta) dos socialistas revolucionários e mencheviques e a nova ascensão da nossa revolução. No entanto, disto só se poderá falar mais tarde, quando se delinearem essas etapas com precisão...

O marxismo e a insurreição

Carta ao Comitê Central do POSDR(b)

(setembro de 1917)⁷⁴

Entre as mais maldosas e talvez mais divulgadas deturpações do marxismo pelos partidos “socialistas” dominantes encontra-se a mentira oportunista de que a preparação da insurreição, e em geral o tratamento da insurreição como uma arte, é “blanquismo”.

O chefe do oportunismo, Bernstein, adquiriu já uma triste celebridade ao acusar o marxismo de blanquismo e, no fundo, os oportunistas de hoje em nada renovam nem “enriquecem” as pobres “ideias” de Bernstein com os gritos de blanquismo.

[...] Poderá haver deturpação mais gritante da verdade, quando nenhum marxista nega que foi Marx quem se pronunciou da forma mais determinada, precisa e indiscutível sobre isso, referindo-se à insurreição especificamente como uma *arte*, dizendo que é necessário se tratar a insurreição como uma arte, que é necessário *conquistar* um primeiro êxito e ir de êxito em êxito, sem interromper a *ofensiva* contra o inimigo, aproveitando a sua confusão etc. etc.?

Para ter êxito, a insurreição deve apoiar-se não numa conspiração, não num partido, mas na classe avançada. Isso em primeiro lugar. A insurreição deve apoiar-se no *ascenso*

⁷⁴ Fonte: *Obras Escolhidas* em 3 tomos, Edições Avante!, 1978, pp. 308-312.

revolucionário do povo. Isso em segundo lugar. A insurreição deve apoiar-se naquele *ponto de virada* na história da revolução em crescimento em que a atividade das fileiras avançadas do povo seja maior, em que sejam mais fortes as *vacilações* nas fileiras dos inimigos e *nas fileiras dos amigos fracos, hesitantes e indecisos da revolução*. Isso em terceiro lugar. Estas três condições da insurreição distinguem o *marxismo do blanquismo*.

Mas, uma vez que existam essas condições, negarmo-nos a tratar a insurreição como uma *arte* significa trair o marxismo e trair a revolução.

Para demonstrar a razão pela qual é precisamente no momento que atravessamos que é *obrigatório* para o partido reconhecer que a *insurreição* foi posta na ordem do dia pela marcha objetiva dos acontecimentos e tratar a insurreição como uma arte, o melhor talvez seja utilizar o método comparativo e confrontar o 3-4 de julho com os dias e setembro.

Em 3 e 4 de julho, podia-se, sem faltar à verdade, colocar assim a questão: seria mais correto tomar o poder, pois, de outro modo, os inimigos igualmente nos acusarão de insurreição e acabarão conosco como insurrectos. Mas, então, não se podia tirar a conclusão a favor da tomada do poder naquele momento, pois não existiam as condições objetivas para a vitória da insurreição.

1) Não estava ainda conosco a classe que é a vanguarda da revolução.

Não tínhamos ainda a maioria entre os operários e os soldados das capitais. Agora ela existe em ambos os sovietes. Ela foi criada *apenas* pela história de julho e agosto. [...]

2) Não havia ascenso revolucionário de todo o povo. Agora, depois da kornilovada, ele existe. [...]

3) Não havia então *vacilações* em proporções políticas gerais sérias entre os nossos inimigos e entre a pequena burguesia hesitante. Agora as vacilações são gigantescas: o nosso principal inimigo, o imperialismo [...] *começa a vacilar* entre a guerra até a vitória e uma paz separada contra a Rússia. Os nossos democratas pequeno-burgueses, tendo perdido nitidamente a maioria do povo, começaram a vacilar gigantescamente [...].

4) Por isso, a insurreição em 3-4 de julho teria sido um erro: nós não conservaríamos o poder, nem física nem politicamente. [...]

[...]

Agora o quadro é completamente diferente.

Temos a nosso favor a maioria da *classe* que é a vanguarda da revolução, [...] capaz de arrastar as massas. [...]

Temos a vantagem de pertencer a um partido que conhece firmemente o seu caminho num momento de vacilações inauditas [...].

Nossa *vitória é certa*, pois o povo está já à beira do desespero e nós apontamos a ele a saída segura, mostrando a todo o povo “nos dias da kornilovada” a importância de nossa direção, e depois *propondo* um compromisso aos bloquistas e *recebendo deles uma recusa* sem que tenham de modo nenhum terminado as vacilações por parte deles.

Seria o maior dos erros pensar que a nossa proposta de compromisso *ainda* não foi rejeitada, que a Conferência Democrática *ainda* pode aceitá-la. O compromisso foi proposto *por um partido a partidos*; não podia ser proposto de outro modo. *Os partidos* rejeitaram-no. A Conferência Democrática é apenas uma *conferência*, nada mais. Não se deve esquecer uma coisa: nela não está representada a *maioria* do povo revolucionário o campesinato pobre e

exasperado. É uma conferência da *minoría do povo* – não se pode esquecer essa verdade evidente. Seria o maior dos erros, o maior cretinismo parlamentar da nossa parte se tratássemos a Conferência Democrática como um parlamento, pois *mesmo se* ela se declarasse o parlamento permanente e soberano da revolução, *nada resolveria*: a decisão está *fora dela*, nos bairros operários de Petrogrado e de Moscou.

Temos diante de nós todas as premissas objetivas de uma insurreição com êxito. Temos diante de nós as excepcionais vantagens de uma situação em que só a nossa vitória na insurreição porá fim a essa coisa mais penosa do mundo, as vacilações, que esgotaram o povo [...], só a nossa vitória na insurreição *fará fracassar* o jogo de uma paz separada contra a revolução [...].

Só o nosso partido finalmente, vencendo na insurreição, *pode* salvar Petrogrado, pois se a nossa proposta de paz for rejeitada e não obtivermos nem sequer um armistício, então nos tornaremos “defensistas”, [...] seremos o *mais “guerreiro”* dos partidos, conduziremos a guerra de uma maneira verdadeiramente revolucionária. Tiraremos dos capitalistas todo o pão e todas as botas. Deixar-lhes-emos migalhas, calçá-los-emos com alpargatas. Daremos todo o pão e todo o calçado para o frente.

E então defenderemos Petrogrado.

Na Rússia são ainda imensamente grandes os recursos tanto materiais quanto espirituais para uma guerra verdadeiramente revolucionária; há 99 probabilidades em 100 de que os alemães nos darão pelo menos um armistício. E obter um armistício agora significa já vencer *todo o mundo*.

[...]

A nossa declaração deve ser a formulação mais breve e incisiva *desta* conclusão em ligação com os projetos programáticos: paz aos povos, terra aos camponeses, confisco dos lucros escandalosos e repressão da sabotagem escandalosa da produção pelos capitalistas.

[...]

Aí devemos explicar em discursos ardentes e apaixonados o nosso programa e colocar a questão assim: ou a aceitação *completa* dele pela Conferência ou a insurreição. Não há meio-termo. É impossível esperar. A revolução está perecendo.

Colocando a questão assim, concentrando toda a fração nas fábricas e nos quartéis, *calcularemos corretamente o momento para o começo da insurreição*.

E para tratar a insurreição de um modo marxista, isto é, como uma arte, devemos, ao mesmo tempo, sem perder um minuto, organizar o *estado-maior* dos destacamentos insurrecionais, distribuir as forças, lançar os regimentos de confiança para os pontos mais importantes, [...] tomar a Fortaleza de Pedro e Paulo⁷⁵, prender o estado-maior e o governo [...], [enviar] destacamentos capazes de morrer para não deixar que o inimigo abra caminho para os centros da cidade; devemos mobilizar os operários armados, chamando-os ao combate final e desesperado, tomar os telégrafos e os telefones, instalar o *nosso* estado-maior da insurreição na central telefônica, ligar para todas as fábricas, todos os regimentos, todos os pontos da luta armada etc.

Tudo isso, naturalmente, como exemplo [...]

⁷⁵ O Teatro Alexandrinski em Petrogrado era o local em que se realizava a Conferência Democrática. Fortaleza de Pedro e Paulo era a prisão na qual, durante o tsarismo, os presos políticos eram encarcerados. A Fortaleza de Pedro e Paulo tinha um enorme arsenal e era um importante ponto estratégico da cidade de Petrogrado.

O Estado e a revolução

(1917)

Prefácio à 1ª edição

A questão do Estado assume, atualmente, particular importância, tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista da política prática. A guerra imperialista acelerou e avivou ao mais alto grau o processo de transformação do capitalismo monopolista em capitalismo monopolista de Estado. A monstruosa escravização dos trabalhadores pelo Estado, que se une de forma cada vez mais estreita aos onipotentes sindicatos capitalistas, atinge proporções cada vez maiores. [...]

Os inauditos horrores e o flagelo de uma guerra interminável tornam intolerável a situação das massas e aumentam a sua indignação. A revolução proletária universal está em maturação, e a questão das suas relações com o Estado adquire, na prática, um caráter de atualidade.

Os elementos de oportunismo, acumulados durante dezenas de anos de relativa paz, criaram a corrente de social-patriotismo que predomina nos partidos socialistas oficiais do mundo inteiro. Essa corrente (Plekhanov, Potressov, Brechkovskaia, Rubanovitch e, sob uma forma ligeiramente velada, os senhores Tsereteli, Tchernov e cia., na Rússia; Scheidemann, Legien, David e outros na Alemanha; Renaudel, Guesde, Vandervelde na França e na Bélgica, Hyndman e os fabianos, na Inglaterra etc.), socialista em palavras, mas chauvinista na prática, caracteriza-se por uma baixa e servil adaptação dos “chefes socialistas” aos interesses não só de “sua” própria burguesia nacional, como também do “seu” próprio Estado [...]. A luta das massas trabalhadoras para se libertarem da influência da burguesia em geral e da burguesia imperialista em particular é impossível sem uma luta contra os preconceitos oportunistas em relação ao “Estado”.

Primeiro, passemos em revista a doutrina de Marx e Engels sobre o Estado, detendo-nos mais demoradamente nos pontos esquecidos ou desvirtuados pelo oportunismo. Em seguida, estudaremos especialmente o representante mais autorizado dessas doutrinas desvirtuadas, Karl Kautsky, o chefe mais conhecido da II Internacional (1889-1914), que tão tristemente faliu durante a guerra atual. Finalmente, traremos os principais ensinamentos da experiência das revoluções russas de 1905 e, principalmente, de 1917. Esta última, no momento presente (princípios de agosto de 1917), entra visivelmente no fim de sua primeira fase; mas toda essa revolução só pode ser encarada como um anel na cadeia de revoluções proletárias socialistas provocadas pela guerra imperialista. A questão das relações entre a revolução socialista do proletariado e o Estado adquire, por conseguinte, não só uma significação política prática, mas também um caráter de palpitante atualidade, pois fará as massas compreenderem o que devem fazer para se libertarem do jugo capitalista num futuro próximo.

Capítulo 1 – A sociedade de classes e o Estado

O Estado é o produto do antagonismo irreconciliável das classes

Dá-se com a doutrina de Marx, neste momento, aquilo que muitas vezes, ao longo da História, tem acontecido com as doutrinas dos pensadores revolucionários e dos dirigentes do movimento libertador das classes oprimidas. Os grandes revolucionários foram sempre perseguidos durante a vida; a sua doutrina foi sempre alvo do ódio mais feroz, das mais furiosas campanhas

de mentiras e difamação por parte das classes dominantes. Mas, depois da sua morte, tenta-se convertê-los em ídolos inofensivos, canonizá-los por assim dizer, cercar o seu nome de uma auréola de glória, para “consolar” as classes oprimidas e as enganar, castrando a substância do seu ensinamento revolucionário, embotando o seu gume e aviltando-o. A burguesia e os oportunistas do movimento operário se unem agora para infligir ao marxismo um tal “tratamento”. Esquece-se, esbate-se, desvirtua-se o lado revolucionário, a essência revolucionária da doutrina, a sua alma revolucionária. Exalta-se e coloca-se em primeiro plano o que é ou parece aceitável para a burguesia. Todos os sociais-patriotas (não riam!) são agora marxistas. Os sábios burgueses, que ainda ontem, na Alemanha, especializavam-se em refutar o marxismo, falam cada vez mais num Marx “nacional-alemão” que, a dar-lhes ouvidos, teria educado os sindicatos operários, tão magnificamente organizados, para uma guerra de rapina.

Em tais circunstâncias, e uma vez que se conseguiu difundir tão amplamente o marxismo deformado, a nossa missão é, antes de tudo, restabelecer a verdadeira doutrina de Marx sobre o Estado. [...] apoiados em provas, demonstraremos, à evidência, que o atual “kautskismo” as deturpou.

Começamos pela mais vulgarizada das obras de Engels, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* [...]

Resumindo a sua análise histórica, Engels diz:

O Estado não é, de forma alguma, uma força imposta do exterior à sociedade. Não é, tampouco, “a realidade da ideia moral”, “a imagem e a realidade da razão como pretende Hegel. É um produto da sociedade em certa fase do seu desenvolvimento. É a confissão de que essa sociedade se embaraçou numa insolúvel contradição interna, dividiu-se em antagonismos inconciliáveis dos quais não pode desvencilhar-se. Mas, para que essas classes antagônicas, com interesses econômicos contrários não se devorassem entre si e não devorassem a sociedade numa luta estéril, sentiu-se a necessidade de uma força que se colocasse aparentemente acima da sociedade, com o fim de atenuar o conflito nos limites da “ordem”. Essa força que sai da sociedade, ficando, porém, acima dela e dela afastando-se cada vez mais, é o Estado.

Eis, expressa com toda a nitidez, a ideia fundamental do marxismo no que concerne ao papel histórico e à significação do Estado. O Estado é o produto e a manifestação do antagonismo inconciliável das classes. O Estado aparece onde e na medida em que os antagonismos de classes não podem objetivamente ser conciliados. E, reciprocamente, a existência do Estado prova que as contradições de classe são inconciliáveis.

É precisamente sobre esse ponto de importância capital e fundamental que começa a deformação do marxismo, seguindo duas linhas principais.

De um lado, os ideólogos burgueses e, sobretudo, os da pequena burguesia, obrigados, sob a pressão de fatos históricos incontestáveis, a reconhecer que o Estado não existe senão onde existem as contradições e a luta de classes, “corrigem” Marx de maneira a fazê-lo dizer que o Estado é o órgão da conciliação das classes. [...] Para Marx, o Estado é um órgão de dominação de classe, de submissão de uma classe por outra; é a criação de uma “ordem” para legalizar e consolidar essa submissão, amortecendo a colisão das classes. Para os políticos da pequena burguesia, ao contrário, a ordem é precisamente a conciliação das classes e não a submissão de uma classe por outra; atenuar a colisão significa conciliar, e não arrancar para as classes oprimidas os meios e processos de luta contra os opressores, a cuja derrocada elas aspiram.

Assim, na revolução de 1917, quando a questão da significação do papel do Estado foi posta em toda amplitude, praticamente, reclamando uma ação imediata das massas, todos os socialistas-revolucionários e mencheviques, sem exceção, caíram, de forma imediata e com-

pleta, na teoria burguesa de “conciliação” das classes pelo “Estado”. [...] A sua noção do Estado é uma das provas mais manifestas de que os nossos socialistas-revolucionários e os nossos mencheviques não são socialistas, [...] mas democratas pequeno-burgueses de fraseologia aproximadamente socialista.

Em Kautsky, a deformação do marxismo é muito mais sutil. “Teoricamente”, não nega que o Estado seja o órgão de dominação de uma classe nem que as contradições de classe sejam irreconciliáveis; mas omite ou obscurece o seguinte: se o Estado é o produto do caráter irreconciliável das contradições de classe, se é uma força superior à sociedade, “afastando-se cada vez mais da sociedade”, é óbvio que a libertação da classe oprimida só é possível por meio de uma revolução violenta e da supressão do aparelho governamental criado pela classe dominante e que, pela sua própria existência, “afasta-se” da sociedade. Essa conclusão teoricamente inteligível por si mesma, tirou-a Marx [...] da análise histórica concreta dos problemas da revolução. E foi essa conclusão que Kautsky “esqueceu” e desvirtuou, como demonstraremos no decurso da nossa exposição.

Destacamentos armados, prisões etc.

[...]

O segundo traço característico do Estado é a instituição de um poder público que já não corresponde diretamente à população e se organiza também como força armada. Esse poder público separado é indispensável, porque a organização espontânea da população em armas se tornou impossível desde que a sociedade se dividiu em classes... Esse poder público existe em todos os Estados. Compreende não só homens armados, como também elementos materiais, prisões e instituições coercivas de toda espécie, que a sociedade patriarcal (clã) não conheceu.⁷⁶

Engels desenvolve a noção dessa “força” que se chama Estado, força proveniente da sociedade, mas superior a ela e que dela se afasta cada vez mais. Em que consiste principalmente essa força? Em destacamentos de homens armados que dispõem das prisões etc.

Temos o direito de falar em destacamentos de homens armados, porque o poder público próprio a cada Estado “já não corresponde diretamente” à população armada, à sua “organização espontânea em armas”.

Como todos os grandes pensadores revolucionários, Engels se esforça para atrair a atenção dos trabalhadores conscientes para o que a medíocre pequena burguesia dominante considera menos digno de atenção, mais banal, consagrado por preconceitos não apenas resistentes, mas, pode-se dizer, petrificados. O exército permanente e a política são os principais instrumentos do poder governamental. Mas poderia ser de outra forma?

Para a grande maioria dos europeus do fim do século 19, aos quais Engels se dirige e que não viveram nem observaram de perto nenhuma grande revolução, não poderia ser de outra forma. Não compreendem de maneira alguma o que seja a “organização espontânea da população em armas”. De onde vem a necessidade de corpos especiais de homens armados (polícia, exército permanente), separados da sociedade e superiores a ela? Os filisteus da Europa ocidental e da Rússia respondem muito naturalmente a essa pergunta com uma ou duas frases em Spencer ou Mikhailovsky, e alegam a complicação crescente da vida social, a diferenciação das funções sociais etc.

Essas alegações parecem “científicas” e tranquilizam o bom público, obscurecendo o principal, o essencial: a cisão da sociedade em classes inimigas irreconciliáveis. Se essa cisão

⁷⁶ ENGELS, Friedrich. *A origem da família, do Estado e da propriedade privada*, 1884.

não existisse, a “organização espontânea da população em armas” se distinguiria certamente por sua complexidade, por sua técnica etc., da organização primitiva de um bando de macacos armados de cacetes ou da de homens primitivos e associados em clãs, mas seria possível.

É, porém, impossível porque a sociedade civilizada está dividida em classes hostis e irreconciliáveis cujo armamento “espontâneo” provocaria a luta armada. Forma-se o Estado; cria-se uma força especial, criam-se corpos armados, e cada revolução, destruindo o aparelho governamental, põe em evidência como a classe dominante se empenha em reconstituir, a seu serviço, corpos de homens armados, como a classe oprimida se empenha em criar uma nova organização do mesmo gênero, para pô-la ao serviço não mais dos exploradores, mas dos explorados.

Na passagem citada, Engels coloca em teoria a questão que na prática toda grande revolução põe diante de nós em plena evidência e na escala da ação das massas, ou seja, a questão das relações entre os destacamentos “separados” de homens armados e a “organização espontânea da população em armas”. Veremos essa questão evoluir na experiência das revoluções [...].

Mas voltemos à exposição de Engels.

Ele mostra que o poder público é, às vezes, fraco [...], mas, em geral, o poder público aumenta:

O poder público se reforça à medida que se agravam os antagonismos de classe no interior e à medida que os Estados contíguos se tornam mais fortes e mais populosos. Basta considerar a Europa atual, onde a luta de classes e a competição às conquistas têm aumentado o poder público a um tal grau que ameaça absorver toda a sociedade e até o próprio Estado.⁷⁷

Essas linhas foram escritas, quando muito, pouco depois de 1890. [...] A evolução para o imperialismo, caracterizada pela dominação absoluta dos trustes, pela onipotência dos grandes bancos, pela política colonial em grande escala etc., mal começava na França e era ainda mais fraca na América e na Alemanha. Desde então, a “competição às conquistas” deu um passo gigantesco, a ponto de o globo terrestre, mais ou menos em 1910, achar-se definitivamente partilhado entre os “conquistadores rivais”, isto é, entre as grandes potências espoliadoras. Os armamentos terrestres e marítimos aumentaram em enormes proporções, e a guerra de rapina de 1914-1917, que devia acarretar a hegemonia da Inglaterra ou da Alemanha [...], quase levou a uma catástrofe completa a “absorção” de todas as forças sociais pela voracidade do poder governamental.

Engels soube, já em 1891, denunciar a “competição às conquistas” como um dos principais traços, características da política exterior das grandes potências, ao passo que os canchals do social-patriotismo, em 1914-1917, depois que essa rivalidade centuplicada gerou a guerra imperialista, disfarçam a sua solicitude pelos interesses espoliadores da “sua” burguesia com frases sobre a “defesa nacional”, a “defesa da República e da Revolução” etc.!

O Estado, instrumento de exploração da classe oprimida

Para manter um poder público separado da sociedade e situado acima dela, são necessários os impostos e uma dívida pública. Escreve Engels:

⁷⁷ Idem

Investidos do poder público e do direito de cobrança dos impostos, os funcionários, considerados como órgãos da sociedade, são colocados acima da sociedade. O respeito livre e voluntário que cercava os órgãos da sociedade patriarcal (do clã) já não lhes bastaria, mesmo que pudessem adquiri-lo.⁷⁸

Leis são feitas sobre a “santidade” e “inviolabilidade” dos funcionários.

“O mais insignificante agente de polícia” tem mais “autoridade” que os representantes do clã; mas o chefe militar de um país civilizado poderia invejar um chefe de clã, que a sociedade patriarcal cercava de um respeito “voluntário e não imposto pelo cacete”.

Surge, agora, a questão da situação privilegiada dos funcionários como órgãos do poder público. O ponto essencial é este: que é que os coloca acima da sociedade? Veremos como essa questão teórica foi resolvida, na prática, pela Comuna de Paris em 1871 e contornada por Kautsky em 1912, com o emprego de um processo reacionário.

Como o Estado nasceu da necessidade de refrear os antagonismos de classes, no próprio conflito dessas classes, resulta, em princípio, que o Estado é sempre o Estado da classe mais poderosa, da classe economicamente dominante que, também graças a ele, se torna a classe politicamente dominante e adquire, assim, novos meios de oprimir e explorar a classe dominada.

Não só o Estado antigo e o Estado feudal eram órgãos de exploração dos escravos e dos servos, como também o Estado representativo moderno é um instrumento de exploração do trabalho assalariado pelo capital. Há, no entanto, períodos excepcionais em que as classes em luta atingem tal equilíbrio de forças, que o poder público adquire momentaneamente certa independência em relação às mesmas e se torna uma espécie de árbitro entre elas.

Tais foram a monarquia absoluta dos séculos 17 e 18, o bonapartismo do primeiro e do segundo Império na França e Bismarck na Alemanha.

Tal é, acrescentaremos nós, o governo de Kerensky na Rússia republicana, com a sua política de perseguição contra o proletariado revolucionário no momento em que os soviets são já impotentes em virtude de seus dirigentes pequeno-burgueses e a burguesia ainda não é bastante forte para os dissolver sem cerimônia.

“Na República democrática” – continua Engels – “a riqueza utiliza-se do seu poder indiretamente, mas com maior segurança”, primeiro pela “corrupção pura e simples dos funcionários” (América), depois pela “aliança entre o governo e a bolsa” (França e América).

Atualmente, o imperialismo e o reinado dos Bancos têm “desenvolvido”, com uma arte requintada, em todas as repúblicas democráticas, esses dois meios de manter e exercer a onipotência da riqueza. [...]

A onipotência da “riqueza” é tanto melhor assegurada numa república democrática quanto não está sujeita a uma crosta acanhada do capitalismo. A república democrática é a melhor crosta possível do capitalismo. Eis por que o capital, depois de ter se apoderado dessa crosta ideal, graças aos Paltchinski, aos Tchernov, aos Tsereteli e comparsas, firmou o seu poder de maneira tão sólida, tão segura, que nenhuma mudança de pessoas, instituições ou partidos, na república democrática burguesa, é suscetível de abalar esse poder.

É preciso notar ainda, que Engels definiu o sufrágio universal de uma forma categórica: um instrumento de dominação da burguesia. O sufrágio universal, diz ele, considerando, manifestamente, a longa experiência da social-democracia alemã, é o indício da maturidade da classe operária. Nunca mais pode dar e nunca dará nada no Estado atual.

⁷⁸ Idem

Os democratas pequeno-burgueses, do gênero dos nossos socialistas-revolucionários e mencheviques, e os seus irmãos, os sociais-patriotas e oportunistas da Europa ocidental, esperam, precisamente, “algo mais” do sufrágio universal. Partilham e fazem o povo partilhar da falsa concepção de que o sufrágio universal, “no Estado atual”, é capaz de manifestar verdadeiramente e impor a vontade da maioria dos trabalhadores.

Não podemos senão notar essa falsa concepção e salientar que a declaração precisa e concreta de Engels é desvirtuada a cada passo na propaganda e na agitação dos partidos socialistas “oficiais”, isto é, oportunistas. [...]

Em sua obra mais popular, Engels resume nestes termos a sua teoria:

O Estado, por conseguinte, não existiu sempre. Houve sociedades que passaram sem ele e que não tinham a menor noção de Estado nem de poder governamental. A certo grau do desenvolvimento econômico, implicando necessariamente na divisão da sociedade em classes, o Estado tornou-se uma necessidade, em consequência dessa divisão. No presente, marchamos a passos largos para um tal desenvolvimento da produção, que a existência dessas classes não só deixou de ser uma necessidade, como se torna mesmo um obstáculo à produção. As classes desaparecerão de forma tão inelutável como apareceram. Ao mesmo tempo que as classes, desaparecerá inevitavelmente o Estado. A sociedade reorganizando a produção sobre a base da associação livre e igual de todos os produtores, enviará a máquina governamental para o lugar que lhe convém: o museu de antiguidades, ao lado da roda de fiar e do machado de bronze.⁷⁹

Na literatura de propaganda da social-democracia contemporânea, não se encontra essa citação. E quando reproduz esse trecho é, em geral, como quem se curva diante de um ídolo, como quem faz um ato de veneração oficial por Engels, sem o menor cuidado de refletir sobre a amplitude e profundidade da revolução que “enviará a máquina governamental para o museu de antiguidades”. [...]

O “desaparecimento” do Estado e a revolução violenta

As palavras de Engels sobre o “definhamento” do Estado gozam de tal celebridade, são tão citadas, põem tão bem em relevo o fundo da falsificação oportunista do marxismo, que é necessário examiná-las detalhadamente. Citaremos toda a passagem de onde são extraídas:

O proletariado se apodera da força do Estado e começa por transformar os meios de produção em propriedade do Estado. Por esse meio, ele próprio se destrói como proletariado, abole todas as distinções e antagonismos de classes e, simultaneamente, também o Estado como Estado. A antiga sociedade, que se movia através dos antagonismos de classe, tinha necessidade do Estado, isto é, de uma organização da classe exploradora, em cada época, para manter as suas condições exteriores de produção e, principalmente, para manter pela força a classe explorada nas condições de opressão exigidas pelo modo de produção existente [...]. O Estado era o representante oficial de toda a sociedade, a sua síntese num corpo visível, mas só o era como Estado da própria classe que representava em seu tempo toda a sociedade: Estado de cidadãos proprietários de escravos, na antiguidade; Estado da nobreza feudal, na Idade Média; e Estado da burguesia de nossos dias. Mas quando o Estado se torna finalmente representante efetivo da sociedade inteira, então torna-se supérfluo. [...]

O primeiro ato pelo qual o Estado se manifesta realmente como representante de toda a sociedade – a posse dos meios de produção em nome da sociedade – é, ao mesmo tempo, o último ato próprio do Estado. A intervenção do Estado nas relações sociais se vai tornando supérflua daí por diante e desaparece de forma automática. O governo das pessoas é substituído pela administração das coisas e pela direção do processo de produção. O Estado não é “abolido”: morre. [...]

Sem receio de erro, pode-se dizer que, de todo esse raciocínio de Engels, de uma notável riqueza de pensamento, só resta nos partidos socialistas de hoje, como verdadeira aquisição

⁷⁹ Idem.

do pensamento socialista, a fórmula de Marx segundo a qual o Estado “morre”, contrariamente à doutrina anarquista da “abolição” do Estado. Amputar assim o marxismo é reduzi-lo ao oportunismo, pois que, depois de tal “comentário”, não fica senão a concepção de uma, transformação lenta, igual, progressiva, sem sobressalto nem tempestade, sem revolução. A “extinção” do Estado, na concepção corrente, espelhada nesse “comentário”, é a mais grosseira deformação do marxismo em proveito exclusivo da burguesia, deformação baseada teoricamente na omissão das principais circunstâncias e considerações indicadas nas conclusões de Engels, que acabamos de citar por extenso.

1. Logo no início do seu raciocínio, Engels diz que, ao tomar o poder, o proletariado, “por esse meio, abole o Estado como Estado”. “Não se costuma” aprofundar o que isso significa. Em geral, despreza-se inteiramente esse pensamento ou se vê nele uma espécie de “fraqueza hegeliana” de Engels. Na realidade, essas palavras significam, em síntese, a experiência de uma das maiores revoluções proletárias, a experiência da Comuna de Paris de 1871 [...]. De fato, Engels fala da “abolição” do Estado burguês pela revolução proletária, ao passo que as suas palavras sobre o desaparecimento e a “morte” do Estado se referem aos vestígios do Estado proletário que subsistem depois da revolução socialista. Segundo Engels, o Estado burguês não “morre”; é “aniquilado” pelo proletariado na revolução. O que morre “depois dessa revolução” é o Estado proletário ou semi-Estado.

2. O Estado é “uma força especial de repressão”. Essa notável e profunda definição de Engels é de uma absoluta compreensão. Dela resulta que essa “força especial para a repressão” do proletariado pela burguesia, de milhões de trabalhadores por um punhado de ricos, deve ser substituída por uma “força especial para a repressão” da burguesia pelo proletariado (a ditadura do proletariado). É nisso que consiste a “abolição do Estado como Estado”. É nisso que consiste o “ato” de posse dos meios de produção em nome da sociedade. [...] essa substituição de uma “força especial” (a da burguesia) por outra “força especial” (a do proletariado) não pode equivaler para aquela a um “desaparecimento”.

3. Esse “desaparecimento” [...] coloca-o Engels, de forma inquestionável, no período posterior ao “ato da posse dos meios de produção pelo Estado em nome da sociedade”, posterior, portanto, à revolução socialista. Todos nós sabemos que a forma política do “Estado” é, então, a plena democracia. Mas nenhum dos oportunistas que desvirtuam o marxismo concebe que Engels se refira à “letargia” e à “morte” da democracia. À primeira vista, parece estranho; mas só não é compreensível para quem não reflete que a democracia é também Estado e, por conseguinte, desaparecerá quando o Estado desaparecer. Só a revolução pode “abolir” o Estado burguês. O Estado em geral, isto é, a plena democracia, só pode “desaparecer”.

4. Ao enunciar a sua famosa fórmula: “o Estado morre”, Engels apressou-se a precisar que essa fórmula é dirigida contra os oportunistas e contra os anarquistas. E coloca em primeiro lugar o corolário que atinge os oportunistas.

Pode-se apostar que, em dez mil pessoas que leram essas linhas ou ouviram falar do “desaparecimento” do Estado, nove mil e novecentas ignoram absolutamente ou fingem esquecer que Engels não dirigia as conclusões da sua fórmula apenas contra os anarquistas. E, nas dez restantes, há seguramente nove que não sabem o que é o “Estado livre do povo” e por que, atacando-o, Engels ataca também os oportunistas. É assim que se escreve a história. É assim que se adultera insensivelmente a grande doutrina revolucionária até transformá-la numa banalidade ao nível da mediocridade reinante. A conclusão contra os anarquistas foi

mil vezes repetida [...] fixando-se nos cérebros com a tenacidade de um preconceito. A conclusão contra os oportunistas, porém, deixaram-na na sombra e “esquecida”!

O “Estado livre do povo” era o programa e a fórmula corrente dos sociais-democratas alemães de 1870. Essa fórmula não tem nenhum conteúdo político, não passando de uma pomposa expressão burguesa da ideia de democracia. Engels se dispunha a “justificar momentaneamente” o seu emprego na agitação, na medida em que essa fórmula aludia legalmente à república democrática. Mas era uma fórmula oportunista, pois exprimia não só uma democracia burguesa mal disfarçada, como também a incompreensão da crítica socialista do Estado em geral. Nós somos partidários da república democrática como sendo a melhor forma de governo para o proletariado sob o regime capitalista, mas andaríamos mal se esquecêssemos que a escravidão assalariada é o quinhão do povo mesmo na república burguesa mais democrática.

Mais adiante: todo Estado é uma “força especial de repressão” da classe oprimida. Um Estado, seja ele qual for, não poderá ser livre nem popular. Marx e Engels explicaram isso muitas vezes aos seus camaradas de partido, mais ou menos em 1870.

5. Na mesma obra de Engels [...], encontra-se desenvolvida a definição da revolução violenta. A apreciação do seu papel histórico torna-se, na obra de Engels, verdadeira apologia da revolução. Disso ninguém “se lembra”; é moda nos partidos socialistas contemporâneos não falar nem pensar nunca no assunto; na propaganda e na agitação cotidianas entre as massas, essas ideias não desempenham papel algum. [...]

Eis a passagem de Engels:

Que a violência desempenha ainda outro papel na história, um papel revolucionário; que é, segundo Marx, a parteira de toda velha sociedade, grávida de uma sociedade nova; que é a arma com a qual o movimento social abre caminho e quebra formas políticas petrificadas e mortas – sobre isso o sr. Dühring silencia. É suspirando e gemendo que ele admite a possível necessidade da violência para derrubar a exploração econômica... Infelizmente, pois a violência, diz ele, sempre desmoraliza os que a ela recorrem. E isso, a despeito do grande surto moral e intelectual que nasce de toda revolução vitoriosa! [...] E é essa mentalidade de predicante, sem sabor e sem força, que pretenderia impor-se ao partido mais revolucionário que a história conhece.

Como conciliar na mesma doutrina essa apologia da revolução violenta, insistentemente repetida por Engels, aos sociais-democratas alemães de 1878 a 1895, isto é, até a sua morte, com a teoria do “desaparecimento” do Estado?

Costumam conciliá-las de maneira eclética, tomando por um processo empírico ou sofisticado, de forma arbitrária, ou para agradar aos poderosos do dia, ora a ideia da revolução violenta, ora a do desaparecimento; e noventa e nove por cento das vezes, senão mais, colocam em primeiro plano justamente essa última. A dialética cede lugar ao ecletismo: com relação ao marxismo, é a coisa mais frequente e mais espalhada na literatura social-democrata oficial dos nossos dias. Não é uma novidade, certamente, pois o ecletismo já substituiu a dialética na história da filosofia clássica grega. Na falsificação oportunista do marxismo, a falsificação eclética da dialética engana as massas com mais facilidade, dando-lhes uma aparente satisfação, fingindo ter em conta todas as faces do fenômeno, todas as formas de desenvolvimento e todas as influências contraditórias; mas, de fato, isso não dá uma noção completa e revolucionária do desenvolvimento social.

Já dissemos [...] que a doutrina de Marx e Engels sobre a necessidade da revolução violenta se refere ao Estado burguês. Este só pode, em geral, ceder lugar ao Estado proletário

(ditadura do proletariado) por meio da revolução violenta e não por meio do “desaparecimento”. A apologia que Engels faz da revolução violenta está plenamente de acordo com as numerosas declarações altivas e categóricas de Marx (lembremo-nos do final de *A Miséria da Filosofia* e do *Manifesto Comunista*) sobre a inevitabilidade da revolução violenta; lembremo-nos da crítica do programa de Gotha, em 1875, quase trinta anos mais tarde, na qual Marx flagela sem piedade o oportunismo. [...] A essência de toda a doutrina de Marx e de Engels é a necessidade de inocular sistematicamente nas massas essa ideia da revolução violenta. É a omissão dessa propaganda, dessa agitação, que marca com mais relevo a traição doutrinária das tendências social-patrióticas e kautskistas. A substituição do Estado burguês pelo Estado proletário não é possível sem revolução violenta. A abolição do Estado proletário, isto é, a abolição de todo e qualquer Estado, só é possível pelo “desaparecimento”.

Esquerdismo, doença infantil do comunismo

(1920)

Capítulo 4 – Quais foram os inimigos que o bolchevismo enfrentou dentro do movimento operário para poder crescer, fortalecer-se e temperar-se?

Em primeiro lugar e acima de tudo, o oportunismo que, em 1914, transformou-se definitivamente em social-chauvinismo e se bandeou de uma vez por todas para o lado da burguesia contra o proletariado. Esse era, naturalmente, o principal inimigo do bolchevismo dentro do movimento operário, e continua sendo, em escala mundial. O bolchevismo prestou e presta a esse inimigo a maior atenção. [...]

Quanto a outro inimigo do bolchevismo no movimento operário, a coisa já é bem diferente. Pouco se sabe, no estrangeiro, que o bolchevismo cresceu, formou-se e temperou-se, durante muitos anos, na luta contra o *revolucionarismo pequeno-burguês*, parecido com o anarquismo, ou que adquiriu dele alguma coisa [...] Para os marxistas está plenamente provado do ponto de vista teórico – e a experiência de todas as revoluções [...] confirmam-no totalmente – que o pequeno proprietário, o pequeno patrão (tipo social muito difundido [...] e que existe numa escala de massas), que muitas vezes sofre sob o capitalismo uma pressão contínua e, com frequência, uma agravação terrivelmente brusca e rápida de suas precárias condições de vida, não sendo difícil arruinar-se, passa facilmente para uma posição ultrarrevolucionária, mas é incapaz de manifestar serenidade, espírito de organização, disciplina e firmeza. O pequeno-burguês “enfurecido” pelos horrores do capitalismo é, como o anarquismo, um fenômeno social comum a todos os países capitalistas. São por demais conhecidas a inconstância e a esterilidade dessas veleidades revolucionárias, assim como a facilidade com que se transformam rapidamente em submissão, apatia, fantasias e mesmo num entusiasmo “furioso” por essa ou aquela tendência burguesa “em moda”. Contudo, o reconhecimento teórico, abstrato, de tais verdades não é suficiente, de modo algum, para proteger um partido revolucionário dos antigos erros. [...]

O anarquismo foi, muitas vezes, uma espécie de expiação dos pecados oportunistas do movimento operário. Essas duas anomalias se completavam de forma recíproca. Se o anarquismo exerceu na Rússia uma influência relativamente insignificante nas duas revoluções (1905 e 1917) e durante sua preparação, não obstante a população pequeno-burguesa ser aqui mais numerosa que nos países europeus, isso se deve, em parte, sem dúvida, ao bolchevismo, que sempre lutou de forma impiedosa e irreconciliável contra o oportunismo. Digo “em parte” porque o que mais contribuiu para debilitar o anarquismo na Rússia foi a possibilidade que teve no passado (década de 70 do século 19) de alcançar um desenvolvimento extraordinário e revelar profundamente seu caráter falso e sua incapacidade de servir como teoria dirigente da classe revolucionária.

Ao surgir em 1903, o bolchevismo herdou a tradição de luta implacável contra o revolucionarismo pequeno-burguês, semianarquista (ou capaz de “namorar” o anarquismo) [...].

O bolchevismo fez sua e continuou a luta contra o partido que mais fielmente representava as tendências do revolucionarismo pequeno-burguês (isto é, o partido dos “socialistas revolucionários”) em três pontos principais. Em primeiro lugar, esse partido, que repudiava o marxismo, obstinava-se em não querer compreender [...] a necessidade de levar em conta, com estrita objetividade, as forças de classe e suas relações mútuas antes de empreender qualquer ação política. Em segundo lugar, esse partido via um sinal particular de seu “revolucionarismo” ou de seu “esquerdismo” no reconhecimento do terror individual, dos atentados, que nós, marxistas, rejeitávamos categoricamente. É óbvio que condenávamos o terror individual exclusivamente por conveniência; as pessoas capazes de condenar “por princípio” o terror da grande revolução francesa ou, de modo geral, [...] já foram fustigadas e ridicularizadas por Plekhanov em 1900/1903, quando este era marxista e revolucionário. Em terceiro lugar, ser “esquerdista” consistia, para os social-revolucionários, em rir dos pecados oportunistas, relativamente leves, da social-democracia alemã, ao mesmo tempo que imitavam os ultraoportunistas desse partido em questões como a agrária ou a da ditadura do proletariado.

A História, diga-se de passagem, confirmou hoje, [...] em escala histórico-mundial, a opinião que sempre defendemos, isto é, que a social-democracia *revolucionária* alemã (devemos levar em conta que, em 1900/1903, Plekhanov reclamava a expulsão de Bernstein do partido e que os bolcheviques, mantendo sempre essa tradição, desmascaravam, em 1913, toda a vilania, a baixa e a traição de Legien) estava *mais próxima que ninguém* do partido de que o proletariado revolucionário necessitava para triunfar. Agora, em 1920, depois de todos os rompimentos e crises ignominiosos da época da guerra [...], vê-se com nitidez que, de todos os partidos ocidentais, a social-democracia revolucionária alemã é exatamente a que deu os melhores chefes e que mais rapidamente se recuperou [...]. Isso também se verifica no partido dos espartaquistas⁸⁰ e na ala esquerda, proletária, do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha, que mantém uma luta firme contra o oportunismo e a falta de caráter dos Kautsky, Hilferding, Ledebour e Crispian. Se dermos agora uma olhada num período histórico completamente encerrado, que vai da Comuna de Paris à primeira República Socialista Soviética, veremos delinear-se com relevo absolutamente definido e indiscutível a posição do marxismo diante do anarquismo. Afinal de contas, o marxismo demonstrou ter razão. E se os anarquistas assinalavam com justeza o caráter oportunista das concepções sobre o Estado que imperavam na maioria dos partidos socialistas, é preciso observar, em

⁸⁰ Espartaquistas: membros da Liga Espartaquista, fundada durante a Primeira Guerra Mundial, em janeiro de 1916, sob a direção de Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Franz Mehring, Clara Zetkin e outros. Os espartaquistas fizeram propaganda revolucionária entre as massas contra a guerra imperialista e desmascararam a política de rapina do imperialismo alemão e a traição dos chefes social-democratas.

primeiro lugar, que esse caráter oportunista provinha de uma deformação e até mesmo de uma ocultação consciente das ideias de Marx a respeito do Estado [...]; e, em segundo lugar, que a retificação dessas ideias oportunistas e o reconhecimento do Poder Soviético e de sua superioridade sobre a democracia parlamentar burguesa partiram com maior amplitude e rapidez precisamente das tendências mais marxistas existentes no seio dos partidos socialistas da Europa e da América.

Houve dois momentos em que a luta do bolchevismo contra os desvios “esquerdistas” de seu próprio partido adquiriu dimensões consideráveis: em 1908, em torno da participação num “parlamento” ultrarreacionário e nas associações operárias legais, regidas por leis reacionárias, e em 1918 (paz de Brest), em torno da admissibilidade desse ou daquele “compromisso”.

Em 1908, os bolcheviques “de esquerda” foram expulsos de nosso partido em virtude de seu empenho em não querer compreender a necessidade de participar de um “parlamento” ultrarreacionário. Os “esquerdistas”, entre os quais havia muitos excelentes revolucionários que depois foram (e continuam sendo) honrosamente membros do Partido Comunista, apoiavam-se, principalmente, na feliz experiência do boicote de 1905. Quando o tsar anunciou, em agosto de 1905, a convocação de um “parlamento” consultivo, os bolcheviques, contra todos os partidos da oposição e contra os mencheviques, declararam o boicote a esse parlamento, que foi liquidado, com efeito, pela revolução de outubro de 1905. Naquela ocasião, o boicote foi justo não porque seja certo abster-se, de modo geral, de participar dos parlamentos reacionários, mas porque foi levada em conta, de modo acertado, a situação objetiva [...] que levava à [...] greve revolucionária e à insurreição. Além disso, o motivo da luta era, nessa época, saber se se devia deixar nas mãos do tsar a convocação da primeira instituição representativa ou se se devia tentar arrancá-la das mãos das antigas autoridades. [...]

O boicote dos bolcheviques ao “parlamento” em 1905 enriqueceu o proletariado revolucionário com uma experiência política preciosa, mostrando que, na combinação das formas de luta legais e ilegais, parlamentares e extraparlamentares, é às vezes conveniente e até obrigatório saber renunciar às formas parlamentares. Mas transportar cegamente, por simples imitação, sem espírito crítico, essa experiência a *outras* condições, a *outra* situação, é o maior dos erros. O que já constituía um erro, embora pequeno e facilmente corrigível⁸¹, foi o boicote dos bolcheviques à “Duma” em 1906. Os boicotes de 1907, 1908 e dos anos seguintes foram erros muito mais sérios e dificilmente reparáveis, pois, de um lado, não era acertado esperar que a onda revolucionária se reerguesse com muita rapidez e se transformasse em insurreição e, por outro lado, o conjunto da situação histórica originada pela renovação da monarquia burguesa impunha a necessidade de se combinar o trabalho legal com o ilegal. Hoje, quando se considera em retrospectiva esse período histórico já encerrado por completo, cuja ligação com os períodos posteriores já se manifestou plenamente, compreende-se com extrema nitidez que os bolcheviques *não teriam podido conservar* (já não digo consolidar, desenvolver e fortalecer) o núcleo sólido do partido revolucionário do proletariado durante os anos 1908/1914, se não houvessem defendido, na mais árdua luta, a combinação *obrigatória* das formas legais com as ilegais, a participação *obrigatória* num parlamento ultrarreacionário e numa série de instituições regidas por leis reacionárias (associações de mútuo socorro etc.).

⁸¹ Pode-se dizer da política e dos partidos, com as variações correspondentes, o mesmo que dos indivíduos. Inteligente não é aquele que não comete erros. Não há, nem pode haver, homens que não cometam erros. Inteligente é aquele que comete erros não muito graves e sabe corrigi-los acertada e rapidamente. (Nota do autor)

Em 1918, as coisas não chegaram à cisão. Os comunistas “de esquerda” só constituíram, na ocasião, um grupo especial, ou “fração”, dentro de nosso partido e por pouco tempo. No mesmo ano, os mais destacados representantes do “comunismo de esquerda”, Radek e Bukharin, por exemplo, reconheceram abertamente seu erro. Achavam que a paz de Brest era um compromisso com os imperialistas, inaceitáveis por princípio [...]. Tratava-se realmente de um compromisso com os imperialistas; mas era precisamente um compromisso dessa espécie que era obrigatório naquelas circunstâncias.

Hoje, quando ouço, por exemplo, os “social-revolucionários” atacarem nossa tática ao assinar a paz de Brest ou uma observação como a que me foi feita pelo camarada Landsbury durante uma conversa: “Os chefes de nossas *trade unions* inglesas dizem que também se podem permitir um compromisso, uma vez que os bolcheviques se permitiram”, respondo habitualmente, antes de tudo, com uma comparação simples e “popular”:

Imagine que o carro em que você está viajando é detido por bandidos armados. Você lhes dá o dinheiro, a carteira de identidade, o revólver e o automóvel; mas, em troca disso, escapa da agradável companhia dos bandidos. Trata-se, evidentemente, de um compromisso. *Do ut des* (“dou” meu dinheiro, minhas armas e meu automóvel, “para que me dê” a possibilidade de seguir em paz). Dificilmente, porém, se encontraria um homem sensato capaz de declarar que esse compromisso é “inadmissível do ponto de vista dos princípios” ou de denunciar quem o assumiu como cúmplice dos bandidos. [...]

Mas quando os mencheviques e os social-revolucionários na Rússia, os partidários de Scheidemann (e, em grande parte, os kautskistas) na Alemanha, Otto Bauer e Friedrich Adler (sem falar dos senhores Renner e outros) na Áustria, os Renaudel, Longuet e cia. na França, os fabianos, os “independentes” e os “trabalhistas” na Inglaterra assumiram, em 1914/1918 e em 1918/1920, com os bandidos de sua própria burguesia [...] compromissos dirigidos *contra* o proletariado revolucionário de seu próprio país, esses senhores agiram como *cúmplices dos bandidos*.

A conclusão é óbvia: rejeitar os compromissos “por princípio”, negar a legitimidade de qualquer compromisso, em geral, constitui uma infantilidade que é inclusive difícil de se levar a sério. O político que queira ser útil ao proletariado revolucionário deve saber distinguir os casos concretos de compromissos que são mesmo inadmissíveis, que são uma expressão de oportunismo e de traição, e dirigir contra esses compromissos concretos toda a força da crítica, todo esforço de um desmascaramento implacável [...] não permitindo aos socialistas, com sua grande experiência de “manobristas”, e aos jesuítas parlamentares que se livrem da responsabilidade através de preleções sobre os compromissos em geral”. Os senhores “chefes” das *trade unions* inglesas assim como [...] os do Partido Trabalhista “Independente”, pretendem, desse modo, eximir-se da responsabilidade da traição que cometeram, por haver assumido semelhante compromisso que, na realidade, nada mais é que oportunismo, defecção e traição da pior, espécie.

Há compromissos e compromissos. É preciso saber analisar a situação e as circunstâncias concretas de cada compromisso ou de cada variedade de compromisso. É preciso aprender a distinguir o homem que entregou aos bandidos sua bolsa e suas armas para diminuir o mal causado por eles e facilitar sua captura e execução, daquele que dá aos bandidos sua bolsa e suas armas para participar da divisão do saque. Em política, isso está muito longe de ser sempre assim tão difícil como nesse pequeno exemplo de simplicidade infantil. Seria, porém, um simples charlatão quem pretendesse inventar para os operários uma fórmula que, antecipadamente, apresentasse soluções adequadas para todas as circunstâncias da vida.

[...]

O partido que acertou com o imperialismo alemão o compromisso de firmar a paz de Brest vinha elaborando na prática o seu internacionalismo desde fins de 1914. Esse partido não receou proclamar a derrota da monarquia tsarista e estigmatizar a “defesa da pátria” na guerra entre duas aves de rapina imperialistas. Os deputados desse partido no parlamento foram deportados para a Sibéria em vez de seguir o caminho que leva às pastas ministeriais num governo burguês. A revolução, ao derrubar o tsarismo e proclamar a república democrática, submeteu esse partido a uma nova e importante prova: não ajustou nenhum acordo com os imperialistas de “seu” país, e sim preparou sua derrubada e os derrubou. Esse mesmo partido, uma vez dono do poder político, não deixou pedra sobre pedra nem da propriedade agrária nem da propriedade capitalista. Depois de publicar e inutilizar os tratados secretos dos imperialistas, esse partido propôs a paz a todos os povos e só cedeu perante a violência dos bandidos de Brest quando os imperialistas anglo-franceses frustraram a paz e depois de os bolcheviques terem feito tudo que era humanamente possível para acelerar a revolução na Alemanha e em outros países. A total justiça de semelhante compromisso, assumido por tal partido nessas circunstâncias, torna-se dia a dia mais explícita e evidente para todos.

Os mencheviques e social-revolucionários da Rússia (do mesmo modo que todos os chefes da II Internacional no mundo inteiro em 1914/1920) começaram pela traição, justificando direta ou indiretamente a “defesa da pátria”, isto é, a defesa de sua burguesia espoliadora, e persistiram na traição coligando-se com a burguesia de seu país e lutando a seu lado contra o proletariado revolucionário de seu próprio país. Sua união na Rússia com Kerensky e os democratas constitucionalistas e depois com Kolchak e Denikin, assim como a aliança de seus correligionários estrangeiros com a burguesia de seus respectivos países, foi uma deserção para o campo da burguesia contra o proletariado. Seu compromisso com os bandidos do imperialismo consistiu, do princípio ao fim, em tornar-se cúmplices do banditismo imperialista.

[...]

Capítulo 8 – Nenhum compromisso?

Na citação do folheto de Frankfurt, já vimos o tom decidido com que os “esquerdistas” lançam essa palavra de ordem. É triste ver como pessoas que sem dúvida se consideram marxistas e querem sê-lo esqueceram as verdades fundamentais do marxismo. Engels – que como Marx pertence a essa raríssima categoria de escritores, nos quais cada frase de cada um dos seus grandes trabalhos tem todas, sem exceção, uma assombrosa profundidade de conteúdo – escrevia contra o manifesto dos 33 *communards* blanquistas⁸² em 1874:

“... Somos comunistas”, diziam em seu manifesto os *communards* blanquistas, “porque queremos atingir nosso objetivo sem nos determos em etapas intermediárias e sem compromissos, que nada mais fazem que tornar distante o dia da vitória e prolongar o período de escravidão”.

Os comunistas alemães são comunistas porque, através de todas as etapas intermediárias e de todos os compromissos criados não por eles, mas pela marcha da evolução histórica, veem com nitidez e perseguem constantemente seu objetivo final: a supressão das classes e a criação de um regime social no qual não haverá lugar para a propriedade privada da terra e de todos os meios de produção. Os 33 blanquistas são comunistas por imaginarem que basta seu desejo de saltar as etapas intermediárias e os compromissos para que a coisa esteja feita, e porque acreditam firmemente que “a coisa arrebenta” num dia desses e o poder cai em suas mãos o “comunismo será implantado” no dia seguinte. Portanto, se não podem fazer isso imediatamente, não são comunistas.

⁸² Partidários de Louis Auguste Blanqui, participantes da Comuna de Paris (Nota do tradutor)

Que pueril ingenuidade a de apresentar a própria impaciência como argumento teórico! (ENGELS; Programa dos *Communards*-blanquistas, no jornal social-democrata alemão *Volksstaat*⁸³, 1874, p. 73, incluído na recompilação *Artigos* de 1817/1875, tradução russa, Petrogrado, 1919, pp. 52/53).

Engels expressa nesse mesmo artigo seu profundo respeito por Vaillant e fala dos “méritos indiscutíveis” deste (que foi, como Guesde, um dos chefes mais destacados do socialismo internacional antes de sua traição ao socialismo em agosto de 1914). Mas Engels não deixa de analisar em todos os detalhes o seu erro evidente. É óbvio que os revolucionários muito jovens e inexperientes, assim como os revolucionários pequeno-burgueses mesmo de idade respeitável e grande experiência, consideram extremamente perigoso, incompreensível e errôneo “autorizar que se firmem compromisso”. E muitos sofistas (como politiqueros ultra ou excessivamente “experimentados”) raciocinam do mesmo modo que os chefes do oportunismo inglês citados pelo camarada Lansbury: “Se os bolcheviques se permitem tal ou qual compromisso, por que nós não nos permitimos qualquer compromisso?” Mas os proletários, educados por repetidas greves (para só falar dessa manifestação da luta de classes) assimilam habitualmente de modo admirável a profundíssima verdade (filosófica, histórica, política e psicológica) enunciada por Engels. Todo proletário conhece greves, conhece “compromissos” com os odiados opressores e exploradores, depois dos quais os operários tiveram de voltar ao trabalho sem ter conseguido nada ou contentando-se com a satisfação parcial de suas reivindicações. Todo proletário, graças ao ambiente de luta de massas e do acentuado agravamento dos antagonismos de classe em que vive, percebe a diferença existente entre um compromisso imposto por condições objetivas (pobreza de fundos financeiros dos grevistas, que não contam com apoio algum, passam fome e estão extenuados ao máximo) – compromisso que em nada diminui a abnegação revolucionária nem a disposição de continuar a luta dos operários que o assumiram – e um compromisso de traidores que atribuem a causas objetivas seu vil egoísmo (os fura-greves também assumem “compromissos”!), sua covardia, seu desejo de atrair a simpatia dos capitalistas, sua falta de firmeza diante das ameaças e, às vezes, diante das exortações, das esmolas ou as adulações capitalistas (esses compromissos de traidores são particularmente numerosos na história do movimento operário inglês por parte dos chefes das *trade unions*, se bem que, sob uma ou outra forma, quase todos os operários de todos os países tenham podido observar fenômenos semelhantes).

É evidente que acontecem casos isolados extraordinariamente difíceis e complexos, em que só com os maiores esforços se pode determinar com exatidão o verdadeiro caráter desse ou daquele “compromisso”, do mesmo modo que há casos de homicídio em que não é nada fácil julgar se este era absolutamente justo e até obrigatório (como, por exemplo, em caso de legítima defesa) ou se era efeito de um descuido imperdoável ou mesmo consequência de um plano perverso executado com habilidade. Não há dúvida de que em política, em que às vezes trata-se de relações nacionais ou internacionais muito complexas entre as classes e os partidos, irão se registrar inúmeros casos muito mais difíceis que a questão de saber se um compromisso assumido por ocasião de uma greve é legítimo ou se se trata de uma perfídia de um fura-greve, de um chefe traidor etc. Preparar uma receita ou uma regra geral (“nenhum compromisso”!) para todos os casos é um absurdo. É preciso ter a cabeça no lugar para saber orientar-se em cada caso particular. A importância de possuir uma organização de partido com chefes dignos desse nome consiste precisamente, entre outras coisas, em chegar – mediante um trabalho prolongado, tenaz, múltiplo e variado de todos os representantes de uma

⁸³ *O Estado Popular* (Nota da redação)

determinada classe capazes de pensar⁸⁴ – a elaborar os conhecimentos e a experiência necessários e, além dos conhecimentos e experiência, a sagacidade política exata para resolver bem e rápido as questões políticas complexas.

As pessoas ingênuas e totalmente inexperientes pensam que basta admitir os compromissos *em geral* para que desapareça completamente a linha divisória entre o oportunismo, contra o qual sustentamos e devemos sustentar uma luta intransigente, e o marxismo revolucionário ou comunismo. Mas essas pessoas, se ainda não sabem que todas as linhas divisórias na natureza ou na sociedade são variáveis e até certo ponto convencionais, só podem ser ajudadas mediante o estudo prolongado, a educação, a ilustração e a experiência política e prática. Nas questões práticas da política de cada momento particular ou específico da história, é importante saber distinguir aquelas em que se manifestam os compromissos da espécie mais inadmissível, os compromissos de traição, que representam um oportunismo funesto para a classe revolucionária, e dedicar todos os esforços para explicar seu sentido e lutar contra elas. Durante a guerra imperialista de 1914/1918 entre dois grupos de países igualmente criminosos e vorazes, o principal e fundamental dos oportunismos foi o que adotou a forma de social-chauvinismo, isto é, o apoio da “defesa da pátria”, o que equivalia de fato, *naquela* guerra, à defesa dos interesses de rapina da “própria” burguesia. Depois da guerra, foi a defesa da espoliadora “Sociedade das Nações”, a defesa das alianças diretas ou indiretas com a burguesia do próprio país contra o proletariado revolucionário e o movimento “soviético” e a defesa da democracia e do parlamentarismo burgueses contra o “poder dos soviets”. Foram essas as principais manifestações desses compromissos inadmissíveis e traidores que, em seu conjunto, culminaram num oportunismo funesto para o proletariado revolucionário e sua causa.

“... Repelir do modo mais categórico todo compromisso com os demais partidos... toda política de manobra e conciliação”, dizem os esquerdistas da Alemanha no folheto de Frankfurt.

É surpreendente que, com semelhantes ideias, esses esquerdistas não condenem categoricamente o bolchevismo! Não é possível que os esquerdistas alemães ignorem que toda a história do bolchevismo, antes e depois da Revolução de Outubro, *está cheia* de casos de manobra, de acordos e compromissos com outros partidos, inclusive os partidos burgueses!

Fazer a guerra para derrotar a burguesia internacional, uma guerra cem vezes mais difícil, prolongada e complexa que a mais encarniçada das guerras comuns entre Estados, e renunciar de antemão a qualquer manobra, a explorar os antagonismos de interesses (mesmo que sejam apenas temporários) que dividem nossos inimigos, renunciar a acordos e compromissos com possíveis aliados (ainda que provisórios, inconsistentes, vacilantes, condicionais), não é, por acaso, qualquer coisa de extremamente ridículo? Isso não será parecido com o caso de um homem que na difícil subida de uma montanha, onde ninguém jamais tivesse posto os pés, renunciasse de antemão a fazer ziguezagues, retroceder algumas vezes no caminho já percorrido, abandonar a direção escolhida no início para experimentar outras direções? E pensar que pessoas tão pouco conscientes, tão inexperientes (menos mal se a causa disso é a juventude de tais pessoas, juventude cujas características autorizam que se digam semelhantes tolices durante certo tempo) [...].

Depois da primeira revolução socialista do proletariado, depois da derrubada da burguesia num país, o proletariado desse país continua sendo *durante muito tempo mais débil*

⁸⁴ Mesmo no país mais culto, toda classe, inclusive a mais avançada e com o mais excepcional florescimento, de todas as suas forças espirituais gerado pelas circunstâncias do momento, conta – e contará inevitavelmente enquanto subsistirem as classes e a sociedade sem classes não estiver assentada, consolidada e desenvolvida por completo sobre seus próprios fundamentos – com representantes que não pensam e que são incapazes de pensar. O capitalismo não seria o capitalismo opressor das massas se isso não acontecesse. (Nota do autor)

que a burguesia, em virtude simplesmente das imensas relações internacionais que ela tem e graças à restauração, ao renascimento espontâneo e contínuo do capitalismo e da burguesia por meio dos pequenos produtores de mercadorias do país em que ela foi derrubada. Só se pode vencer um inimigo mais forte retesando e utilizando todas as forças e aproveitando obrigatoriamente com o maior cuidado, minúcia, prudência e habilidade a menor “brecha” entre os inimigos, toda contradição de interesses entre a burguesia dos diferentes países, entre os diferentes grupos ou categorias da burguesia dentro de cada país; também é necessário aproveitar as menores possibilidades de conseguir um aliado de massas, mesmo que temporário, vacilante, instável, pouco seguro, condicional. Quem não compreende isso, não compreende nenhuma palavra de marxismo nem de socialismo científico, contemporâneo, em geral. Quem não demonstrou na prática, durante um período bem considerável e em situações políticas bastante variadas, sua habilidade em aplicar essa verdade à vida, ainda não aprendeu a ajudar a classe revolucionária em sua luta para libertar toda a humanidade trabalhadora dos exploradores. E isso aplica-se tanto ao período anterior à conquista do poder político pelo proletariado como ao posterior.

Nossa teoria, diziam Marx e Engels, não é um dogma, mas sim um guia para a ação, e o grande erro, o imenso crime de marxistas “registrados”, como Karl Kautsky, Otto Bauer e outros, consiste em não ter compreendido essa afirmação, em não ter sabido aplicá-la nos momentos mais importantes da revolução proletária. “A ação política não se parece em nada com a calçada da avenida Nevsky! (a calçada larga, limpa e lisa da rua principal de Petersburgo, rua absolutamente reta) [...]

Os sociais-democratas revolucionários da Rússia aproveitaram repetidas vezes antes da queda do tsarismo os serviços dos liberais burgueses, isto é, concluíram com eles inúmeros compromissos práticos [...] sem deixar de sustentar, simultaneamente, a luta ideológica e política mais implacável contra o liberalismo burguês e contra as menores manifestações de sua influência no seio do movimento operário. Os bolcheviques sempre praticaram essa mesma política. Desde 1905, defenderam sistematicamente a aliança da classe operária com os camponeses contra a burguesia liberal e o tsarismo sem negar-se nunca, ao mesmo tempo, a apoiar a burguesia contra o tsarismo (na segunda fase das eleições ou nos empates eleitorais, por exemplo) e sem interromper a luta ideológica e política mais intransigente contra o partido camponês revolucionário-burguês, os “sociais-revolucionários”, que eram denunciados como democratas pequeno-burgueses que falsamente se apresentavam como socialistas. Em 1917, os bolcheviques constituíram, por pouco tempo, um bloco político formal com os “sociais-revolucionários” para as eleições da Duma. Com os mencheviques, estivemos formalmente durante vários anos, de 1903 a 1912, num partido social-democrata único, sem interromper nunca a luta ideológica e política contra eles como portadores da influência burguesa no seio do proletariado e como oportunistas. Durante a guerra, assumimos uma espécie de compromisso com os “kautskistas”, os mencheviques de esquerda (Martov) e uma parte dos “socialistas-revolucionários” (Chernov, Natanson). Assistimos com eles às conferências de Zimmerwald e Kienthal e lançamos manifestos conjuntos, mas *nunca* interrompemos nem atenuamos a luta política e ideológica contra os “kautskistas”, Martov e Chernov. [...]

É fácil, por conseguinte, compreender que o ataque dos esquerdistas alemães ao Comitê Central do Partido Comunista da Alemanha, em virtude de este admitir a ideia de um bloco com os “independentes” (Partido Social-Democrata, Independente da Alemanha, os kautskistas), parece-nos carecer de seriedade e que vejamos neles uma demonstração evidente da *posição errada* dos “esquerdistas”. Na Rússia também havia mencheviques de direita (que

participaram do governo de Kerensky), equivalentes aos Scheidemann da Alemanha, e mencheviques de esquerda (Martov), que se opunham aos mencheviques de direita e equivaliam aos kautskistas alemães. Em 1917, assistimos plenamente à passagem gradual das massas operárias dos mencheviques para os bolcheviques. No 1º Congresso dos Sovietes de toda a Rússia, celebrado em junho deste ano, tínhamos cerca de 13% dos votos. A maioria pertencia aos sociais-revolucionários e aos mencheviques. No 2º Congresso dos Sovietes, em 25 de outubro de 1917, [...] tínhamos 51% dos sufrágios. Por que será que na Alemanha *uma tendência igual*, absolutamente *idêntica*, de os operários passarem da direita para a esquerda não levou ao fortalecimento imediato dos comunistas, mas sim, no início, ao do partido intermediário dos “independentes”, embora esse partido nunca tenha tido nenhuma ideia política independente e nenhuma política independente nem tenha feito outra coisa que não seja vacilar entre Scheidemann e os comunistas?

Não há dúvida de que uma das causas foi a tática *errada* dos comunistas alemães, que devem reconhecer seu erro honradamente e, sem temor, e aprender a corrigi-lo. O erro consistiu em negar-se a participar do parlamento reacionário burguês e dos sindicatos reacionários; o erro consistiu em múltiplas manifestações dessa doença infantil do “esquerdismo” [...].

O “Partido Social-democrata Independente” alemão. carece, visivelmente, de homogeneidade; ao lado dos antigos chefes oportunistas (Kautsky, Hilferding e, pelo que se vê, em grande parte Crispien, Ledebour e outros), que demonstraram sua incapacidade para compreender a significação do poder soviético e da ditadura do proletariado e para dirigir a luta revolucionária deste, formou-se e cresce com singular rapidez, nesse partido, uma ala esquerda proletária. Centenas de milhares de membros do partido – que tem ao que parece cerca de 750 mil membros – são proletários que se afastam de Scheidemann e caminham a largas passadas em direção ao comunismo. Essa ala proletária já no Congresso dos Independentes, realizado em Leipzig, em 1919, propôs a adesão imediata e incondicional à III Internacional. Temer um “compromisso” com essa ala do partido é simplesmente ridículo. Pelo contrário, para os comunistas é obrigatório procurar e encontrar uma forma adequada de compromisso com ela, que permita, por um lado, facilitar e apresse a fusão completa e necessária com ela e que, por outro, não entrave de modo algum os comunistas em sua luta ideológica e política contra a ala direita oportunista dos “independentes”. É provável que não seja fácil elaborar uma forma adequada de compromisso, mas só um charlatão poderia prometer aos operários e aos comunistas alemães um caminho “fácil” para alcançar a vitória.

O capitalismo deixaria de ser capitalismo se o proletariado “puro” não estivesse rodeado de uma massa de elementos de variadíssimas graduações, elementos que representam a transição do proletário ao semiproletário [...], do semiproletário ao pequeno camponês (e ao pequeno artesão, ao biscateiro, ao pequeno patrão em geral), do pequeno camponês ao camponês médio etc., e se no próprio seio do proletariado não houvesse setores com um maior ou menor desenvolvimento, divisões de caráter territorial, profissional, às vezes religioso etc. De tudo isso se depreende imperiosamente uma necessidade absoluta – que tem a vanguarda do proletariado, sua parte consciente, o Partido Comunista – de recorrer à manobra aos acordos, aos compromissos com os diversos grupos proletários, com os diversos partidos dos operários e dos pequenos patrões. Toda a questão consiste em *saber* aplicar essa tática para *eleva*r, e não para rebaixar, o *nível geral* de consciência, de espírito revolucionário e de capacidade de luta e de vitória do proletariado. É preciso assinalar, entre outras coisas, que a vitória dos bolcheviques sobre os mencheviques exigiu da Revolução de Outubro de 1917, não só antes, *mas também depois dela*, a aplicação de uma tática de manobras, acordos, compromissos que, naturalmente, é óbvio, facilitavam e apressavam a vitória dos bolcheviques, além de

consolidar e fortalecê-los à custa dos mencheviques. Os democratas pequeno-burgueses (inclusive os mencheviques) vacilavam inevitavelmente entre a burguesia e o proletariado, entre a democracia burguesa e o regime soviético, entre o reformismo e o revolucionarismo, entre o amor aos operários e o medo da ditadura do proletariado etc. A tática *acertada* dos comunistas deve consistir em utilizar essas vacilações e não, de modo algum, em desprezá-las; para utilizá-las é necessário fazer concessões aos elementos que se inclinam para o proletariado – no caso e na medida exatos em que o fazem – e, ao mesmo tempo, lutar contra os elementos que se inclinam para a burguesia. Em virtude de seguirmos uma tática acertada, o menchevismo foi decompondo-se e se decompõe cada vez mais em nosso país; essa tática foi isolando os chefes obstinados no oportunismo e trazendo para o nosso campo os melhores operários, os melhores elementos da democracia pequeno-burguesa. Trata-se de um processo longo, e as “soluções” fulminantes, tais como “nenhum compromisso”, nenhuma manobra, só podem dificultar o crescimento da influência do proletariado revolucionário e o aumento de suas forças.

[...]